

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE HISTÓRIA

Felipe Teles Sampaio

Ensaio crítico sobre as experiências de indivíduos surdos: do uso das línguas de sinais ao das linguagens visuais das novas tecnologias da comunicação

Rio de Janeiro

2019

Felipe Teles Sampaio

Ensaio crítico sobre as experiências de indivíduos surdos: do uso das línguas de sinais ao das linguagens visuais das novas tecnologias da comunicação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andrea Daher

Rio de Janeiro

2019

Agradecimentos

Preciso agradecer à Thayná Fuly, minha companheira, que esteve presente durante todo o processo de produção deste trabalho. Ouviu, debateu, aconselhou. Fundamental.

Importante deixar registrado meu agradecimento à professora Andrea Daher. Além de inspiradora, importante fonte de motivação.

Essas mulheres me construíram para este trabalho. Obrigado.

Resumo

SAMPAIO. Felipe Teles. **Ensaio crítico sobre as experiências de indivíduos surdos**: do uso das línguas de sinais ao das linguagens visuais das novas tecnologias da comunicação. Rio de Janeiro, 2019. Monografia (Curso de Graduação em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

O crescente interesse pelo campo dos “estudos surdos” tem motivado interessantes publicações principalmente nas áreas da educação e linguística. Muitos autores reproduzem uma narrativa simplista na qual a “história dos surdos” se resume a períodos em que eles eram desprezados por milênios, valorizados num segundo momento tido como glorioso, novamente oprimidos obrigados a oralizar, e, finalmente, são “resgatados” em tempos recentes quando as línguas de sinais foram reconhecidas e se tornaram objetos de estudo. Este trabalho aponta algumas incoerências e anacronismos dessa narrativa tradicional, apresenta uma abordagem crítica sobre a experiência de pessoas surdas enquanto sujeitos sociais ativos, e tenta relacionar tais experiências aos períodos históricos em que ocorreram. Para isso relata depoimentos de três pessoas surdas cariocas usuárias de tecnologias da comunicação e analisa, a partir disso, como o rápido desenvolvimento tecnológico da virada do século XX para o XXI foi recebido por elas. Na sua análise discute os conceitos de “povo surdo” e de “identidade surda” baseado nas obras de Strobel (2016) e Hall (2001). Conclui que a partir da valorização das línguas de sinais e do desenvolvimento das tecnologias da comunicação pessoas surdas puderam complexificar suas relações sociais e aumentar o alcance de ideias antes restritas a poucas pessoas usuárias de Libras.

Lista de siglas

ASGF	Associação de Surdos da Grande Florianópolis
ASMG	Associação dos Surdos de Minas Gerais
ASMRGS	Associação dos Surdos-Mudos do Rio Grande Do Sul
ASSP	Associação dos Surdos de São Paulo
ASURJ	Associação de Surdos do Rio de Janeiro
AVEA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BSL	British Sign Language
EaD	Educação à Distância
FENEIDA	Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
INOSEL	Instituto Nossa Senhora de Lourdes
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
INSM	Instituto Nacional de Surdos Mudos
LSCB	Língua de Sinais de Centros Urbanos Brasileiros
LSI	Língua de Sinais Internacional
SMS	Short Message Service
TDD	Telephone Device for Deaf
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
VHS	Video Home System
WFD	World Federation of the Deaf

Sumário

Introdução	6
CAPÍTULO 1 – Surdos na história: um panorama crítico	9
1.1 A narrativa canônica.....	9
1.2 O “11 de setembro dos surdos”.....	11
1.3 Educação de surdos no Brasil.....	14
1.4 “Comunidade surda” brasileira, para além da escola.....	20
1.5 Tecnologia da informação como mecanismo de ascensão social para surdos.....	24
CAPÍTULO 2 – Surdez e transformações tecnológicas: experiências de três surdos cariocas	28
2.1 Maria, 63 anos.....	28
2.2 Walter, 38 anos.....	32
2.3 Marcelo, 22 anos.....	35
CAPÍTULO 3 – Surdos na internet e a questão das identidades	39
3.1 A identificação entre surdos.....	39
3.2 Tecnologias da comunicação e surdez.....	44
Considerações finais	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
REFERÊNCIAS DE FONTES	54
Anexo I	55
Apêndices	99

INTRODUÇÃO

Sou tradutor e intérprete de Libras há mais de dez anos. Descobri ainda adolescente que pessoas surdas, aqueles que um dia julguei incapazes de falar, tinham muito a me ensinar. Com eles aprendi a me comunicar através de uma fantástica língua visual, que, com o tempo, se transformou em profissão. Aprendi a me expressar com o corpo, sem emitir palavra, e percebi o quanto essa forma de expressão pode ser libertadora. Das suas mãos escutei muitas histórias de contato tardio com língua de sinais, e de angústia pela demora para conseguir ser compreendido pela própria família. Das mesmas mãos conheci uma história de opressão milenar na qual surdos eram jogados de penhascos em tempos antigos, libertados da escuridão por um religioso francês contemporâneo da Revolução, condenados a oralizar por determinação de um congresso em 1880, e, em tempos recentes, tiveram suas línguas de sinais reconhecidas chegando ao ponto de a Língua Brasileira de Sinais ser considerada uma língua oficial do Brasil. Me sentia vivendo em um final feliz desse enredo de altos e baixos nas vidas dos surdos no mundo.

No momento de entrar na faculdade escolhi estudar História para investigar e aprender detalhes dessa bela história de vitória contra a discriminação social. Mas a universidade não me deu as respostas que esperava, pelo contrário, me fez duvidar da narrativa tradicional que tantas vezes vi em conversas, palestras e em textos acadêmicos. A partir da leitura de publicações críticas a esse etapismo histórico (especialmente as de Solange Rocha), comecei a questionar, inicialmente, a possibilidade de todos os surdos do mundo serem atingidos da mesma forma pela decisão de congressos mundiais – como o de Milão, em 1880 –, e a desacreditar que essa decisão tivesse força o suficiente para silenciar surdos de vários países durante mais de cem anos. Percebi que a história que me contaram passou por poucos crivos indispensáveis, que está repleta de anacronismos, e que por vezes chega a ser incoerente.

Este trabalho é uma contribuição historiográfica à crescente área dos assim chamados “estudos surdos” que conta com pesquisas muito bem desenvolvidas em áreas como pedagogia e linguística. As publicações, majoritariamente de viés educacional, têm como desafio propor os procedimentos mais adequados à educação de surdos. Os linguistas estudam peculiaridades interessantíssimas das línguas de sinais, e também buscam saber como se dá o processo de aquisição de linguagem de pessoas que não ouvem. No entanto, muitos desses importantes trabalhos foram produzidos tendo como base histórica aquela narrativa simplista, o que pode comprometer suas conclusões.

Uma categoria, a meu ver problemática, mas que tem sido repetida como verdade inquestionável tanto na academia quanto em conversas informais, é a de “povo surdo”. De acordo com essa visão todos os surdos do mundo representam uma mesma minoria étnico-cultural, sendo a surdez característica em comum que os une numa mesma identidade transnacional. De acordo com essa perspectiva teórica, os surdos que viveram no passado fazem parte do mesmo “povo” que os do presente, e foram oprimidos pela filosofia “ouvintista”¹, contra a qual os movimentos político-civis atuais têm lutado e conseguido se libertar.

Com a proposta de problematizar e aprofundar a abordagem historiográfica na área de “estudos surdos” apresento no primeiro capítulo desta monografia uma breve revisão da tradicional “história dos surdos”, apontando inconsistências na narrativa canônica e relacionando as pessoas surdas às sociedades das quais fazem parte. Parto do pressuposto de que não é possível fazer uma história única de todos os surdos, afinal, o mundo é composto por diferentes formas de organizações sociais, por vezes complexas, e me parece pouco razoável unificá-los numa mesma narrativa global devido a uma característica supostamente definidora.

Apresento aqui também uma investigação sobre as experiências de três surdos da cidade do Rio de Janeiro que viveram as transformações tecnológicas proporcionadas principalmente pela popularização do acesso à internet a partir dos anos 2000. Narro, no capítulo 2, aspectos da trajetória de pessoas com idades entre 22 e 63 anos para analisar suas estratégias de comunicação e interação no passado e no presente, e para tentar observar possíveis rupturas e continuidades nas suas relações tanto com outras pessoas surdas como com pessoas ouvintes.

O objetivo deste trabalho é argumentar que os surdos fazem parte da mesma sociedade que os ouvintes, e que separá-los como um “povo” à parte pode aprofundar a desigualdade social que põe quem ouve de um lado e quem não ouve de outro. As “etapas” da história tradicionalmente contada não podem ser destacadas das suas historicidades, quero dizer, os fatos nunca estão isolados. Estão sempre relacionados, minimamente, a um lugar (onde) e a um momento (quando) na história. Por isso, no terceiro capítulo analiso as entrevistas dialogando com aspectos do período histórico em que as transformações tecnológicas ocorreram e com aspectos da sociedade brasileira da qual os entrevistados fazem parte. Para

¹ SKLIAR 2016

essa análise também discuto no último capítulo o conceito de “identidade” ou “identificação” a partir das ideias de Stuart Hall (2001), e quais as implicações destes conceitos para os “estudos surdos”.

CAPÍTULO 1 – SURDOS NA HISTÓRIA: UM PANORAMA CRÍTICO

Não é de hoje que o tema da surdez e das pessoas surdas é abordado por ouvintes, como é o caso deste trabalho. Dois segmentos sociais, em especial, têm se dedicado mais do que quaisquer outros ao assunto: religiosos e educadores. Isso não acontece por acaso; durante muito tempo na história do Ocidente, esses dois papéis se confundiram e muitos missionários ensinaram as letras.. Desde os tempos medievais até o começo deste século, boa parte do que se pode ler sobre pessoas surdas foi escrito através das perspectivas religiosa ou educacional com a intenção de convertê-las e educá-las, permeadas por um discurso de superioridade em relação ao surdo “deficiente”. Em tempos mais recentes pessoas surdas tiveram mais oportunidades de participar da discussão sobre os próprios surdos na sociedade. Através de produções acadêmicas, entidades políticas e movimentos sociais, essas pessoas combatem a ideia de que são deficientes, e defendem que a surdez, na verdade, constitui um traço cultural dos surdos usuários de línguas de sinais. Como já foi dito, defendem a ideia de uma “identidade surda” que unificaria todos os surdos do mundo. A história dos surdos é contada sob essa perspectiva unificadora, encarando todos os surdos do passado como um só “povo”. Este texto pretende abordar a surdez utilizando relatos de pessoas surdas sobre suas próprias experiências em períodos específicos, entre a virada do século XX para o XXI, tentando aprofundar a discussão sobre identificação, e, conseqüentemente, trazendo novos elementos para a tradicional “história dos surdos”, relacionando-a com a história das sociedades nas quais as pessoas surdas viveram e vivem. Antes, porém, é necessário apresentar ao leitor um breve histórico das visões sobre a surdez, apontando alguns marcos e personagens importantes, segundo a mais tradicional linha do tempo a respeito dos surdos no mundo.

1.1 A narrativa canônica

Até a Idade Média, as crianças que não ouviam eram, em geral, postas à margem da sociedade, vistas como defeituosas e incapazes de aprender. Isso pode ser identificado no pensamento aristotélico que dá ao dom da palavra o status de inteligência humana que mais contribui para a uma sociedade “acabada”. Se o sujeito não ouve e não aprende a falar, não pode participar do desenvolvimento humano. (Aristóteles, *A Política*. 1, 1, p 4, 5) Quando há registros medievais sobre crianças surdas, geralmente apresentam uma visão de que elas não eram consideradas aptas para o trabalho, muito menos para a educação. Em uma sociedade onde a arte da retórica era fundamental para ascensão e reconhecimento social, aqueles que não eram capazes de ouvir e que não aprendiam a falar eram relegados ao esquecimento,

abandonados em asilos ou até mesmo sacrificadas quando lançados de penhascos ou navios em alto mar. (ASSIS SILVA 2012)

Essa concepção do surdo como uma caixa fechada, impenetrável, foi quebrada inicialmente por Gerolamo Cardano (1501-1576), matemático, médico e astrólogo italiano que elaborou estudos para aproveitar a condutibilidade óssea de indivíduos surdos. Apesar do foco fisiológico de seus estudos, Cardano concluiu que a surdez não é impedimento para aprendizagem por não comprometer a inteligência do indivíduo, e que essas pessoas poderiam receber educação focada no ensino de leitura e escrita. Seus estudos, porém, repercutiram muito pouco, na verdade, praticamente não tiveram reconhecimento em uma época em que o ensino estava reservado a poucos nobres e a maioria da população não tinha acesso à educação formal. Apesar disso, a concepção sobre a inteligência das pessoas surdas começou a se transformar. Um exemplo dessa mudança de perspectiva sobre a surdez está no trabalho do monge espanhol Pedro Ponce de Leon (1510-1584) que atendia crianças surdas filhas de famílias nobres ensinando-as a escrever e a pronunciar alguns sons. Apesar de Ponce de Leon não ter deixado muitos relatos sobre seus métodos e concepções teóricas, suas atividades indicam que o monge acreditava na capacidade intelectual dos que não ouvem. É considerado pela tradicional história dos surdos como o primeiro educador a se dedicar ao ensino de pessoas com surdez. (SILVA 2006)

Como citado, os estudos de Cardano e de Ponce de Leon não mudaram em praticamente nada a vida da maioria das pessoas surdas que não pertenciam à nobreza, pois continuavam sem instrução e muitas vezes sem trabalho, recorrendo à mendicância para sobreviver. Diferentemente do que o senso comum da época dizia, as pessoas surdas se comunicavam, tanto com ouvintes como entre si, utilizando gestos e mímicas que despertaram o interesse do abade francês Charles-Michel de L'Épée (1712-1789). Ele sistematizou os sinais usados por “surdos vagabundos” e utilizou-os para instruí-los e criar, em 1755, a primeira escola no mundo voltada para o público surdo, o Instituto Nacional de Surdos Mudos de Paris, na França. Ao oferecer ensino gratuito, De L'Épée foi considerado o pai da educação de surdos e seu protagonismo deu início à era de ouro das línguas de sinais, quando passa a ser utilizada como língua de instrução, inicialmente em Paris, e após poucos anos e bons resultados, o método gestual combinado (como ficou conhecido por combinar o ensino de língua escrita com o ensino de língua de sinais) foi exportado para diversos países no ocidente (*ibid.*). Hoje há uma estátua do abade em frente à escola. É interessante ver essa história das mãos de uma pessoa surda que, em geral, narra esse período com bastante orgulho e empatia.

Não sem razão, pois através dessa metodologia crianças surdas se desenvolveram a ponto de 50% dos funcionários do instituto ser composta por surdos. Na escola fundada por De L'Épée, além do francês escrito, se ensinava latim, uma outra língua estrangeira (inglês, italiano), além de conteúdos de geografia, álgebra, astronomia. Os alunos também aprendiam as chamadas artes de ofício, e saíam da escola aptos para o trabalho, tanto na própria escola como na comunidade, na crescente indústria das primeiras décadas do século XIX, ou até mesmo fundando escolas para surdos em outros lugares, propagando a proposta do método gestual em boa parte da Europa.

Apesar do sucesso dos institutos que utilizavam línguas de sinais na formação dos surdos e enxergavam nesses indivíduos capacidade de se desenvolverem, a ciência contemporânea desenvolvia-se no sentido da perfeição do corpo humano, perspectiva sob a qual os surdos ficavam em desvantagem. Esse processo é longo e remete ao início da ciência moderna que propunha estudar o universo comparando-o a uma máquina em que todos os processos funcionam mecanicamente como engrenagens, e cabia à ciência desvendar as leis que regiam tais processos. Aos poucos, cria-se um novo paradigma:

[...] a crença no paradigma homem-máquina, engendrada pela ciência moderna, vai excluindo os surdos do processo educativo e transformando-os em deficientes. Simultânea e contraditoriamente, o surdo que se expande e se organiza política e socialmente vai se tornando, ao mesmo tempo, objeto de pesquisa para a medicina, uma vez que, no novo paradigma, a surdez é uma anomalia orgânica e, portanto, sujeita à cura. (*ibid.*)

Faltando-lhes um dos sentidos, o ideal para sua educação seria focar na correção dessa "falha", transformando escolas em grandes ambulatórios. Carlos Skliar (2016) chama esse processo de “medicalização da surdez”, que teve como um dos grandes expoentes o médico Samuel Heinecke (1729 – 1784), fundador da primeira escola pública para surdos na Alemanha, e criador do que ficou conhecido como método oral. Sua metodologia era totalmente focada na articulação da língua oral, e também vinha sendo exportada para instituições de educação de surdos pelo mundo (ROCHA 2010). No fim do século XIX o embate metodológico estava posto: método francês (gestual combinado) *versus* método alemão (oral). Aqui chegamos a outro grande marco na narrativa tradicional da história dos surdos, o Congresso de Milão, em 1880.

1.2 O “11 de setembro dos surdos”

Esse evento é costumeiramente citado em estudos recentes como marco negativo que renegou aos surdos seus direitos linguísticos. A impressão que se criou acerca do congresso é

a de que ele impôs uma nova cultura mundial de padronização do surdo tomando o ouvinte como modelo - a chamada ideologia “ouvintista” (SKLIAR 2016), que durou mais de cem anos. Buscando maiores informações, não é difícil aprimorar esse entendimento, principalmente através de fontes documentais. A principal delas é o livro com as atas do congresso, disponível em português numa tradução da versão de língua inglesa. Primeiramente, nota-se que a discussão acerca da melhor metodologia para ensino de surdos não era a única pauta a ser debatida pelos representantes de escolas de surdos, ouvintes em sua ampla maioria, durante os dias 6 a 11 de setembro de 1880. Ela está na pauta juntamente com outros temas importantes, como idade ideal para o ingresso dos alunos nos institutos, duração do período escolar e incapacidade das famílias de arcarem com custos de sua educação. Mas a principal discussão era mesmo a respeito da melhor metodologia para educar surdos. Após inúmeras defesas de especialistas a favor do método oral, e apenas duas a favor do gestual, já no fim do primeiro dia de discussões, resolve-se: “Que se deve dar preferência ao Método Oral ao invés do método de sinais para a educação e ensino do surdo-mudo”². Aqueles dias de setembro, numa infeliz coincidência, são repetidas vezes considerados, na literatura sobre o tema, como o “11 de setembro” dos surdos, pois a partir daí narra-se um século de sofrimento e exclusão, em que as pessoas surdas eram proibidas de utilizar línguas de sinais, sendo até mesmo submetidas a castigos físicos, como terem suas mãos amarradas caso tentassem se comunicar de forma diferente da instituída pela escola, obrigadas a frequentar a escola apenas para aprender a falar e a escrever, colocadas à parte do ensino escolar dado aos alunos ouvintes.

Aqui precisamos interromper a narrativa canônica da história dos surdos para refletir um pouco sobre essa tentativa etapista e unificadora de se narrar uma história da educação de surdos no mundo. Nela, podemos observar uma narrativa romântica, que institui um passado glorioso e ideal para todos os surdos do mundo, interrompido por um grupo de vilões que, vencedores, impõem o mal àqueles que sofrerão, durante décadas, à espera de um herói que possa salvá-los das garras do “ouvintismo”. Nessa maneira simplista de narrar, tão comum em textos de especialistas brasileiros, inclusive, o papel de herói cabe ao linguista estadunidense William Stokoe, que publica em 1960 a obra *Sign Language Structure*, apontando semelhanças estruturais entre línguas de sinais e línguas orais, dando às primeiras estatuto de língua natural. Foi ele quem “libertou” os surdos da escuridão, mostrando a todos que De L’Épée estava certo e que as línguas de sinais são a melhor forma de comunicação para as

² ATAS: Congresso de Milão [de] 1880, p. 19.

peessoas surdas. Não há, entretanto, nada que evidencie um projeto internacional de normatização dos surdos. Muito menos deliberou-se no congresso que a utilização das línguas de sinais nas escolas ao redor do mundo fosse proibida ou combatida. Rocha faz a crítica desse “pensamento inquisidor” que, nos últimos anos, se aplicou ao Congresso de Milão:

É difícil imaginar, em qualquer campo do conhecimento, uma adesão tão linear e duradoura como vem sendo dito dos resultados de um Congresso. A ideia muito difundida é a de que a supressão da Língua de Sinais nos projetos educacionais para surdos derivou uma tragédia linguística muito cara aos surdos. A perspectiva é de que houve uma espécie de congelamento por um século de projetos públicos eficazes para o aluno surdo pela proibição do ensino pelos sinais. O que me parece ser uma questão relevante a ser investigada – porque encobre uma parte da história – é a de que os autores se debruçam sobre o Congresso desenvolvem suas críticas com base nas resoluções, deixando de examinar o modo pelo qual as instituições desenvolveram seus projetos educacionais para surdos pós-Milão. (2010, p. 105)

Essa maneira monolítica de contar a história dos surdos não é apenas amplamente difundida em trabalhos científicos no Brasil, mas também está presente no imaginário das pessoas que participam da “comunidade surda”. Isso, como afirma Rocha, acaba sendo contraproducente quando tentamos analisar historiograficamente os acontecimentos nos anos posteriores ao Congresso.

Ao preparar este trabalho, tive contato com obras bastante conceituadas na área dos “estudos surdos”, mas que infelizmente apresentam a história de maneira bastante superficial, como numa apostila preparada para alunos do curso de Letras-Libras EaD, com polos espalhados por 16 estados brasileiros. Escrita em 2009 por uma renomada autora da área, Strobel, a história da educação de surdos aparece, na apostila, resumida em uma linha do tempo de três fases assim enumeradas:

1. Revelação cultural: Nesta fase os povos surdos não tinham problemas com a educação. A maioria dos sujeitos surdos dominava a arte da escrita e há evidência de que antes do congresso do Milão havia muitos escritores surdos, artistas surdos, professores surdos e outros sujeitos surdos bem-sucedidos.
2. Isolamento cultural: ocorre uma fase de isolamento da comunidade surda em consequência do congresso de Milão de 1880 que proíbe o acesso da língua de sinais na educação dos surdos, nesta fase as comunidades surdas resistem à imposição da língua oral.
3. O despertar cultural: a partir dos anos 60 inicia uma nova fase para o renascimento na aceitação da língua de sinais e cultura surda após de muitos anos de opressão ouvintista para com os povos surdos. (STROBEL, 2009, p. 12)

Strobel apresenta a “história dos surdos”, unificando-os em “povos”. No capítulo 3 veremos como essa concepção pode ser problemática, e quais suas implicações para análises

de experiências vividas por pessoas surdas do Rio de Janeiro, na amostragem que privilegiamos aqui. Mas antes, vejamos como foram as tentativas de inseri-los na sociedade brasileira através da educação formal, a partir da segunda metade do século XIX.

1.3 Educação de surdos no Brasil

O início da história dos surdos brasileiros – tradicionalmente contada – se insere entre a primeira e segunda fase da linha do tempo da apostila de Strobel. Tudo começou quando o educador surdo francês Eduard Huet apresentou ao Imperador D. Pedro II uma proposta para criação de um instituto de educação de surdos, nos moldes do Instituto Nacional de Surdos Mudos de Paris, onde Huet se formara. Conta-se que o interesse do imperador no assunto se deu por causa de um familiar surdo e o desejo de que ele recebesse educação como um nobre, fato nunca comprovado. Isso teria motivado a parceria entre o governo brasileiro e Huet, que juntos fundaram a primeira escola para surdos no Brasil, o Instituto Imperial para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos, em 26 de setembro de 1857, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Este é considerado o mito fundador da história da educação de surdos no Brasil, por isso, na data de 26 de setembro comemora-se o dia nacional do surdo. Huet seria, dessa forma, a personificação da ligação entre as línguas de sinais francesa e brasileira, línguas que apresentam semelhanças estruturais dignas de nota.

Como já pudemos perceber, a história dos surdos e da Libras mistura-se com a história da educação de surdos. Através do INES, se institucionalizou uma forma de comunicação já existente anteriormente no Brasil, assim como o ocorrido através do instituto criado por Charles-Michel De L'Épée em Paris. Apesar de ser formado no berço do método combinado, e se basear nessa perspectiva para preparar a estrutura curricular do novo instituto, Huet não pôde se isentar quanto ao embate entre este método e o método oral que já acontecia nas escolas de surdos espalhadas pelo mundo. Na primeira tentativa de criação de uma escola para surdos no Rio de Janeiro, em 1º de janeiro de 1856, Huet apresentou o seguinte programa de disciplinas: Língua Portuguesa, Aritmética, Geografia e História do Brasil, escrituração Mercantil, Linguagem Articulada (aos que tivessem aptidão) e Doutrina Cristã. (ROCHA 2007) É interessante notar que Huet não se mostra abertamente favorável a um ou outro método, nem os antagoniza. As atividades de Linguagem Articulada, típicas do método oral, estavam destinadas somente aos alunos que apresentavam resquícios de audição suficiente para aprender uma língua oral. Aos demais, o método utilizado era o combinado. Além dessas disciplinas, o instituto inicialmente oferecia aulas de cunho profissionalizante voltadas à realidade da época: os meninos aprendiam técnicas agrícolas e as meninas técnicas de costura.

Huet permaneceu na direção do instituto desde sua fundação até 1861, quando deixou o cargo alegando motivos particulares. Os diretores que sucederam o educador francês pouco fizeram para a manutenção de qualquer metodologia de ensino, até que em 1868, a mando do Ministério do Império, o médico Tobias Rabello Leite inspecionou a escola e constatou que o ensino havia sido abandonado e o local funcionava apenas como asilo de surdos. No mesmo ano, o próprio Dr. Tobias assumiu interinamente a direção. Permaneceu na condição de interino por cinco anos quando foi efetivado, e foi diretor do instituto até o fim da vida em 1896, apesar da ruína do sistema político imperial em 1889. Com a passagem para o regime republicano, o instituto passou a se chamar Instituto Nacional de Surdos-Mudos (INSM).

Tobias Leite era adepto do método combinado. Apesar de, quando tomou posse, não ser especialista na área de educação de surdos, buscou obras de referência, principalmente em Paris, e estimulou o uso de sinais na escola. Leite reconhecia que era através dos sinais que os surdos-mudos preferiam se comunicar, e queria utilizá-los como apoio no ensino, principalmente de um ofício. É importante lembrar que no século XIX a educação formal ainda estava destinada a poucos, o analfabetismo era quase total e o país era essencialmente agrícola (*ibid.*). Tobias não parecia se prender ao método de ensino, seu foco estava em formar o surdo como um cidadão útil para a sociedade. Para a cadeira de Linguagem Escrita, tomou posse em 1871 o médico otorrinolaringologista Menezes Vieira, grande estudioso da área da surdez. Divulgou durante a vida inúmeros trabalhos nos quais defendia o método oral como ideal para ensinar surdos, principalmente no Brasil, já que para ele não fazia sentido ensinar uma língua escrita num país de analfabetos. Apesar da discordância metodológica, Leite e Vieira concordavam sobre qual era objetivo final da educação de surdos: formação profissional. Nas palavras de Leite, o ensino poderia ser na forma

Escripta e vocal artificial. A preferência entre estas duas linguagens é o ponto que se debate entre as duas escolas da Europa, a alemã e a franceza. Não vem ao caso expor os argumentos que de parte a parte tem sido apresentados: basta-me dizer que a linguagem escrita é fácil tanto ao surdo-mudo congênito, como ao accidental, e que a linguagem articulada artificial, sendo possível nos segundos, só por excepção o é nos primeiros, e sempre tão imperfeitamente, que só por curiosidade é tolerável. (LEITE 1869, *apud* ROCHA 2007)

A ideia de que o Instituto Nacional de Surdos Mudos abraçou indiscriminadamente a proposta oralista por determinação do Congresso de Milão cai por terra quando confrontada com as fontes. O debate a respeito da metodologia estava vivo dentro da escola, mesmo depois das resoluções do Congresso já terem sido divulgadas. Isso fica evidenciado no *Livro de Atas e Pareceres da Câmara de Instrução* de 1884. Enquanto o Dr. Tobias Leite defendia

que a escola deveria focar na aquisição da linguagem escrita e de um ofício, Menezes Vieira defendia que o foco deveria ser na aquisição de linguagem oral e um ofício. As decisões do congresso de Milão ecoaram por todo o mundo, e chegaram ao Brasil não como imposição ou obrigação, mas sim como uma das diferentes propostas possíveis para educar os surdos. Se houve características marcantes na metodologia do instituto, tanto antes quanto depois do Congresso de Milão, essas certamente foram o foco na profissionalização dos alunos, e ao menos até metade do século seguinte, a aquisição de uma linguagem escrita. Esse foi o caminho que marcou a tentativa da escola para integração dos alunos surdos à sociedade até a virada do século.

O conceito de “isolamento cultural” citado na apostila de Strobel, tão presente na narrativa mais comum sobre os surdos no Brasil, também não encontra base em pesquisa documental. Um exemplo disso é a quantidade de alunos surdos que, ao se formarem, retornavam ao instituto como repetidores, ou funcionários em outras áreas. A função de repetidor passou por inúmeras reformulações regimentais, mas basicamente dizia respeito ao trabalho de monitoria, auxiliando o professor regente na repetição das lições dadas e no acompanhamento dos alunos surdos nos intervalos e até mesmo durante o tempo em que aqueles que estudavam em regime de internato dormiam na escola. (*ibid.*) Com surdos adultos trabalhando nessa função, em intenso contato com crianças surdas, é razoável concluir que eles se comunicavam utilizando sinais, e que o instituto não proibia este tipo de comunicação. Ex-alunos surdos atuaram também em funções como despenseiro e mestre de ofício de sapateiro. Solange Rocha registra os profissionais surdos que passaram pelo instituto antes da virada do século XIX para o XX: Espiridião Gonçalves Fiúza 1864-1868, Tobias Marcellino de Lemos 1864-1868, Maria Pereira de Carvalho 1864-1868, João Flávio de Azevedo 1869-1871 (despenseiro), Joaquim Maranhão 1871 (mestre de ofício), Flausino José da Gama 1872-1878 e Gustavo Gomes de Mattos 1880-1889. A reentrada de ex-alunos como funcionários ou como professores da escola é mais uma evidência da forte influência que a escola de surdos de Paris exerceu sobre a escola do Rio de Janeiro. Assim como o instituto francês que formou professores capacitados até mesmo para fundar outras escolas para surdos, como é o caso de E. Huet, a escola brasileira também já tinha muito do que se orgulhar logo nas primeiras décadas de funcionamento. Um grande modelo para crianças surdas de sua época, o ex-aluno Flausino José da Gama foi o autor do primeiro compilado dos sinais utilizados por alunos e funcionários do instituto, a *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos* de 1875, que tinha como objetivo, segundo a introdução do diretor Tobias Leite (*apud* ROCHA, 2007, p. 41),

“Vulgarisar a linguagem dos signaes, meio predilecto dos surdos-mudos para a manifestação dos seus pensamentos”.

Nas primeiras décadas do século XX, observamos a manutenção das ideias de Tobias Leite na administração do maior instituto de ensino de surdos no Brasil. No regulamento da instituição aprovado em 1901, ficara definido que os alunos teriam direito a 50% do lucro sobre a venda dos produtos por eles fabricados nas oficinas, e o sucesso dos produtos saídos da escola foi tão grande que, em 1925, o Departamento Nacional de Ensino mudou o estatuto do instituto para a classe de “estabelecimentos profissionalizantes”. Com aulas de sapataria, marcenaria e encadernação para meninos, e de bordado e costura para meninas, muitos dos alunos egressos tiveram oportunidade de criar suas próprias oficinas e se manter com sua própria profissão. Com a transformação do perfil da instituição para o ensino técnico, a utilização do método oral se tornou pouco compatível com os objetivos propostos, mas ainda assim tinha seu espaço. Sob a gestão do diretor Armando de Paiva Lacerda (1930-1947), os alunos eram divididos entre aqueles que tinham e aqueles que não tinham capacidade comprovada de desenvolver a linguagem articulada. Para os primeiros, o foco do ensino era estimular a capacidade de fala e, para os segundos, o ensino deveria visar o desenvolvimento da escrita (ROCHA 2010). É importante destacar que o uso da linguagem gestual não era proibido nem estimulado. Era a forma preferível de comunicação entre surdos, e comumente utilizada como uma espécie de muleta comunicacional, quando os professores utilizavam a datilologia³ para se fazerem entender durante aulas profissionalizantes ou até mesmo nas de ensino da língua portuguesa escrita. Mas a estrutura gramatical da então chamada “linguagem sinalizada” é diferente da língua portuguesa, o que, segundo os críticos, atrapalhava a construção textual dos alunos surdos. De qualquer modo, ambos os lados da discussão defendiam a formação de cidadãos socialmente ativos e produtivos.

Alguns episódios podem nos ajudar a pensar novamente sobre o suposto isolamento cultural vivido pelos surdos durante meados do século XX. Como é largamente sabido, ao fim da Segunda Grande Guerra, o mundo se dividiu em dois blocos, o socialista, liderado pela União Soviética, e o capitalista, liderado pelos Estados Unidos, ao qual o Brasil se alinhou. O clima de tensão mundial estava presente na política do país, mais ainda na sua capital, o Rio de Janeiro, e os surdos do instituto não ficaram alheios. O INSM recebia à época alunos de toda parte do território nacional, atendia-os em regime de internato, e muitos deles só

³Datilologia ou alfabeto manual são termos utilizados para os sinais que representam letras do alfabeto.

voltavam para suas cidades de origem durante as férias escolares. A convivência dos alunos era intensa, passando o ano letivo inteiro em contato permanente com professores, funcionários e possivelmente com visitantes ilustres. No ano em que tomou posse, 1946, o presidente Eurico Gaspar Dutra conseguiu pôr o Partido Comunista na clandestinidade, tornando ilegais as atividades de seus membros, entre eles alguns deputados e senadores (FAUSTO 2006). O diretor do instituto, Dr. Armando Lacerda, era bastante envolvido com as questões políticas nacionais (seu primo Carlos Lacerda governou o estado da Guanabara de 1960 a 1965), principalmente com o Partido Comunista, e chegou a abrigar alguns de seus membros dentro do instituto, como o deputado Trifino Correia (seu cunhado) e o senador Luis Carlos Prestes. Não demorou muito para sua ação ser denunciada e, em 1947, Lacerda foi exonerado do cargo de diretor. Em seu lugar, o governo federal pôs alguém mais alinhado com a política de Dutra, o linha-dura Antônio Carlos de Mello Barreto, que dirigiu o instituto de 1947 a 1951. Durante sua gestão, Barreto teve que lidar com a insatisfação dos alunos, que lamentavam a saída de Lacerda e estavam desgostosos com a forte disciplina imposta pelo novo diretor. Na madrugada de 6 de outubro de 1950, um motim marcou a história do instituto. O jornal *O Globo* narrou da seguinte forma o ocorrido:

Em dado momento, depois que grande parte dos internos já havia se recolhido ao leito, [o inspetor Hildeberto Martins] notou que em alguns compartimentos as lâmpadas eram acesas e apagadas seguidamente, já desconfiando de que algo estaria para acontecer permaneceu do lado de fora de um dos alojamentos, próximo dos interruptores das lâmpadas dos corredores, a fim de guarnece-lo. Mal tomava aquela providência, os alunos, que já haviam desligado as lâmpadas de todos os alojamentos, em correrias os abandonaram e, após agredi-lo, também desligaram as lâmpadas dos corredores e no escuro se dirigiam para o pavimento térreo, onde depredaram a seção disciplinar, o gabinete do diretor, a secretaria e outras dependências. (...) Os amotinados já haviam quebrado camas e até atirado os colchões do 3º pavimento. Quando avistaram os policiais puseram-se em silêncio e foram para a cama. Interrogados por mímica pelos professores e inspetores, negaram que tivessem cometido depredações. (O GLOBO, 06/10/1950, p.1)

A reportagem apresentou três possíveis razões para a revolta dos alunos: por protesto contra maus tratos sofridos nas mãos dos inspetores de disciplina; por influência subversiva de professores comunistas descontentes (inclusive o ex-diretor Armando Lacerda), segundo declaração do diretor Barreto ao jornal; e, até mesmo, por conta de uma comemoração da vitória parcial de Getúlio Vargas nas eleições daquele ano.. De qualquer forma, cerca de vinte alunos, identificados simplesmente pelo número da matrícula, foram indicados como responsáveis e penalizados com suspensão. Além disso, na mesma edição do jornal que noticia o fato, o Ministro da Educação Clemente Mariani anunciou que criaria uma comissão

para averiguar as condições do instituto e apurar os acontecimentos. Entre os membros dessa comissão estava a professora Ana Rímoli, posteriormente nomeada diretora do instituto.

A gestão de Ana Rímoli de Faria Dória no Instituto Nacional de Surdos Mudos (1951-61) é marcada por grandes avanços na área da “pedagogia emendativa”, como na época era chamada a atual “educação especial”. Com boas relações com o governo federal, Rímoli liderou uma grande interiorização e expansão da educação para surdos. Na verdade ela estava cumprindo uma determinação do regulamento de 1944 do instituto, quando apresenta entre suas finalidades a promoção de alfabetização de surdos em todo país e o protagonismo na formação de professores e profissionais para atuar na área. Como metodologia de ensino, a diretora não tinha dúvida da capacidade da ciência, em amplo desenvolvimento, e apostou todas as suas fichas no método oral puro, no qual o foco principal era o desenvolvimento da fala e da habilidade de leitura labial. Para executar seus planos de propagação da educação de surdos pelo Brasil, Ana contou com apoio da professora uruguaia radicada em Buenos Aires, Ângela de Liza Brienza, cujo argumento principal era de que os surdos tinham o direito de se comunicar com todos os filhos da pátria, utilizando a língua da pátria.

Na época do centenário do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em 1957, Rímoli não mediu esforços junto ao governo federal para alterar seu nome para Instituto Nacional de Educação de Surdos. O antigo nome já não estava mais de acordo com as concepções e os objetivos do instituto, até mesmo porque com a tecnologia e a metodologia hegemônica da época era bastante possível ensinar o surdo a oralizar e o termo “mudez” já estava defasado. Num período em que o Brasil demonstrava grande ascensão econômica, Ana Rímoli conquistou um importante espaço nos planos do governo para a área da educação de surdos. Um exemplo disso é a Campanha para Educação do Surdo Brasileiro, instituída por decreto assinado por Clóvis Salgado e Juscelino Kubitschek, Ministro da Educação e Presidente da República, respectivamente. Essa campanha intensificou o trabalho de formação de professores e de assessoramento que o instituto vinha fazendo até então, com o intuito de “organizar, financiar e executar planos de proteção e ajuda aos deficientes da audição e da fala” (Decreto nº 42.728, de 3 de Dezembro de 1957). De acordo com Rocha, esta campanha não teria sido possível sem o trabalho de formação de profissionais para atuarem nas diferentes regiões do país, o que o Curso Normal, fomentado por Rímoli, vinha fazendo desde o primeiro ano de sua gestão. Esse projeto preparou terreno para que os surdos pudessem participar da educação regular em todo país. (ROCHA 2010) Durante o período considerado o ápice da “ideologia ouvintista” a educação de pessoas surdas passou a ser uma política

pública nacional, e entrou na pauta de governos estaduais com a criação de escolas especializadas para surdos.

1.4 “Comunidade surda” brasileira, para além da escola

É interessante notar que na mesma década de 1950, em que a bandeira do método oral puro para educação de surdos era levantada em novas escolas pelo país, surgiram também várias associações de surdos, principalmente nas regiões sul e sudeste. As associações de surdos de São Paulo (ASSP, 1954), do Rio de Janeiro (ASURJ, 1955), do Rio Grande do Sul (ASMRGS, 1955), de Florianópolis – SC (ASGF, 1955), e de Minas Gerais (ASMG, 1956) foram fundadas na época em que os surdos frequentavam escolas que desestimulavam a utilização da língua de sinais em prol da comunicação oral. Desestimulavam, mas não proibiam.

No filme *Mundo sem Som*, lançado em meio a Campanha para Educação do Surdo Brasileiro, o cineasta Aloízio Carvalho apresenta o INES num documentário cheio de otimismo sobre o trabalho realizado no instituto e sobre a tecnologia utilizada para ensinar o surdo a falar. (*ibid.*) Mas quando o filme apresenta imagens espontâneas dos surdos na escola estes estão sempre conversando por meio de sinais. Essas conversas certamente não se encerravam na escola, muito menos quando os alunos se formavam. Era bastante comum que surdos se encontrassem para socializar, trocar experiências e bater papo em língua de sinais.

A história da criação das associações de surdos segue mais ou menos o mesmo roteiro: surdos que, em geral, se conheceram numa escola para surdos combinavam de se reencontrar e manter contato com seus ex-colegas. Como os contatos foram ficando cada vez mais regulares, surgiu a ideia de oficializar os encontros através de uma associação para que seus membros pudessem se unir para a aquisição de uma sede própria. A primeira nesses moldes foi a ASSP, curiosamente inspirada na *Asociación de Sordomudos de Ayuda Mutua* de Buenos Aires, mesma cidade de onde Ana Rímoli recrutou sua grande apoiadora entusiasta do método oral puro, Ângela de Liza Brienza. Não é o objetivo deste trabalho estabelecer relações entre os métodos de ensino utilizado nas escolas de surdos e a criação das associações de surdos, o que exigiria uma pesquisa bem mais aprofundada, mas chama a atenção aqui a simultaneidade do crescimento do método oral e do número de associações de surdos. Pelo visto, enquanto institucionalmente se acreditava cada vez mais na oralização e no desenvolvimento da tecnologia para alcançá-la, o público-alvo dessas instituições, os surdos,

se organizava fora delas para utilizarem de forma livre e espontânea a sua mais confortável forma de se comunicar, língua de sinais.

É possível encontrar em Rocha (2007, 2010) bom material historiográfico para reflexão. Foram expostas acima suas principais análises, pois a autora aborda a história da educação de surdos de maneira complexa e relacionada com acontecimentos que se desenrolaram fora das escolas de surdos. Isso é raríssimo em textos sobre o tema, o que pode ser frustrante para um historiador iniciante, mas ao mesmo tempo mostra as potencialidades de um vasto campo de estudos, no qual as pesquisas costumam se manter dentro dos muros institucionais. Rocha concentra suas análises no período que vai da criação do Instituto Imperial de Surdos-Mudos até a gestão de Ana Rímoli. Para apresentar aqui um panorama histórico a partir dos anos 1960, foram consideradas algumas obras de menor rigor metodológico, somadas, porém, a depoimentos e memórias daqueles que viveram esses tempos, de modo a compor uma perspectiva mais adequada.

Os anos 60 do século XX são apontados como o período da libertação dos surdos do sofrimento em que, supostamente, vinham sendo jogados, por conta do obscurantismo cultural dos ouvintes, desde o Congresso de Milão, em 1880. Como citado, o marco principal dessa mudança de perspectiva é o lançamento do livro *Sign Language Structure*, de William Stokoe, que lança uma nova visão sobre aquela forma de comunicação dos surdos, até então chamada de mímica ou gestos. Afirmando-a como língua, Stokoe inaugurou um campo de estudos que não parou de crescer e tem chamado atenção de cada vez mais pesquisadores: a linguística das línguas de sinais. Esse novo campo de estudos não demorou a ecoar nas escolas de surdos e abalou a hegemonia do oralismo como metodologia de ensino. As escolas que concentravam seus esforços em ensinar o aluno surdo a oralizar e a ler lábios, e que inibiam o uso de sinais em sala de aula – por vezes com agressividade, numa época em que não era incomum encontrar palmatórias para disciplinar crianças e adolescentes nas escolas brasileiras –, ao longo da década de 70, passaram a aceitá-los com menor resistência. Aos poucos uma metodologia conhecida como “Comunicação Total” foi ganhando espaço nesses locais:

Enquanto filosofia pedagógica dominante, o oralismo entra em declínio com a emergência da comunicação total, cujo objetivo fundamental da educação deixa de ser a aquisição da língua oral. Diversos modos de comunicação passam a ser utilizados conjuntamente, como a língua de sinais, a oralidade, a leitura labial, o desenho, a mímica, o teatro, a escrita e quaisquer outros modos de comunicação possível na sala de aula, porque o importante passa a ser o conteúdo a ser transmitido, e não mais o modo. (ASSIS SILVA, 2012, p. 36)

A crescente aceitação das até então chamadas “linguagens de sinais” é representada num filme muito conhecido entre a comunidade surda brasileira, “E Seu Nome é Jonas” (*And Your Name Is Jonah*, de Richard Michaels, 1979). A história narra a vida de uma família que não sabe o que fazer para educar seu filho surdo. Numa confusão médica, inicialmente o garoto é internado numa instituição para deficientes mentais; depois de se mostrar bastante irritado e inquieto, volta para casa, levando seus pais a conflitos sobre como estimular o seu desenvolvimento. Jonas é então matriculado num instituto de metodologia oralista onde também não apresenta bom aprendizado, e permanece agitado na relação com os pais. Com vergonha do filho, o pai abandona a família. O ápice da narrativa é o momento em que o garoto começa a frequentar uma escola para surdos na qual se aceita a utilização dos sinais. Jonas finalmente se sente confortável ao conversar com as mãos entre seus pares, e pouco tempo depois, também com sua mãe, que aprende a ASL (*American Sign Language*). Essa história é semelhante à de vários surdos no Brasil e isso talvez explique a popularidade do filme entre eles.

Com a expansão do ensino para surdos no Brasil, profissionais da área identificaram a necessidade de uma instituição que representasse os interesses dessa causa nacionalmente. Com destaque para profissionais ouvintes do Rio de Janeiro, muitos educadores e representantes de associações de surdos uniram forças para a criação, em dezembro de 1977, da FENEIDA – Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo. A federação contou com pouco apoio financeiro das entidades filiadas, e careceu também de apoio político daqueles que diziam representar, os próprios surdos. Num movimento político interno liderado por Ana Regina e Souza Campello, surdos filiados criaram a *Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos*, buscando maior participação política nas tomadas de decisões da FENEIDA. Com o crescimento da pressão por protagonismo da pessoa surda na entidade e a eleição de Campello para a presidência em 1987, a federação buscou participar também nas tomadas de decisões a respeito das pessoas surdas em instâncias maiores na sociedade brasileira. Para tal, reuniram-se os membros diretores e representantes de entidades filiadas de cerca de oito estados, que decidiram pôr fim à federação existente, e fundar, no mesmo momento, uma nova: a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS). A nova entidade, fundada nas bases da anterior, trazia uma diferença importante, além do nome. A FENEIS tem por característica manter em sua diretoria uma maioria de pessoas surdas,

reafirmando-os como sujeitos plenos, detentores de direitos. Assis Silva cita o site oficial da entidade⁴:

Em 1983, a Comunidade Surda criou uma *Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos*, um grupo não oficializado, mas com um trabalho significativo na busca de participação nas decisões da diretoria da Feneida. Até então esse direito lhes era negado por não se acreditar na capacidade de que poderiam coordenar uma entidade. Mas não demorou muito, e devido à grande credibilidade adquirida, a Comissão conquistou a presidência da Feneida. (<http://www.feneis.org.br/page/historico.asp> acesso em 07/07/2012). (ASSIS SILVA 2012, p. 188)

No relatório da FENEIS de 1988, a então presidente Ana Regina Campello explica as razões para a fundação da nova entidade, e dá pistas sobre quais rumos ela tomaria dali em diante:

Consideramos da maior importância as colaborações que recebemos e queremos continuar recebendo das pessoas que ouvem. Mas consideramos também que devemos assumir a liderança de nossos problemas de forma direta e decisiva à despeito das dificuldades que possam existir relacionadas à comunicação. (*op. cit.*)

A partir de então, a FENEIS assumiu o protagonismo da sua proposta de representação das pessoas surdas no Brasil, participando em diversos eventos e instâncias cujas temáticas envolviam o tema das pessoas com deficiência em geral, e o tema da surdez em específico. Durante seus primeiros meses de funcionamento esteve presente em congressos, seminários, audiências públicas, associações, eventos políticos. Se mostrou ativa e foi apoiada não só por surdos de diversas partes do país, através de suas associações locais, como também passou a ser reconhecida por grandes entidades nacionais como representante significativa de uma parcela da população, além de se inserir no debate internacional se filiando à WFD (*World Federation of the Deaf* – Federação Mundial de Surdos).

O reconhecimento da federação nacional crescia na mesma medida em que avançavam as pesquisas científicas no campo da língua de sinais e do que se convencionalizou mais tarde chamar de “estudos surdos”. A própria FENEIS é uma grande divulgadora de artigos da área de estudos da surdez, publicando os resultados das pesquisas em seus periódicos. Uma das primeiras pesquisadoras do assunto no Brasil, Lucinda Ferreira Brito, fez uma sistematização unificada das línguas de sinais do país, principalmente das grandes cidades, que chamou de “Língua de Sinais de Centros Urbanos Brasileiros” (LSCB). Baseada em estudos sobre línguas de sinais como os de Brito e do neurologista e escritor Oliver Sacks – que apontavam que a surdez devia ser encarada como uma diferença cultural e não mais como uma

⁴ Infelizmente, no momento da produção deste trabalho, o site se encontrava em manutenção, impossibilitando a obtenção rápida de informações atualizadas.

deficiência, e que a língua de sinais merecia assumir o estatuto de língua natural –, a FENEIS angariou respaldo suficiente para, em pouco tempo, falar em nome da comunidade surda do Brasil, inclusive em solenidades governamentais. Fez parte, inclusive, do processo de discussão sobre a Constituição Federal de 1988, estando presente em reuniões para tratar do direito das pessoas com deficiência no país.

Participou ativamente da discussão sobre a chamada “Lei de Libras” (Lei 10.436, 24 de abril de 2002), cujos trâmites legislativos se iniciaram no senado em 1996. Essa lei reconhece Libras como língua da “comunidade de pessoas surdas do Brasil” e garante a essa comunidade o direito a ter atendimento adequado em instituições públicas. O decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a lei, detalha ainda mais a responsabilidade do poder público ante as pessoas surdas, para garantir-lhes o direito de estudar e ser recebidas em órgãos públicos utilizando Libras como língua de comunicação.

Essa legislação representou uma inserção dos surdos nas universidades, como nunca antes visto. Além de prioridade como alunos, eles também conquistaram o direito de serem prioritariamente selecionados para dar aulas de Libras em escolas e universidades. Este decreto instituiu também a criação dos cursos de Letras Libras que, na sua primeira turma, formou cerca de 390 surdos através do curso à distância ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina a partir de 2006, com polos espalhados por 16 estados (QUADROS, STUMPF 2014). Os alunos egressos dessas turmas foram fundamentais na implantação da legislação, principalmente no que diz respeito ao ensino de Libras em universidades como disciplina obrigatória em alguns cursos, além de participarem ativamente da criação de cursos presenciais de Letras Libras.

1.5 Tecnologia da informação como mecanismo de ascensão social para surdos

É interessante notar como o desenvolvimento científico está fortemente ligado à recente ascensão social das pessoas surdas. Os já citados estudos linguísticos e culturais, que afirmam serem os surdos uma comunidade étnico-cultural com língua e costumes próprios, formaram a base para sua afirmação política e luta por direitos. Mas outro fator nessa recente ascensão social dos surdos não pode ser desconsiderado. Novas criações no campo da tecnologia da informação foram um importante impulso na busca dos surdos por independência e protagonismo. Até meados dos anos noventa, os surdos estavam praticamente fadados a se comunicarem apenas pessoalmente, já que, em geral, utilizam uma língua visual e a tecnologia disponível até então possibilitava a comunicação à distância somente por voz.

Aos surdos restava apenas troca de cartas para comunicação à distância, um diálogo ao vivo parecia ser algo exclusivo para ouvintes que contavam com uma tecnologia utilizada amplamente durante boa parte do século XX, o telefone. Para comunicação instantânea com alguém que não estava próximo, os surdos dependiam de alguma pessoa ouvinte para telefonar, e dificilmente conversavam um com outro do outro lado da linha.

Um dos primeiros aparelhos criados para amenizar esse problema foi o TDD (*Telephone Device for Deaf* – Aparelho de Telefone para Surdos), mecanismo que transforma em voz o texto digitado em um grande teclado, no qual se acopla o fone de um aparelho telefônico comum, e transforma em frases escritas o que é dito. O TDD foi um passo importante na comunicação independente de pessoas surdas, porém o aparelho custava caro e ainda não superava uma barreira muito comum à vida de surdos brasileiros, a língua portuguesa. Para muitos deles, a língua em que se sentem mais confortáveis é Libras, e a comunicação em português escrito pode ser um limitador, já que a falta de contato com a forma oral da língua dificulta seu aprendizado na forma escrita. Por esse motivo o TDD servia apenas para recados curtos e frases simples, os surdos ainda não podiam utilizar língua de sinais para se comunicar à distância. Esse quadro começou a mudar com a popularização de aparelhos celulares no começo dos anos 2000. O serviço de SMS (*Short Message Service* – Serviço de Mensagem Curta) possibilitou aos surdos uma experiência de comunicação à distância instantânea por valores acessíveis. Operadoras de telefonia celular chegaram a criar pacotes específicos para surdos que ofertavam nenhum minuto sequer de ligação, em contrapartida barateava o custo por cada mensagem enviada⁵. Os surdos não dependiam mais exclusivamente de um aparelho fixo para se comunicarem a distância em português, mas a língua ainda era uma dificuldade considerável.

Para conversar usando línguas de sinais, os surdos não deixaram de utilizar a invenção tecnológica que revolucionou a comunicação humana recentemente, a internet. Ainda durante os anos 2000, o acesso a computadores com internet cresceu de maneira exponencial no Brasil e no mundo⁶, proporcionando aos surdos sinalizantes uma experiência comunicacional nunca testada. Através de vídeo-chamadas em aplicativos muito comuns e de fácil instalação, eles poderiam conversar com pouca ou nenhuma limitação. A notícia se espalhou rápido e os

⁵O *Globo*, “Surdos poderão ter desconto obrigatório para torpedos”. 07/03/2012.

<https://oglobo.globo.com/economia/surdos-poderao-ter-desconto-obrigatorio-para-torpedos-4245464> acessado em 04/07/2019.

⁶De acordo com a União Internacional de Telecomunicações, entre 2000 e 2015 o número mundial de usuários de internet passou de 400 milhões para 3,2 bilhões. <https://nacoesunidas.org/em-15-anos-numero-de-usuarios-de-internet-passou-de-400-milhoes-para-32-bilhoes-revela-onu/> (acesso em 26/07/2019).

surdos entraram de vez na internet em pouquíssimo tempo. Logo havia sites de bate papo, através de vídeo chamadas, repletos de surdos conversando em grupo com pessoas de diversos países. Esse contato com pessoas surdas espalhadas pelo globo pode ter fortalecido a ideia acadêmico-política de que o surdo pertence a uma comunidade cultural, a comunidade surda ou a um povo, o “povo surdo”.

A tecnologia da comunicação se desenvolveu de maneira meteórica nos últimos trinta anos e os surdos foram amplamente beneficiados pela facilidade de contato visual que ela proporcionou. Um exemplo disso é o próprio curso de Letras Libras EaD da UFSC, inaugurado em 2006, fundamentalmente baseado em ferramentas tecnológicas disponíveis a época (vídeo-aulas à distância, ambiente virtual de aprendizagem, gravação de avaliações e exercícios em vídeos, etc.), que possibilitou pessoas surdas estudarem em uma língua visual, facilmente acessível, além de manter contato frequente com outros surdos espalhados pelo país.

Acredito que a ascensão social das pessoas surdas esteja relacionada não apenas ao que pesquisas acadêmicas recentes afirmam – considerando-as pertencentes a uma minoria “diferente”, não mais “deficiente” – e ao impacto dessas pesquisas nas recentes decisões políticas que valorizaram a Libras. O fato de surdos poderem relacionar-se entre si de maneira complexa, independentemente de onde estejam, também foi fundamental nesse processo. Possibilidade que já estava acessível às pessoas que ouvem desde o início do século XX e que se desenvolveu lentamente durante aquele século. Por sua vez, a tecnologia que possibilitou ao surdo se comunicar à distância se desenvolveu numa velocidade absurda, proporcionando mudanças radicais na forma dos surdos se relacionarem entre si e com a sociedade em geral, em pouquíssimas décadas.

Na tentativa de analisar como estes indivíduos perceberam tamanha transformação em tão pouco tempo, foram entrevistadas três pessoas surdas moradoras do Rio de Janeiro, para que fosse possível observar suas práticas antes, durante e depois das transformações tecnológicas na comunicação, no Brasil. Como será visto, o primeiro deles, com idade próxima aos 20 anos, encara a comunicação à distância de maneira bastante natural, como parte do seu dia-a-dia desde a adolescência. O segundo, com idade próxima aos 40 anos, acompanhou a transformação tecnológica durante a sua juventude e se encantou com as possibilidades que a internet lhe oferecia. A última, com idade pouco superior a 60 anos,

relata que viveu durante muito tempo num isolamento difícil e dependente, mas que o desenvolvimento da tecnologia a ajudou a viver de maneira autônoma e livre. Vejamos.

CAPÍTULO 2 – SURDEZ E TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS: EXPERIÊNCIAS DE TRÊS SURDOS CARIOCAS

Todas as entrevistas apresentadas neste capítulo foram feitas em Libras, gravadas em vídeo e traduzidas para o português. A tradução completa das três entrevistas está no Anexo I. Os participantes receberam com antecedência as perguntas em língua portuguesa, via e-mail. Uma vez que alguns depoimentos remetem à infância e à adolescência, seria importante para a pesquisa que os entrevistados tivessem tempo para lembrarem-se de detalhes. As entrevistas aconteceram no mês de junho de 2019 e antes de começar cada uma, foi verificado o uso de determinados termos em português para a formulação das perguntas. Os nomes Marcelo, Maria e Walter são fictícios. Foram escolhidas três pessoas de diferentes faixas etárias e de vivências socioculturais também bastante diversas. Suas entrevistas estão apresentadas, a seguir, por ordem de idade, da pessoa mais velha para a mais jovem.

2.1 – Maria, 63 anos

As possibilidades de comunicação entre surdos antes dos anos 1990 eram bastante limitadas. Com pouco domínio da língua portuguesa para escrever e sem a possibilidade de telefonar para uma conversa simples, muitos deles se deslocavam para encontros e festas de surdos, para rever um amigo e pôr o papo em dia, ou para resolver algum problema. Bem-humorada, a mais idosa entre os entrevistados desta pesquisa me recebeu durante seu horário de almoço, numa sala do seu local de trabalho. Contou como fazia para se comunicar com outros surdos à distância, e lamentou que a tecnologia da informação não existisse durante a sua juventude.

Maria nasceu em 1955, no subúrbio do Rio de Janeiro. Hoje é funcionária pública, atua como pedagoga na UFRJ, dando aulas de Libras para crianças surdas. Sua família identificou sua surdez quando ela tinha quatro anos, por percebê-la mais agitada e menos atenta a estímulos sonoros que a irmã, um ano mais velha. Não demorou muito para que seus pais a colocassem na escola referência para surdos, em Laranjeiras, zona sul do Rio, o que demandou bastante esforço da família, moradora de Coelho Neto, bairro da zona norte da cidade. Maria começou a estudar no INES aos cinco anos de idade e lá descobriu a modalidade de comunicação que ela considerou mais adequada, a língua de sinais. Segundo ela, foi a comunidade surda da escola que lhe ensinou Libras. Em casa, a comunicação era rudimentar, com apontamentos, gestos e expressões faciais para tentar exprimir desejos e sensações.

Sua escolarização aconteceu em três escolas diferentes. Além do INES, Maria estudou no INOSEL⁷, e foi bolsista de escola privada hoje extinta, o Colégio Piedade:

Eu comecei no INES, como disse entrei em 64 ou 65, e fiquei até 1968 quando mudei para o INOSEL, na Gávea. No INES eu acho que era jardim de infância e, diferentemente do INOSEL, eu sinalizava sempre, a todo momento, todo mundo sinalizava lá. No INOSEL eu sentia que algumas pessoas mandavam falar, a gente tinha que treinar a voz, oralizar algumas coisas. Eu já conhecia alguns surdos de lá porque eles também estudaram no INES antes, e eles também sinalizavam. Lá eu fiquei até me formar no ensino fundamental. Depois, no ensino médio, antigo segundo grau, eu fui para uma escola de ouvintes. Horrível, eu era a única surda. Era horrível. Eu só decorava, decorava, decorava... Mas eu sentia que não entendia nada. Todo mundo era ouvinte.

Observe-se o contraste com que Maria descreve suas escolas: nas duas primeiras tinha contato diário com surdos e com língua de sinais, e na terceira era a única surda. Durante nossa conversa, ela se referia ao Colégio Piedade como “horrível”, e “pior momento da minha vida”, por ter se sentido muito sozinha, e diz ter cumprido os três anos pensando somente no certificado. Quando acompanhada de surdos, nas duas primeiras escolas, ela traz lembranças muito mais ricas em detalhes. Aprendeu Libras com os colegas do INES, que consistiu no principal modo de comunicação na escola até o fim do ensino fundamental. Mesmo não tendo aulas de Libras, menos ainda professores sinalizantes, contava com o apoio dos colegas para explicações na sala e conversava livremente com eles nos intervalos. Apesar dos treinos de oralização e leitura labial que teve no INOSEL, não se sentia confortável ao se comunicar oralmente. Lá, as professoras incentivavam o uso da língua portuguesa, mas não proibiam o uso de Libras, que Maria utilizava até mesmo com os colegas ouvintes:

No INES era ótimo, no INOSEL também era ótimo, eu interagia com todo mundo até mesmo com os ouvintes, era legal. Os ouvintes sabiam um pouco de Libras, a gente era bem unido. Claro que eu andava mais com os surdos, mas a gente conversava também com os ouvintes, fazíamos fofoca, conversávamos sobre a prova... Era bom, eu me sentia muito bem. No começo foi um pouco difícil, mas depois eu me acostumei e gostei, foi ótimo, muito legal.

É interessante perceber que mesmo com colegas ouvintes sinalizantes, não era com eles que Maria se identificava. Fora da escola, frequentava associações e festas de surdos. Durante a infância estava sempre acompanhada da mãe, mas a partir dos 15 anos de idade, pôde frequentar os lugares que outros surdos frequentavam, até mesmo viajando para outros estados. Fez muitas viagens curtas para participar da comemoração de aniversário de alguma

⁷ Instituto Nossa Senhora de Lourdes, INOSEL, é uma escola regular católica beneficente do Rio de Janeiro. Recebe alunos surdos e ouvintes nas fases da Educação Infantil e do Ensino Fundamental desde 1959. (<http://www.inosel.org.br/> acesso em 11/07/2019)

associação de surdos. Conheceu boa parte dos estados brasileiros e alguns países vizinhos, sempre para encontrar amigos surdos ex-colegas de escola e outros que fez em encontros de associações.

Maria admite não ter uma boa produção e leitura em língua portuguesa. Aprendeu pouco nas escolas por onde passou, mas o que aprendeu lhe foi bastante útil, inclusive para trocar correspondências com uma amiga surda que se mudou para outro estado. No começo da vida adulta, escrever cartas fazia parte do seu cotidiano, e ela pôde melhorar sua escrita, pois quando recebia correspondência da amiga, recebia também a sua própria carta de volta com notas e correções do que havia escrito. Essa era a sua principal maneira de se comunicar à distância por volta dos vinte anos de idade.

Ela contava com o apoio de amigos surdos para entender melhor as notícias por escrito, principalmente de jornais. As informações circulam de maneira interessante entre os surdos. Maria conta que, durante os anos noventa, era cliente de uma empresa que produzia material didático impresso ou em fitas VHS para o ensino de Libras, além de encenações sobre assuntos de utilidade pública, de que ela, inclusive, participou:

Eram gravadas em Libras, e eu aprendia muito com elas. Mostrava pras pessoas, ensinava Libras, todo mundo gostava. Esse foi o material que eu mais gostei. E também os livros que ensinavam Libras para crianças, com fotos. [...] Eu atuei em vídeos sobre outros temas como prevenção a AIDS, por que não existia muita divulgação na época, então a gente falava sobre o uso de camisinha, prevenção... Eu participava das gravações, interpretei uma pessoa doente que se arrependia de ter agido sem pensar e não ter usado camisinha... Todo mundo era surdo e fazia em Libras. Quando ficava pronto a gente divulgava para os surdos do Brasil. Fizemos vídeos também sobre uso de drogas, gravamos uma encenação sobre o assunto em VHS.

A comunicação por Libras é a preferida de Maria, entretanto, durante muito tempo, ela não pôde contar com aparelhos que lhe permitissem sinalizar com quem não estivesse perto. A divulgação de vídeos em VHS foi uma ótima alternativa, de que usufruiu bastante, mas não dava a oportunidade de interação. Isso começou a mudar com aparelhos conectados ao telefone. Ela teve um bipe, também conhecido como *pager*, aparelho que recebia mensagens curtas de texto, mas não era possível enviar respostas por escrito. Para isso ela tinha que pedir para algum amigo ou familiar ouvinte telefonar de volta para o emissor da mensagem, que também era ouvinte, pois só era possível enviar mensagens telefonando para uma central. Essa dependência a desagradava, mas começou a ser atenuada com o TDD, aparelho que era composto por uma pequena tela retangular e um teclado. Pouco prático e ainda requerendo boa leitura e escrita de português, o aparelho significou um melhora tímida no cotidiano de Maria.

Na virada do século XX para o XXI, pessoas surdas começaram a ter a oportunidade de se comunicar à distância entre si. Maria teve diversos aparelhos de celular que inicialmente eram simples, apenas com a possibilidade de enviar pequenas mensagens de texto, o que para ela significou uma grande evolução no seu direito à privacidade. Utilizando-os para conversar principalmente com surdos, ela pôde praticar mais ainda a escrita de português e, mesmo que ela errasse algo, seu interlocutor surdo conseguia entendê-la. Com o desenvolvimento da tecnologia da comunicação e o crescente acesso à internet de alta velocidade, hoje ela comemora a possibilidade de acesso à informação de todo tipo, na palma da mão:

Hoje é maravilhoso. Maravilhoso. Eu aprendo muita coisa que eu poderia ter aprendido há muitos anos. Meu marido sabe mais português do que eu, às vezes eu não entendo alguma palavra que ele me manda, eu peço pra ele gravar um vídeo sinalizando, ele sinaliza e eu entendo perfeitamente o que ele queria dizer. [É] maravilhoso, muito mesmo. Nós nos desenvolvemos bastante, eu não tenho nem como explicar o quão maravilhoso foi, porque a gente se comunica em Libras, a gente digita em português, a gente faz vídeo-chamada ao vivo, a gente pode se comunicar ao vivo! E isso é maravilhoso.

Maria comemora também a independência que a tecnologia proporciona. Ela e seu marido surdo vivem como um casal qualquer, pois podem se comunicar com o mundo de maneira muito mais simples do que há 20 anos. Sem dificuldades, ela pode marcar uma consulta médica, pedir uma pizza ou dar notícias à família. Ela observa, aliás, que Libras está mais presente nos meios de comunicação em massa, e que os surdos nunca tiveram oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional como nos dias de hoje. Para ela, as duas coisas estão ligadas.

É maravilhoso. Hoje eu até consigo melhorar minha leitura do português. Se eu tivesse isso há mais tempo provavelmente meu português teria se desenvolvido muito mais. Eu vejo os jovens de hoje utilizando tanta tecnologia, principalmente no celular, isso é muito bom pra eles aprenderem. Eles vão aprender muito mais rápido. É ótimo. E hoje tem Libras na TV, em todo lugar. Quando eu vou em alguma loja de roupa, digo pra vendedora que sou surda, que estou só olhando, a vendedora me pergunta meu tamanho fazendo os sinais das letras P, M e G. [...] Às vezes até converso com a vendedora, digo que tá caro, que tá barato... Ensino alguns sinais. É muito bom. Principalmente por causa da televisão, e também por causa da lei.

Ela se refere à lei 10.436/2002 que oficializou Libras como língua da comunidade surda brasileira, e representou um importante marco na sua vida. Por ter vivido uma época em que a comunicação e as possibilidades de desenvolvimento para os surdos eram bastante limitadas, Maria se enche de esperança para o futuro. Acredita que, a partir de agora, os

surdos terão muito mais possibilidades de aprendizado e, amparados pela legislação, poderão alcançar posições de destaque na sociedade.

2.2 Walter, 38 anos

As associações de surdos geralmente são lugares de destaque em suas vizinhanças. Quem mora perto de uma acaba por se acostumar a observar dezenas, centenas de pessoas surdas conversando através de sinais com as mãos. A mãe de Walter cresceu perto de uma famosa associação de surdos no Rio de Janeiro, e seu pai, motorista de ônibus municipal carioca, trabalhava em linhas que passavam justamente em frente ao INES, outro grande lugar com enorme concentração de surdos na cidade. Eles não tiveram dificuldade em identificar a surdez do filho. Segundo Walter, seus pais já desconfiavam que ele não escutava e, um dia, para confirmar a suspeita, seu pai bateu duas painéis grandes bem perto dele, que estava de costas, e ele não esboçou reação. Nem foi necessária confirmação médica: eles tinham um filho surdo.

Hoje Walter é professor universitário, formado em Letras Libras pelo curso à distância da UFSC na turma 2006-2010, que inaugurou o curso no Brasil. Ele contou sua história na entrevista concedida numa praça em Irajá, zona norte do Rio de Janeiro. Sua trajetória escolar, desde a pré-escola até o ensino médio, aconteceu no INES. Até mesmo sua graduação foi no polo em que o Instituto sediava partes do curso. Passou boa parte da vida lá. Ele relata que quando começou a estudar, aos três anos de idade, seus professores não utilizavam língua de sinais, só gesticulavam, e que demorou para aprender Libras mesmo estudando numa escola de surdos. Só teve contato com língua de sinais quando saiu da pré-escola aos oito anos e começou a andar com alunos mais velhos:

Antes eu tinha contato na escola com surdos como eu, que gesticulavam. Não sinalizavam, só gesticulavam. Não era uma sinalização, eram gestos. Todos eram como eu. Os professores não ensinavam Libras, só oralizavam. E faziam um ou outro gesto. Apenas gesticulavam. Não tinha diálogo, não tinha conversa, a comunicação era feita de forma truncada. Não tinha Libras. Não tinha nada de Libras. Dos três até os sete anos eu estava aguardando entrar em outra série para ter contato com os maiores. Até ter contato com eles eu não os via muito, para mim eles eram adultos. Eu não tinha nenhum modelo adulto de verdade. Tudo [de informação] que eu tinha era o visual. Com oito anos eu abri os olhos para um novo mundo quando comecei a sinalizar com um inspetor [...] E ele disse que o meu número no INES era esse. Eu lembro perfeitamente dele sinalizando isso para mim: 746. Ok. E eu fiquei com isso, 746. Gravei esse número. O tempo foi passando, eu brincava com os colegas, e um deles me perguntou "qual o seu número?" e eu: "número [fazendo o sinal de número]?" não entendi [o que isso significava no] começo. Eu via que todo mundo tinha um número. Lembrei do que o inspetor me falou, e aí eu entendi. Então quando ele me perguntou qual era o meu número eu disse: "746" e os surdos diziam "Ah então é esse o número dele." A partir daí

comecei a interagir. Eu lembro que esses sinais do número 7, do número 4, e do número 6 eu gravei. Porque todo mundo se perguntava... Eles não perguntavam o nome, perguntavam o número. E aí eu comecei esse contato. O número de um, número de outro, e de outro... através do contato. E aí eu comecei, com oito anos, a abrir os olhos para me comunicar em Libras. Não era uma Libras perfeita, mas foi um começo de comunicação. Foi um princípio. Saí do nada para um começo.

Pode parecer estranho que pessoas se identifiquem por números e não por seus nomes, mas essa era uma maneira muito comum dos surdos do INES se referirem uns aos outros. Pessoas usuárias de Libras são “batizadas” com um sinal, um nome visual, que os identifica entre outros sinalizantes. Muitos ex-alunos do instituto ainda são conhecidos por nomes visuais que também representam números. Ao receber um sinal, Walter percebeu a possibilidade de conversar com as mãos e de interagir melhor com um grupo de pessoas. História semelhante à do filme “E Seu Nome é Jonas”, citado no capítulo anterior. Walter conta que assistiu a esse filme durante a faculdade e que não conseguiu segurar as lágrimas ao se identificar com o personagem principal, que aprende língua de sinais depois de anos com pouca ou nenhuma informação do que ocorre ao seu redor. Assim como na escola em que o protagonista Jonas estudou, Walter explica que ele tinha aulas de leitura labial e treinos de oralização no INES. Acabou aprendendo a falar algumas palavras em português, pois era obrigado a praticar o que aprendia na escola com familiares e vizinhos que também não sabiam Libras. Nunca teve professores fluentes em Libras. Hoje professor formado, essas lembranças o incomodam:

Por exemplo, na aula de história, o professor dizia: "Há muito tempo era isso aqui", apontava, fazia um sinal e mostrava. Fazia um ou outro sinal. Eu olhava aquilo, mas não me sentia aprendendo, não entendia nada. Entendia nada. Até me formar no ensino médio eu sentia que não estava aprendendo nada, só Libras. Libras sim. Aí eu aprendia, me sentia inteligente na Libras. Porque o aprendizado mesmo não tinha.

Começar a utilizar língua de sinais com colegas nos intervalos das aulas fez com que Walter passasse a se sentir parte da comunidade surda carioca. Aos oito anos de idade se filiou à associação de surdos próxima à sua casa, no bairro da Penha, a ASURJ, e interagiu com surdos de diversos cantos da cidade. Durante a adolescência, viajava para enfrentar outros surdos em competições esportivas em nome da associação, e em 2001 teve a oportunidade de participar da Surdolimpíada⁸ de Roma. À medida que crescia, Walter conhecia mais e mais pessoas com as quais identificava como seus semelhantes: surdos usuários de línguas de sinais. Durante a Surdolimpíada se sentiu desconfortável, pois os

⁸ Surdolimpíada é um evento esportivo, organizado pelo Comitê Internacional de Desportos para Surdos (ICSD, sigla em inglês), que ocorre a cada quatro anos reunindo atletas surdos de diversos países. (<https://www.deaflympics.com/icsd> acesso em 05/07/2019)

atletas surdos conversavam em Língua de Sinais Internacional (LSI)⁹ e ele ainda não dominava os termos, não estava acostumado a participar de eventos internacionais. Voltou para o Brasil determinado a agir diferente.

Essa viagem me mobilizou, parece que me fez pensar no que eu gosto. Então eu comecei a pensar em querer ser instrutor, que era algo que eu gostava. Então um instrutor [surdo] foi alguém que marcou [minha história]. Eram surdos que davam aulas. Isso me marcou porque eu passei durante muitos anos em contato com professores ouvintes. E quando eu o vi pela primeira vez, pensei: "Um surdo pode ser professor! Eu também quero!"

A interação com surdos foi importante para o desenvolvimento intelectual de Walter. Teve aulas de teatro com um conhecido professor surdo carioca, e assistia fitas VHS produzidas por ele para se preparar para aulas de Libras que dava antes da faculdade. Ele começou a se interessar por informática na adolescência, por causa de um amigo surdo que tinha um computador com acesso à internet discada, e por conta desses conhecimentos conseguiu, durante o ensino médio, um estágio na área de suporte técnico numa grande empresa estatal onde passava seu expediente sentado na frente de um computador com acesso à internet.

É interessante notar como as informações se espalhavam entre seus amigos surdos. Antes de ter fácil acesso à internet, Walter conta que ficava sabendo de notícias e acontecimentos pelos amigos surdos que sabiam ler bem e podiam lhe dizer o que estava escrito nos jornais. Ao ingressar num curso superior à distância em 2006, ele passou a acessar sistematicamente a internet para se comunicar com surdos. Os aplicativos de comunicação instantânea eram bastante utilizados para conversar, mesmo em língua portuguesa:

Com ouvintes eu não tinha muito contato não. Com surdos sim, com surdos eu mantinha mais contato, os meus contatos eram com surdos. Com ouvintes foi depois porque eu tinha um pouco de receio. Você sabe como é, o surdo escreve mal. Eu tinha receio de que as pessoas não me entendessem e eu passasse vergonha, não conseguisse explicar tentando digitar. Se eu escrever da mesma forma o surdo entende. Mesmo se eu escrever um português torto o surdo me entende. Nós somos iguais, somos semelhantes, a gente consegue se comunicar. Com o ouvinte não dá.

Na academia Walter participou de discussões importantes que o motivaram a analisar de novo o seu próprio passado. Ao falar sobre o começo de sua escolarização, soube criticar com propriedade a atuação de seus antigos professores, e definiu o INES da sua época de aluno como uma escola de metodologia oralista. O estudo de Libras, ao lado de outros surdos, ajudou a despertar o seu interesse pelo aprendizado:

⁹LSI “é uma língua que surgiu a partir dos encontros das lideranças surdas europeias e passou a ser usada sistematicamente em eventos internacionais.” (CAMPELLO, 2014, p.147).

Quando entrei na faculdade eu fiquei impactado com tanto o que eu podia aprender, com muitos surdos, com muito contato. [...] Eu fui instrutor de Libras nesse meio tempo, comecei a ter um pouco de informação depois de me formar no ensino médio. Quando apareceu o Letras Libras eu sentia abrindo a minha cabeça para o mundo, abrindo meus olhos para o mundo. Antes não.

Eu comecei a entender e comecei a procurar o significado das palavras, discutir o significado das palavras, e me acostumei. [...] Hoje eu percebo que eu estou muito melhor na escrita por causa do significado das palavras. Eu consigo ler, eu leio todo dia. [...] Antes de me formar no Letras Libras eu tinha dificuldade na escrita, dificuldade na leitura. Depois de me formar em Letras Libras eu comecei a gostar de ler.

Ele comenta que, depois da faculdade, passou a se interessar por informações que até então não lhe chamavam a atenção, como botânica e política. Em sua página numa rede social, Walter publica imagens de seu belo quintal com hortaliças orgânicas e saudáveis, frutos de muito estudo e leitura sobre o assunto em sites e vídeos legendados na internet. Também on-line ele participa ativamente de discussões políticas aprofundadas, onde se posiciona de maneira consciente, com argumentos bem fundamentados, o que indica seu estudo sistemático dos assuntos abordados. Faz longos vídeos explicando em Libras como fez para plantar determinado alimento e quais os benefícios de cultivar uma horta em casa. Também em Libras, posta análises das notícias que lê e de pesquisas que faz sobre os mais diferentes assuntos:

Hoje eu leio muita coisa, várias coisas. Me informo, pesquiso. Se eu tiver dúvida sobre qualquer assunto eu me viro e pesquiso. Busco principalmente em ferramentas tecnológicas mesmo. [...] Eu quero me informar, eu quero conhecer, eu quero pesquisar.

Assim como os amigos surdos conversavam com ele sobre coisas que liam, Walter se comunica com seus “semelhantes” traduzindo informações que, para ele, foram inacessíveis durante anos.

Walter experimentou, durante a juventude, a possibilidade de observar a difusão da internet e de ser um dos primeiros entre seus amigos a aprender a utilizar a novidade. Em pouco tempo o acesso se popularizou, e muitas crianças cresceram cercadas de informações on-line. Vejamos como foi a experiência de Marcelo.

2.3 Marcelo, 22 anos

O curso de Letras Libras da UFRJ, criado em 2014, é uma importante oportunidade para surdos, principalmente do Rio de Janeiro, terem contato com discussões acadêmicas. Além do curso de Pedagogia Bilíngue do INES, poucas instituições oferecem cursos de nível

superior em que pessoas surdas estão em postos de protagonismo. Na Faculdade de Letras da UFRJ, dos 16 professores lotados no Departamento de Letras Libras, 6 são surdos, além de outro na equipe técnica, composta por 3 pessoas. Anualmente são selecionados 30 alunos para o curso de bacharelado e outros 30 para o de licenciatura em Letras-Libras, onde os surdos são maioria.

Marcelo, surdo congênito, é aluno do curso de licenciatura em Letras-Libras, trabalha como auxiliar administrativo numa grande indústria farmacêutica na zona oeste do Rio de Janeiro, e foi o primeiro a gravar entrevista para esta pesquisa, no estúdio do departamento do curso. Além de conviver com surdos todas as noites durante as aulas da faculdade, Marcelo utiliza Libras em casa com a família, pois seu irmão mais novo também é surdo e seus pais, ouvintes, aprenderam a língua para se comunicarem bem com os filhos, quando ele tinha quatro anos. Antes disso, Marcelo se comunicava através de gestos simples com a família e estudava numa escola particular de educação infantil comum, onde os professores não tinham nenhuma preocupação específica com alunos surdos: “Tentava aprender a ler, mas a professora só oralizava, todo mundo era ouvinte e eu não aprendia nada. Tentava escrever alguma coisa como as outras as crianças. Quando entrei no INES, aí sim, aí foi direto sinalizando.” Toda a família de Marcelo aprendeu Libras no instituto, incluindo o irmão mais novo que estudou lá da educação infantil até o ensino médio.

Marcelo teve aulas com professores surdos e com ouvintes interessados em aprender Libras, apesar de alguns não serem fluentes. Durante sua trajetória escolar, podia sinalizar com funcionários da escola em geral, tendo que escrever algumas vezes para ser compreendido. Com os colegas, não havia dificuldade na comunicação, todos os alunos surdos colegas de Marcelo utilizavam Libras como língua principal. Isso proporcionava um canal aberto de comunicação em casa e na escola, o que é exceção quando se trata de pessoas surdas. Em geral, surdos passam por dificuldades comunicacionais em casa e na escola, pois poucas pessoas com quem elas têm contato sabem Libras. Marcelo também sentiu na pele essa limitação. Quando perguntado sobre como ele se comunicava com os colegas, respondeu:

Em Libras com os colegas, mas em casa com os vizinhos, ou quando entrei no cursinho eles perceberam que eu era surdo e se impressionavam comigo, e com minha dificuldade de comunicação, eu tinha que usar a voz, percebia que minha voz era diferente. Então comecei a ter que escrever. Usava um pouco de Libras, explicava que é uma língua... Foi um pouco difícil no começo. As pessoas tem pouca informação.

Segundo ele, as pessoas ouvintes têm pouca informação sobre os surdos. O contrário também é verdadeiro, os surdos têm poucas informações sobre o que os ouvintes falam.

Principalmente quando essas informações são passadas em língua portuguesa (oral ou escrita), pois, além de não ouvirem, muitos surdos tem grande dificuldade com a leitura de textos relativamente simples. Marcelo tem consciência da importância da língua portuguesa:

Eu acho que português é importante pra mim, eu preciso me comunicar com a sociedade que não sabe Libras, preciso ler, conhecer, é importante ler e entender filmes, propagandas, livros de história, poesia... É importante, o português me ajuda nesse aspecto. [...] Eu tenho pouco de dificuldade. Algumas palavras que não conheço, eu marco pra depois procurar no dicionário, ou peço ajuda para minha mãe, ou eu busco me informar, peço para um colega, um intérprete... Algumas palavras básicas eu consigo entender bem, mas tem umas que eu não conheço, são mais antigas, não se usa muito, essas eu preciso procurar.

A língua portuguesa está presente na vida de praticamente todos que vivem no Brasil, mesmo daqueles que não a utilizam como primeira língua. Para que uma pessoa surda tenha acesso às informações escritas, é necessário que ela tenha uma alfabetização adequada, que leve em consideração sua surdez e que utilize estratégias específicas para a compreensão e produção escrita de textos. Marcelo se considera um bom leitor de português, e consegue se comunicar por escrito se necessário, mas ainda assim sente alguma dificuldade para lidar com a língua no dia-a-dia. Para ele é importante ter contato com alguém que saiba Libras e leia bem português (sua mãe, colegas surdos, intérpretes) para que detalhes do texto escrito fiquem mais claros através de uma explicação em Libras.

Por volta dos 10 anos de idade, Marcelo conta que começou a utilizar o computador para conversar com colegas surdos. Inicialmente por escrito, através de uma rede social muito usada na época, *Orkut*, mas logo começou a utilizar uma outra rede mais comum entre os surdos, *Oovo*¹⁰. Este aplicativo popularizou a vídeo-chamada entre os amigos de Marcelo, e expandiu seu círculo de amizades fora da escola:

Sim, eu tinha contato [com surdos fora da escola] no *Oovo*, também no *MSN*¹¹. Antes na verdade era no *Orkut*, os surdos se encontravam e marcavam de se falar no *MSN*, mas para conversar com muita gente interagindo em grupo utilizávamos mais o *Oovo*. Eu via alguns sinais diferentes, tentava entender, tinha contato com surdos não só do Rio, mas também de outros lugares que eu nem sabia que existia! Lá a gente conversava, batia papo, contava piadas... Com surdos do Brasil inteiro. [...] A gente marcava festa junina, eu ia conhecer, bater papo. Nesses lugares eu comecei a fazer amizades com surdos de outras escolas. Ou outro tipo de festa, de encontro de surdos para interação. Isso se somava com a tecnologia, que a gente já batia papo. [Hoje] eu tenho amigos em Porto Alegre, Natal, Bahia, São Paulo, Minas Gerais eu tenho um só... São Paulo tenho mais. Uma amiga de infância se mudou para a Inglaterra. A gente continua conversando até hoje. A mãe dela casou com o padrasto

¹⁰ Oovo foi um aplicativo de bate-papo por vídeo para Microsoft Windows lançado em 2007 e encerrado em 2017. (<https://en.wikipedia.org/wiki/OoVoo> acesso em 10/07/2019).

¹¹ MSN Messenger foi um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation em 1999 e encerrado em 2013. (https://pt.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger acesso em 10/07/2019)

dela e levou a família toda pra lá. A gente conversa de vez em quando, mesmo ela tendo esquecido um pouco dos sinais do Brasil, lá ela usa BSL¹².

A integração que a internet possibilitou, fez com que Marcelo conhecesse surdos em diversos lugares do país e com que se integrasse à comunidade surda do Rio de Janeiro, pois até mesmo os encontros presenciais eram marcados através das conversas on-line. Segundo ele, a internet foi muito importante para seu desenvolvimento social. A facilidade que a comunicação via internet proporciona é tamanha que Marcelo não consegue nem imaginar como os surdos faziam antes dela:

Eu penso que se não tivesse tecnologia, como eu iria encontrar outro surdo? Outra pessoa? Imagino a dificuldade para se comunicar. Eu acho que eu ia viver sozinho ou não iria conhecer nada, ia viver só com o que eu tinha contato local. E agora com internet é bem melhor. Imagino que eu não iria encontrar ninguém. [...] Não sei... Talvez os amigos combinassem de se encontrar em associações... Não sei. É difícil imaginar.

O advento da internet revolucionou a comunicação mundial. Nunca houve tanta informação disponível com tão fácil acesso como nos dias de hoje. Os surdos entrevistados foram largamente beneficiados por ela, e comemoraram o fato de poderem conversar à distância em língua de sinais. Podem sinalizar com outros surdos dos mais diferentes lugares, compartilhar experiências e conhecer a realidade daqueles que tem a mesma condição. Muitos perceberam que, independente do lugar, algumas histórias de dificuldades comunicacionais se repetem. Walter chega a considerar outros surdos sinalizantes como seus semelhantes. No próximo capítulo será discutida, justamente, uma questão que foi maximizada neste milênio em que muitas pessoas se mostram on-line: a da identificação, no caso entre pessoas surdas.

¹²*British Sign Language* – Língua Britânica de Sinais.

CAPÍTULO 3 – SURDOS NA INTERNET E A QUESTÃO DAS IDENTIDADES

Este trabalho representa o fim da primeira etapa de minha carreira acadêmica nas ciências sociais, e, ao mesmo tempo, materializa minhas maiores curiosidades científicas, as que me levaram a cursar história: como se forma um sujeito? Quanto de social está no indivíduo, quanto de indivíduo está no social? Antes de tudo, é possível fazer a distinção sujeito-sociedade? Questões como essas guiaram meus interesses de leitura durante a faculdade e me fizeram refletir sobre aqueles com quem trabalho: pessoas surdas usuárias de Libras. Suas produções acadêmicas e até mesmo suas histórias de vida, em geral, incluem narrativas semelhantes, que apresentam tons de segregação, seja no começo da vida, quando não se comunicavam satisfatoriamente, nem mesmo com a própria família; seja quando tiveram contato com pessoas surdas e passaram a dominar a língua de sinais para interação.

Essa ideia de segregação permeia as narrativas dos entrevistados desta pesquisa, criando uma oposição quase natural entre os surdos e a maioria ouvinte da sociedade. O que me levou a reelaborar minhas questões fundamentais: quanto da “sociedade ouvinte” está presente na vida do indivíduo surdo? Quanto de “indivíduo surdo” está presente na “sociedade ouvinte”? Antes disso, é possível fazer essas distinções? Longe de querer encerrar a discussão e trazer respostas definitivas para questões tão complexas, este capítulo é uma contribuição para reflexões sobre o tema a partir de algumas leituras teóricas e da análise dos testemunhos analisados no capítulo anterior. Discutirei, assim, algumas ideias sobre o conceito de identidade, ou identificação, a partir das entrevistas.

3.1 A identificação entre surdos

A grande questão pela qual me interesse já foi tema de trabalhos de muitos pensadores renomados, como Stuart Hall. No interessante artigo “Quem precisa de identidade?” Hall apresenta uma breve revisão bibliográfica do tema, suas observações sobre o que já se produziu sobre o assunto, e explica como ele enxerga a questão. Lembra que a mais recorrente definição de identificação remete a “origens em comum”, ou a “características partilhadas por determinados grupos ou pessoas.” Uma definição “naturalista”, essencialista, como se houvesse núcleos imutáveis e atemporais que distinguíssem umas pessoas das outras. Para uma abordagem crítica da questão, identificação é uma construção, “um processo nunca completado” (HALL, 2000 p. 106). Essa construção acontece a todo momento, e não se refere a alguma raiz comum. A construção permanente da identificação surge através do processo de narrativização do eu, através de “recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos”. (*Op. cit.* p. 109)

Dessa forma, num jogo em que fatores discursivos e subjetivos se articulam para criar sentimentos de pertencimento, Hall defende a ideia de identidade como “sutura”.

Para analisar as entrevistas tomadas para essa pesquisa, levo em consideração que a memória e a sua narrativização, especialmente em uma entrevista, são uma reconstrução do entrevistado sobre seu próprio passado. Não se deve encarar a memória como constituído de histórias prontas para serem contadas e que basta uma entrevista para resgatá-las do passado. Na verdade, toda a situação de entrevista faz parte de uma reconstrução da memória, considerando-se que os sujeitos que narraram suas histórias as ressignificam, no seu presente, para torná-las narrativas coesas a fim de serem compreendidas. Essa construção permanente da memória através da subjetividade articulada a produções discursivas, é o que interessa discutir. Meu trabalho aqui é “procurar nas memórias da experiência como a pessoa que nos fala joga com a cultura e produz a si própria na relação com a Outra, tornando dizíveis processos de reconstrução de si” (VENSON; PEDRO 2012, p. 136).

Para se relacionar com o outro, e conseqüentemente construir o eu, os seres humanos necessitam de uma língua, um código comunicacional no qual se baseiam muitas interações. Em geral, pessoas surdas nascem em famílias compostas por ouvintes, e não raro deixam de aprender uma língua nos primeiros anos de vida, pelo fato de não ouvirem aquela que as pessoas falam ao seu redor. Há dados que afirmam que 90% das crianças surdas nascem em lares ouvintes¹³, o que faz com que a grande maioria dessas pessoas sofram com algum atraso no seu processo de aquisição de linguagem. Isso aconteceu com as três pessoas entrevistadas nesta pesquisa. Tanto Maria quanto Walter e Marcelo contaram que se comunicavam de maneira bastante limitada com familiares e outras pessoas próximas, até aprenderem Libras, ao entrarem na escola. Durante esses primeiros anos, eles não tiveram a oportunidade de interagir plenamente com o outro e, conseqüentemente, tiveram as possibilidades de construção do eu limitadas. Assim como os pais de Walter, os pais de Maria não sabiam da surdez dos filhos, nem mesmo imaginavam como fazer para se comunicar com uma pessoa nesta condição. Os pais de Marcelo, o mais jovem entre os entrevistados, já tinham uma filha surda, mas ainda assim enfrentavam dificuldades para se comunicar com os filhos.

Os três entrevistados estudaram e aprenderam Libras no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Maria e Walter aprenderam Libras na interação com os colegas surdos, mas nem os professores nem os funcionários das escolas que estudaram utilizavam sinais para se comunicarem com eles. Na verdade, Walter relata que os professores utilizavam alguns

¹³ SILVA *et al.* 2007.

sinais para repreender os alunos surdos e lhes chamar a atenção, e que os inspetores, responsáveis pela disciplina no instituto, eram os funcionários mais fluentes em Libras. Maria conta que na segunda escola na qual estudou chegava a utilizar alguns sinais com professores e funcionários, mas em geral precisava oralizar para ser compreendida. Ela estudou também numa escola em que era a única aluna surda e, como vimos no capítulo anterior, detestou a experiência. Já Marcelo teve uma experiência diferente. Participou de aulas de Libras com professor surdo e pôde sinalizar com alguns professores durante a escolarização. Além disso, pôde usar Libras com diferentes funcionários da escola, e até mesmo ensinar sinais para alguns deles.

O processo de aprendizado de uma língua é importantíssimo para muitos outros aprendizados, principalmente os escolares. Walter e Maria se queixaram do ensino no seu tempo de escola, e consideraram que não aprendiam, apenas decoravam as palavras que estavam escritas no quadro em português. Quando aprendiam alguma coisa, em geral era pela explicação de algum colega surdo que, sinalizando, explicava o assunto. Isso resultou numa formação falha, pois saíram da escola mal sabendo ler e escrever. Maria se considera uma má leitora de língua portuguesa, apesar de já ter feito grandes avanços desde o ensino médio, e Walter nos conta que aprendeu a ler bem somente fora da escola. Já o jovem Marcelo acredita que o INES de sua época o preparou bem para leitura de textos em português, e avalia como boa sua capacidade de leitura e escrita. Disse que costumava sentar com seu pai quando ele lia jornais, acompanhando imagens e pequenas explicações. Na escola teve aulas de português que levavam em consideração sua aprendizagem visual. Hoje consegue ler melhor que a média de seus colegas surdos de faculdade.

Interações linguísticas são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo de qualquer criança. O fato de Walter e Maria começarem a utilizar uma língua tardiamente e apenas em situações informais pode ter feito com que eles se considerassem “atrasados” em relação a pessoas ouvintes. Seus relatos giram em torno da falta que uma comunicação plena com a maioria da sociedade faz para os surdos, e como a demora para o aprendizado de uma língua os prejudicaram em comparação com ouvintes que têm contato com uma língua desde o momento do nascimento. A ausência de professores surdos sinalizantes pode ter reduzido suas perspectivas para o futuro, pois não se imaginavam em posições de protagonismo. Aparentam ter sentimentos de inferioridade perante pessoas ouvintes, o que parece ser razoável concluir já que não entendiam o que os responsáveis por lhes ensinar diziam, e, com o tempo, os dois afirmaram que desistiram de tentar aprender. Apenas decoravam as informações visuais

disponíveis (palavras no quadro, ilustrações de livros), e contavam com a ajuda de amigos surdos que liam bem para serem aprovados nas disciplinas.

Quando os nossos entrevistados começaram a se comunicar à distância, precisavam usar a língua portuguesa. Maria através de cartas e posteriormente com aparelhos de troca de mensagens; Walter através de mensagens de celular; e Marcelo por redes sociais na internet. Talvez por esse motivo os dois primeiros preferissem interações presenciais, e em geral, com pessoas surdas como eles. Como Maria nos contou no capítulo anterior, desde a adolescência tinha o costume de encontrar surdos em festas pela cidade, e viajava para encontrar amigos surdos de outros estados, alguns ex-colegas com quem ela conversava em Libras na escola. Walter se filiou ainda criança à uma associação de surdos e estava em constante contato presencial com aqueles que ele considerava seus semelhantes. Marcelo também encontrava pessoas surdas em festas e associações, mas diferentemente dos entrevistados mais velhos, ele conta que boa parte de suas interações começavam na internet. Para um bate-papo inicial, utilizava programas e redes sociais de mensagens instantâneas, mas para conversar com muita gente ao mesmo tempo, ele dispunha da tecnologia de videochamada que lhe permitia conversar em Libras mesmo estando em estados ou até em países diferentes dos seus interlocutores surdos.

Podemos observar que, presencial ou virtualmente, as pessoas surdas entrevistadas se esforçam para procurar outros surdos para interagir. Esse fenômeno já foi observado por outros pesquisadores na área dos “estudos surdos”, e é a partir daí que se discute o conceito de “identidade surda”. Karin Strobel é uma importante liderança surda¹⁴ e, além das apostilas para os cursos de Letras-Libras citadas no primeiro capítulo, produziu também obras de sucesso entre os interessados pelo assunto da surdez, como “As imagens do outro sobre a cultura surda” (2016). Neste livro, Strobel apresenta os surdos usuários de línguas de sinais como um grupo cultural específico, e vai além: defende a ideia de “povo surdo”, argumentando que todos os surdos do mundo têm experiências semelhantes o suficiente para serem considerados um mesmo grupo sociocultural. Lutando contra o processo de “ouvintismo”, segundo representações impostas aos surdos por pessoas que ouvem, a autora rechaça a ideia de que os surdos são deficientes. Reforça que, como grupo sociocultural com língua própria, os surdos não podem ser considerados inferiores pelo fato de não ouvirem. Para exemplificar seu argumento, Strobel fala da comunicação espontânea entre surdos que se

¹⁴ Karin Strobel atualmente é diretora de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos no Ministério da Educação. <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-modalidades-especializadas-de-educacao/quem-e-quem-secretaria-de-modalidades-especializadas-de-educacao> (acesso em 24/07/2019)

identificam como semelhantes: “[...] a formação de identidades surdas é construída a partir de comportamentos transmitidos coletivamente pelo ‘povo surdo’, que ocorre espontaneamente quando os sujeitos surdos se encontram com os outros membros surdos nas comunidades surdas.” (STROBEL 2016, p.40).

Sob esta perspectiva, nossos entrevistados teriam recebido transmissões coletivas de comportamento ao ingressar numa escola para surdos. Ainda sob esta visão, os alunos da escola estavam espontaneamente ‘transmitindo’ seus comportamentos enquanto “povo surdo” para os surdos que lá ingressassem. Essa proposta parece não levar em consideração os processos de ressignificação que cada sujeito faz de si ao entrar em contato com o outro, e passa a impressão de que cultura é algo essencial que precisa ser repassado para que não se perca. Pensando dessa forma, a surdez seria o fator em comum entre todos os surdos do mundo, o que possibilita conceber a categoria de “povo surdo” proposta pela autora. Acredito, seguindo Hall, que nenhuma identificação seja “completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, ‘ganhá-la’ ou ‘perdê-la’”; ou ainda, ser transmitida, repassada. Ela é um processo frequente em que se articulam práticas discursivas local e historicamente moldadas, e “processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’”. (HALL 2000 p. 106; 112) Não é razoável concluir que pessoas de toda parte do mundo, com experiências tão diversas, separadas por enormes distâncias espaciais e temporais, possam ser consideradas parte de um mesmo “povo”, terem a mesma identidade, pelo fato de não ouvirem e utilizarem línguas de sinais:

Torna-se estranha a afirmação de que todos os surdos só constituam sua identidade por intermédio da língua de sinais. Afinal de contas, não há uma relação direta entre língua específica e identidade específica. A identidade não pode ser vista como inerente às pessoas, mas sim como resultado de práticas discursivas e sociais em circunstâncias sócio-históricas particulares. O modo como a surdez é concebida socialmente também influencia a construção da identidade. O sujeito não pode ser visto dentro de um “vácuo social”. Ele afeta e é afetado pelos discursos e pelas práticas produzidos. (SANTANA e BERGAMO 2005, p. 570, 571)

É possível, claro, pensar as experiências sensoriais e linguísticas de surdos, e perceber semelhanças dignas de pesquisa e estudo. Mas unificá-los a ponto de encará-los como membros de um mesmo povo, que compartilha uma mesma cultura transnacional, pode limitar o debate sobre questões identitárias entre surdos. Levar adiante a ideia de que a surdez constitui um traço cultural definidor pode aprofundar a desigualdade de oportunidades entre pessoas que ouvem e pessoas que não ouvem. Enfatizar diferenças entre elas pode deixar para segundo plano reflexões importantes acerca de suas características em comum enquanto sujeitos sociais.

3.2 Tecnologias da comunicação e surdez

O desenvolvimento tecnológico na área das comunicações transformou o cotidiano de muitas pessoas durante o século XX no Brasil. A difusão do rádio nos anos trinta e quarenta, e da TV durante os anos sessenta e setenta, modificou a maneira com a qual a população se informava e se comunicava. A partir dos anos oitenta, os brasileiros puderam ter aparelhos reprodutores de vídeo cassete em casa, e nos anos noventa esses aparelhos se popularizaram. Essa tecnologia, somada a de gravação de vídeo, foi muito útil para os surdos na cidade do Rio de Janeiro. Maria nos contou que atuava em encenações gravadas e divulgadas em fitas de vídeo sobre assuntos de utilidade pública, e Walter se lembra de ter assistido muitas fitas como essas: produzidas por surdos para serem consumidas por surdos. Segundo Walter, a FENEIS também produzia materiais em vídeo para disseminar a Libras e dar suporte para professores surdos do idioma. Tanto ele quanto Maria, quando perguntados sobre materiais que os marcaram e que foram produzidos por surdos, mencionaram as produções de fitas de vídeo do artista surdo carioca Nelson Pimenta e da sua extinta empresa LSB, que produziam materiais em Libras, cujo compromisso era “contribuir para uma educação melhor para o surdo, através da difusão da língua de sinais.”¹⁵ Apesar de a empresa não estar mais em atividade, Pimenta ainda é referência para muitas pessoas surdas no Brasil. Atualmente ele apresenta um programa de entrevistas na TV INES, a primeira TV em língua brasileira de sinais, transmitida via internet¹⁶.

O fácil acesso à comunicação via internet maximizou as possibilidades de interação em língua de sinais das pessoas entrevistadas para esta pesquisa. A partir do fim dos anos 90, as possibilidades de comunicação se transformaram rapidamente no Brasil com o aumento exponencial do número de usuários conectados à internet. De acordo com dados do Ministério da Ciência e Tecnologia¹⁷, apenas entre 1996 e abril de 2000, o número de usuários passou de 50 milhões para mais de 275 milhões de pessoas com acesso a internet no mundo, um crescimento avassalador. Walter foi um desses usuários bastante interessados em conhecer a novidade. Curioso, logo aprendeu a baixar programas, editar vídeos e se comunicar pelo computador. Seus aprendizados foram muito úteis ao ingressar no curso superior à distância de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina. A UFSC, na verdade, foi uma das

¹⁵ <https://www.lsbvideo.com.br/lsb-video> acesso em 28/07/2019.

¹⁶ <http://tvines.org.br/>

¹⁷ BRASIL 2000, p. 9.

pioneiras na educação via internet no Brasil. Antes mesmo do ano 2000 já tinha mais de 1200 alunos de pós-graduação estudando à distância.¹⁸ No mesmo ano da publicação do decreto federal nº 5.626 que regulamentou a “Lei de Libras”, 2005, a universidade aprovou internamente a implantação do curso de graduação em Letras Libras à distância, que atendia à nova legislação, e assim recebeu apoio do governo federal para continuação do projeto que levaria o curso a 18 polos espalhados pelo país.

Muitos alunos surdos foram beneficiados pelo “princípio de não exclusão pela língua portuguesa” do curso, pois o acesso e a produção de conhecimento eram feitos principalmente em Libras. Tudo isso graças à estrutura montada na UFSC para suportar um curso onde as informações eram majoritariamente virtuais e visuais: “Todo o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVEA) foi desenvolvido para dar conta da complexidade deste curso, uma vez que exigiu o desenvolvimento de todos os materiais nas versões em Libras.” (QUADROS, STUMPF 2014 p. 22 e 23). De modo semelhante ao projeto desenvolvido pelo INES a partir dos anos 1950, a ideia era formar profissionais com cunho multiplicador, e também recebeu o reconhecimento do governo federal, alcançando a nota cinco no conceito do Ministério da Educação e Cultura. (QUADROS 2014 p. 192)

O formato deste curso potencializou o uso da internet por pessoas surdas, e forneceu uma estrutura para que todos os envolvidos estivessem frequentemente conectados. Em cada polo foi montado um laboratório de informática equipado com computadores conectados à internet e com acessórios necessários para produção, edição e envio de imagens em vídeo. Além de usarem as ferramentas de *chat* e fóruns oferecidos pelo AVEA, os alunos, tutores, e intérpretes dos pólos mantinham contato frequente entre si e com a base em Florianópolis através de e-mails, SMS, e do aplicativo MSN Messenger, muito popular na época.

A linguagem visual utilizada na internet possibilitou aos surdos maior compreensão das informações em comparação com outros meios de comunicação disponíveis até então. Imagens, efeitos visuais, movimentos, simulações, interação, e, principalmente, vídeos tornaram o ambiente virtual bastante atraente a quem se informa através da visão. A sensação de navegação e a descoberta intuitiva que o acesso a sites na web proporciona faz com que pessoas com interesses em comum se encontrem online:

A Internet, de redes e serviços telemáticos, passa a ser concebida pelos seus utilizadores como espaço de pesquisa de informação, de encontro e de partilha, ou seja, a Internet gera uma espacialidade inteiramente abstracta que é reforçada pelas metáforas de navegação e de *site* (lugar). Gera-se uma proximidade que nada tem a

¹⁸ *Ibidem* p. 21.

ver com a proximidade geográfica, mas sim com a proximidade representacional que promove a ideia de comunidade. [... Esta dinâmica] faz com que a constituição de uma rede internacional global tenha promovido a oportunidade de afirmação das identidades locais através da sua presença nessa mesma rede, passando a ter visibilidade global. As identidades locais afirmam-se pela especificidade simbólica, iconográfica, ideológica, pela língua (apesar do inglês ser a língua dominante), etc. A Internet é um espaço de espaços onde o público e o privado, o local e o global, o material e o virtual coabitam, o que conduz à geração de novas sociabilidades e reorganização das sociabilidades tradicionais. SILVA (2001 p.159,160)

Esse grande movimento pôde ser percebido no começo deste século, quando a ideia de comunidade passou a ser repensada. De acordo com Silva (2001), esta noção que era limitada a um espaço físico delimitado, hoje pode ser interpretada como um grupo de pessoas com interesses em comum, e, não raro, grupos formados na ou através da internet. O que torna o assunto mais interessante, pois jamais se pensou em considerar como “comunidade” usuários de meios de comunicação anteriores (TV, rádio, telefone, etc.). Interações na *web* já fazem parte da vida de muitas pessoas, inclusive surdas, e não é improvável que tenham contribuído para que se fortalecessem sentimentos de pertencimento a diversas comunidades.

Maria, que desde a juventude gosta de frequentar eventos organizados e promovidos por surdos, comemorou o fato de poder ter informações sobre eventos na palma da mão através de um aparelho celular conectado a redes sociais na internet e de poder enviar mensagens de vídeo tão facilmente, como é possível hoje em dia. Walter, um entusiasta usuário de internet, aprendeu muito rápido a utilizá-la para conversar com surdos de diversas partes do mundo pela *webcam*, e para buscar informações que, a seu ver, eram quase exclusivas de pessoas ouvintes, como assuntos políticos, tecnológicos e científicos. Marcelo, usuário da internet desde muito cedo, acha muito divertido poder conversar com surdos de tantos lugares diferentes, e acredita que o fácil acesso às informações escritas e as constantes trocas de mensagens de texto o ajudaram a aprender a ler melhor.

O uso frequente da língua portuguesa escrita com intenções específicas pôde torná-la mais interessante para quem não escuta:

As trocas de experiências no ambiente telemático fazem com que a escrita do português seja significativa. A língua portuguesa tem sido para os surdos, no uso do espaço cibernético, uma segunda língua com função social determinada. Os surdos têm aprendido a desenvolver a escrita e interpretá-la. Por esses leitores estarem inscritos no contexto dos textos dá-se o interesse. (ROSA; CRUZ 2001, p. 45)

Walter e Maria também consideram que melhoraram sua produção e compreensão de língua portuguesa escrita ao usá-la com frequência para interagir em redes sociais ou para troca de mensagens. Principalmente depois da tecnologia de correção automática de textos, que ajuda

na escrita de palavras que eles conhecem apenas visualmente, podem facilmente corrigir algumas letras ou palavras trocadas numa frase. Dessa maneira eles se sentem mais confiantes para escrever textos para pessoas ouvintes, pois contam com esse apoio para serem compreendidos.

O fato de surdos poderem ter contatos linguísticos frequentes com pessoas ouvintes certamente contribuiu para a maior atenção que a sociedade tem dado ao assunto da surdez nos últimos anos. Surdos podem se informar e conhecer melhor os procedimentos e estratégias para se fazerem ouvir pelo poder público, e, hoje, até mesmo fazem parte do governo. Com o apoio da tecnologia da informação, conseguem ser compreendidos e tomar decisões sobre suas próprias vidas. Hoje existem serviços de interpretação em tempo real via internet, nos quais intérpretes localizados numa central dizem em português o que a pessoa surda sinalizou para um médico, advogado, atendente ou qualquer outro tipo de prestador de serviço, e vice-versa. Isso representa uma maior autonomia para a pessoa surda, e uma menor preocupação de não ser compreendido no hospital, tribunal, cartório, etc., lugares onde falhas na comunicação podem acarretar prejuízos irreparáveis.

As perspectivas para o futuro da comunicação via internet para surdos são as melhores possíveis. Ao analisar como a história das pessoas surdas vem sendo contada – uma narrativa com início de “descoberta” das línguas de sinais na França após séculos de isolamento, seguida por um tenebroso período onde o “ouvintismo” prevaleceu por cem anos após o Congresso de Milão, e tem seu final feliz com a revalorização das línguas de sinais e a “descoberta” da cultura surda – pode-se compreender a empolgação com que os entrevistados nessa pesquisa encaram o porvir. Eles compartilham o que Costa (2008) chama de “imaginários cristalizados”, pois o discurso unificador de todos os surdos da história faz com que eles se considerem parte de uma comunidade mundial de “semelhantes”.

Através de nosso imaginário atual, estabelecemos com as imagens passadas uma relação de estranhamento e de repúdio frente a tudo o que este sujeito já vivenciou historicamente. Esta história constitui nosso olhar atual, pois, embora o neguemos em nossos ditos, em parte nos relacionamos com o mesmo. (COSTA 2008 p. 514)

Este discurso sobre a surdez nasceu de um contra discurso que inferiorizou pessoas e lhes tomou o direito de autodeterminação. Essa é uma importante posição política de luta por direitos e espaços sociais, e produziu efeitos consideráveis na vida dessas pessoas. Mas, como já foi dito, é inaceitável rotular períodos históricos tão longos como simples fases na vida de surdos, como se estes formassem um grupo homogêneo à parte, e não fizessem parte da sociedade como um todo.

Durante este texto tentei apresentar o desenrolar tradicional da história dos surdos, relacionando-o com exemplos pontuais de como ele está bastante ligado à história das sociedades de que faziam parte. Os marcos fundamentais desta narrativa difundida (muitas vezes) acriticamente na área dos “estudos surdos” precisam ser analisados de maneira mais atenta, levando em consideração que pessoas surdas fizeram (e continuam fazendo) parte da construção social. Para se estudar e escrever história buscamos no passado questões formuladas com as ferramentas do presente, e não há, assim, informação a ser resgatada. Inquietações atuais produzem novas investigações, e dessa forma o saber histórico sempre se renova. A questão das identificações entre surdos neste novo milênio, quando as pessoas interagem e trocam experiências independentemente de onde estejam, foi apresentada aqui de maneira introdutória. Faz-se necessário uma investigação mais ampla, nesse vasto campo de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentei aqui algumas considerações que a graduação em história me proporcionou formular. A ideia de construção histórica me fez perceber que o passado não está simplesmente aguardando para ser resgatado e contado pelo historiador. Na verdade, é o próprio historiador quem decide o que investigar no passado, as questões do hoje produzem a construção do ontem.

Durante muito tempo os surdos foram vistos como anormais ou deficientes por não compartilharem, aparentemente, com as pessoas que ouvem algo essencialmente humano: a linguagem. A sua maneira de se comunicar era considerada uma mímica rudimentar, um improviso. Pesquisas científicas na área da linguística concluíram que os surdos utilizam línguas de sinais tão estruturadas quanto línguas orais na sua comunicação, e o estatuto de normalidade precisou ser revisto. Estudiosos da surdez propuseram uma nova concepção a respeito dos surdos: não devem mais ser considerados deficientes, agora devem ser vistos como uma minoria linguística.

Essa nova concepção de surdez, no presente, transformou os surdos do passado. Aqueles que não tiveram oportunidade de aprender uma língua de sinais passaram a ser vistos como numa escuridão comunicacional até serem libertados pelo abade francês Charles-Michel de L'Épée que aprendeu sinais para educá-los “corretamente”. Por cerca de cem anos os surdos puderam utilizar “sua” língua e desenvolver “sua” própria cultura, até serem brutalmente condenados a oralizar por decisão, como vimos, do Congresso de Milão de 1880. Novamente jogados na escuridão, o “povo surdo” sofreu por outros cem anos até serem novamente resgatados das trevas do “ouvintismo” por estudos recentes que “descobriram” a naturalidade das línguas de sinais.

A construção desse passado cheio de glórias e derrotas passa necessariamente pela atual ideia do significado ser surdo: falantes de uma língua que supostamente lhes concede uma identidade própria, os surdos do passado são vistos com olhos do presente, em que disputas por estatuto e espaço sociais ditam muitas produções acadêmicas. Esta é mais uma delas, que buscou nas experiências de três indivíduos surdos no Rio de Janeiro, respostas para tantas perguntas que ainda precisam ser colocadas, sobretudo com o advento de novas tecnologias de comunicação.

Sem dúvida, as lutas do movimento surdo foram fundamentais para a recente ascensão social de surdos no Brasil. Não era possível imaginar, há poucos anos, que surdos fossem capazes de ocupar posições de protagonismo em escolas, universidades ou no governo

federal, como hoje vemos. Essa movimentação sócio-política obteve relativo sucesso também por causa do período histórico do qual fez parte. Surdos buscavam visibilidade há muito tempo, mas eram frequentemente ignorados nas suas reivindicações. A partir da valorização das línguas de sinais e do desenvolvimento das tecnologias da comunicação puderam complexificar suas relações sociais e aumentar o alcance de ideias antes restritas a poucas pessoas usuárias de Libras.

Como visto, um grande impulsionador da língua de sinais no Brasil foi o curso de Letras Libras EaD da Universidade Federal de Santa Catarina. Primeiro curso da área no país, foi inicialmente desenvolvido apenas para pessoas surdas usuárias de Libras estudarem via internet, produzindo e assistindo vídeos, enviando e recebendo atividades, enfim, trocando informações com surdos de várias partes do país em tempo real através de uma língua visual. Os primeiros formados desse curso trabalharam como multiplicadores, ajudaram a disseminar Libras pelo país, a criar outros cursos de Letras Libras em diversos estados, e abriram um importante espaço para surdos brasileiros em espaços acadêmicos.

Esse movimento de ascensão social fortaleceu a proposta teórica apresentada por Karin Strobel (2016), em que caracteriza os surdos como um grupo étnico-cultural, com uma “identidade surda”. Segundo a autora, isso pode ser facilmente comprovado quando duas pessoas surdas se encontram e começam a se comunicar espontaneamente, mesmo que uma delas não conheça língua de sinais. A partir de Hall (2001), viu-se que a questão da identificação é mais complexa. Não é algo que possa ser repassado, ganhado ou perdido. Segundo o autor, os sujeitos dialogam e constroem os seus meios na mesma medida em que são construídos por ele. Daí a ideia de comparar a construção da identidade a uma sutura, onde numa ponta está a subjetividade do sujeito, construída constantemente através da relação com os outros; e na outra ponta está o meio social do qual o sujeito faz parte enquanto construção e construtor ao mesmo tempo. Na articulação desses dois fatores constroem-se, ininterruptamente, identidades.

Para analisar como esse processo ocorre entre surdos no Rio de Janeiro, entrevistei três pessoas usuárias de tecnologias da comunicação e pude observar como a possibilidade de interação à distância modificou suas relações com a sociedade. Observou-se que a mais velha dos entrevistados, 63 anos, passou por dificuldades com a língua portuguesa para enviar cartas para uma amiga distante, acompanhou boa parte dessa transformação tecnológica, e comemora a atual facilidade em conversar com familiares e amigos em Libras. Outro entrevistado, de 38 anos, estudou no citado curso de Letras Libras da UFSC e nos relatou como a faculdade abriu seus olhos para o aprendizado através da leitura e das relações com

acadêmicos surdos. O mais jovem, de 22 anos, estudante de Letras Libras, contou que utiliza a internet para comunicação desde criança, e que muitas de suas amizades começaram on-line através de vídeo-chamadas e conversas em língua de sinais.

Este trabalho é um ensaio crítico sobre essas experiências, constituindo apenas um primeiro pequeno passo para uma investigação mais aprofundada na área dos “estudos surdos”, no Brasil. Munidos das ferramentas das ciências sociais, é possível provocarmos reflexões pertinentes nesse âmbito, a respeito de temas como cultura, identidade, língua, e sociedade, em meio às experiências singulares, embora compartilhadas por muitos, que a surdez proporciona.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. A política; tradução Roberto Leal Ferreira (Clássicos) 3ª ed. - São Paulo : Martins Fontes, 2006

ASSIS SILVA, César Augusto de. Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade. Terceiro Nome. São Paulo, 2012

BRASIL. Decreto nº 42.728, de 3 de Dezembro de 1957. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-42728-3-dezembro-1957-381323-publicacaooriginal-1-pe.html> acesso em 24/07/2019.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm acesso em 24/07/2019.

BRASIL. Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm acesso em 24/07/2019.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Secretaria de Política de Informática e Automação. Evolução da Internet no Brasil e no Mundo. 2000. Disponível em: <https://www.facterj-rio.edu.br/downloads/bbv/0032.pdf> acesso em 24/07/2019.

CAMPELLO, Ana Regina. Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução / interpretação cultural e seu desafio. Cadernos de Tradução nº 33, p. 143-167, Florianópolis. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v1n33p143> acesso em 05/07/2019.

COSTA, Juliana Pellegrinelli Barbosa. História, sentidos e identidade do sujeito surdo na vivência de imaginários cristalizados. Revista Eutomia Ano I – Nº 01, julho de 2008, p. 513-524. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/issue/view/127> acesso em 20/07/2019.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 12ª edição, 1ª reimpressão. Edusp. São Paulo. 2006

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In SILVA, T. (org.): Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000

QUADROS, Ronice Müller de (Org.). Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã. Editora da UFSC. Florianópolis, 2014.

RAMOS, Célia Regina. Histórico da FENEIS até ao ano de 1988. Arara Azul, 2004. Disponível em <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=19&idart=170> acessado em 26/07/2019.

ROCHA, Solange. O INES e a educação de surdos no Brasil. Vol. 01. INES, Rio de Janeiro. 2007

_____ Memória e história: a indagação de Esmeralda. Arara Azul, Petrópolis. 2010.

ROSA, Andréa da Silva; CRUZ, Cristiano Cordeiro. Internet: fator de inclusão da pessoa surda. Revista online da Biblioteca Prof. Joel Martins, Campinas, v. 2, n° 3, p. 38-54, junho de 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v2i3.580> acesso em 29/07/2019.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. Revista Educação & Sociedade. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005

SACKS, Oliver. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução de Laura Teixeira Motta. Companhia das letras. São Paulo, 2010.

SILVA, Vilmar. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola Pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In Estudos surdos In. QUADROS, Ronice M. (org.) Arara Azul, 2006. Petrópolis, RJ

SILVA, Lidia Oliveira da. A Internet - a geração de um novo espaço antropológico. In LEMOS, André e PALACIOS, Marcos (Orgs.). As janelas do ciberespaço. Porto Alegre. Ed Salinas, 2001.

SILVA, Angélica Bronzatto de Paiva e; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; ZANOLLI, Maria de Lurdes. “Mães Ouvintes com Filhos Surdos: Concepção de Surdez e Escolha da Modalidade de Linguagem”. In Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa. Jul-Set 2007, Vol. 23 n. 3, pp. 279-286. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n3/a06v23n3> acesso em 23/07/2019.

SKLIAR, Carlos (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. 8ª edição. Mediação. Porto Alegre, 2016.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. 4ª edição. Editora da UFSC, Florianópolis, 2016.

_____ História da Educação de Surdos. Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://www.Libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/index.html> acesso em 25/07/2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Sistema de bibliotecas e informação. Manual para elaboração e normalização de trabalhos de conclusão de curso / organizado por Elaine Baptista de Matos Paula et al. – 3. ed. rev., atual. e ampl. -- Rio de Janeiro : SiBI, 2011.

VENSON, Anamaria M.; PEDRO, Joana M. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. In Revista História Oral, v. 15, n. 2, p. 125-139, jul.-dez. 2012

REFERÊNCIAS DE FONTES

ATAS: Congresso de Milão [de] 1880. – Rio de Janeiro: INES, 2011. Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos; Vol. 2.

PIERRY, Flávia. Surdos poderão ter desconto obrigatório para torpedos. *O Globo*. Rio de Janeiro, 07 de março de 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/surdos-poderao-ter-desconto-obrigatorio-para-torpedos-4245464> acessado em 04/07/2019.

REVOLTARAM-SE os surdos-mudos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1950, p.1, 6.

SHARP lança o primeiro videocassete doméstico. *Folha de S.Paulo* São Paulo, 26 de fevereiro de 1982. Disponível em http://almanaque.folha.uol.com.br/dinheiro_26fev1982.htm acesso em 28/07/2019.

ANEXO I

Entrevista 01, realizada em junho de 2019 – Maria, 63 anos

Pesquisador – Primeiramente gostaria de agradecer a Maria por ter aceitado participar da entrevista para este trabalho, muito obrigado. A entrevista começa sobre sua identificação. Qual seu nome?

Maria – Meu nome é Maria Procópio¹⁹. Meu sinal é assim.

P – Qual a sua idade?

M – Tenho 63, vou fazer 64.

P – Onde você nasceu?

M – Aqui no Rio de Janeiro.

P – Qual a sua formação?

M – Sou formada em pedagogia, e também possuo uma especialização em educação.

P – Ok. E qual a sua profissão?

M – Eu sou funcionária da UFRJ, funcionária pública. Mas aqui eu dou aula para crianças surdas na faculdade de fonoaudiologia. Mas não sou professora no contracheque, meu considero funcionária pública apesar de aqui na faculdade de fonoaudiologia dou aula para crianças surdas.

P – Entendi, ok. Já fizemos sua identificação. Agora vamos falar sobre sua aquisição de linguagem e idade escolar. Pergunta 6: Quando sua família descobriu que você é surda? Quantos anos você tinha?

M – Quando eu nasci os meus pais não sabia nada sobre surdez. Tenho uma irmã um ano mais velha que eu, meus pais sentiram que eu era diferente dela, mais agitada. Ou quando acontecia algum barulho minha irmã se assustava e eu não percebia. Estava sempre agitada. Meus pais perceberam essa diferença, quando eu tinha quatro anos eles me levaram ao médico e lá ficaram sabendo que eu era surda. Foi uma surpresa pra eles na época. Eu tinha quatro anos.

P – Certo, quatro anos. Entendi. E como que você se comunicava com a família?

M – Só por apontamentos. Minha mãe tinha muito intimidade comigo, conhecia meu jeito, sabia o que eu queria. Às vezes eu vocalizava alguma coisa, pedia comida... Sempre fazendo

¹⁹ Nome fictício.

“ah, ah ah”. Como eu estive sempre muito colada com minha mãe, ela entendia o que eu queria através de alguns gestos. A gente estava sempre juntas então ela já estava acostumada.

P – Entendo, apontamentos...

M – Isso. Eu com a cabeça dizia que sim, dizia que não. Com muita expressão facial, ela acostumada em me ver, muito colada comigo.

P – A mãe geralmente é quem está sempre mais próximo.

M – Ela sabia o que eu queria. Mas língua de sinais não, nada.

P – Essa é a próxima pergunta, número 8: Com que idade você aprendeu Libras?

M – Eu acho que tinha quatro ou cinco anos

P – Onde?

M – No INES, foi quando entrei lá. Depois eu estudei na Gávea, no INOSEL, um carro me buscava no INES me levava para lá. Depois minha mãe me buscava no INES. Mas foi lá no INES que aprendi. Todos os surdos sinalizavam no INES, eu fui vendo e aprendendo com a comunidade surda.

P – Ah legal, entendi. Então foi na convivência com surdos que você aprendeu Libras. Pergunta 9: A sua família sabe língua de sinais?

M – Ah não... Por exemplo, o sinal de trabalhar que é assim [faz o movimento a frente do corpo], eles fazem assim [passa o dedo indicador na testa, como quem tira o suor]. Não fazem o sinal mesmo. Utilizam só gestos. Eu comecei a aprender por causa do INES. Minha mãe estava sempre junto de mim, colada comigo, acabava aprendendo alguns sinais e em casa fazia um sinal ou outro. Por exemplo, o sinal de arrumar, uma ouvinte amiga da minha mãe disse que era melhor fazer assim com as mãos [mãos juntas em movimentos de zigue-zague], e quando ela fazia esse movimento eu entendia o que ela queria dizer. Ou até alguns sinais como “amigo”, “gostar”... coisa muito básica ela sabia fazer. Mas minha mãe não sabe Libras não, ela utiliza alguns sinais para se comunicar comigo, e tudo que eu fazia ela entendia por estar acostumada comigo.

P – Ah então eram sinais caseiros.

M – Isso, sinais caseiros.

P – A próxima pergunta você já respondeu, que é a idade que você entrou na escola. Você disse que entrou no INES aos quatro anos.

M – Isso, quatro ou cinco anos mais ou menos. Acho melhor dizer aos cinco anos.

P – Cinco anos então, ok. Onde você estudou? Você me disse que foi no INES, mas não só. Como foi?

M – Eu comecei no INES, como disse entrei em 64 ou 65, e fiquei até 1968 quando mudei para o INOSEL, na Gávea. No INES eu acho que era jardim de infância e, diferentemente do INOSEL, eu sinalizava sempre a todo momento, todo mundo sinalizava lá. No INOSEL eu sentia que algumas pessoas mandavam falar, a gente tinha que treinar a voz, oralizar algumas coisas. Eu já conhecia alguns surdos de lá porque eles também estudaram no INES antes, e eles também sinalizavam. Lá eu fiquei até me formar no ensino fundamental. Depois, no ensino médio, antigo segundo grau, eu fui para uma escola de ouvintes. Horrível, eu era a única surda. Era horrível. Eu só decorava, decorava, decorava... Mas eu sentia que não entendia nada. Todo mundo era ouvinte. Era a escola da Gama Filho. Por sorte eu fui decorando e estudando até me formar, mas sentia que não aprendia nada. Era horrível.

P – Não sabia que a Gama Filho chegou a ter escola de ensino médio.

M – Sim, o nome era Colégio Piedade. Era do lado da Gama Filho, não ficava no prédio principal, a escola era do lado.

P – Entendi. Então vamos para próxima pergunta. Você disse que estudou em três escolas diferentes, nessa pergunta você pode falar um pouco de cada escola. Na sua escola você tinha aulas de oralização ou de leitura labial?

M – No INES eu era muito criança, não lembro bem. Eu acho que os professores sinalizavam um pouco, mas a grande maioria não sabia Libras. Eu copiava as palavras do quadro, treinava a escrita, mas todos os surdos sinalizavam. Todos. Os professores sinalizavam mal. Na Gávea, no INOSEL, não tinha professor que sinalizava. Eu entrei lá na quinta série e fiquei até a oitava série e nenhum professor sinalizava, só escreviam no quadro e oralizavam, não tinha intérprete, nada disso. Às vezes eu entendia alguma coisa e conversava com os colegas surdos, interagia com o colega. Ou também na sala de recursos, não sei como chamavam antigamente, hoje chamamos de sala de recursos, lá a gente estudava de manhã o assunto da aula da tarde.

P – Mas ensinar mesmo, treino de leitura labial e oralização. Você teve isso?

M – Sim, teve. Eu frequentei fonoaudióloga que utilizava uns microfones, uns fones de ouvidos enormes.

P – Isso foi no INOSEL?

M – Sim, não foi no INES não. Mas acabou que eu aprendi a oralizar muito pouco. No INES aprendi um pouco e no INOSEL aprendi um pouco mais. Lá eles utilizavam esses microfones numa mesa redonda onde a fonoaudióloga que era a irmã, nós chamávamos de irmã lá no INOSEL...

P – Como assim irmã?

M – Eram as freiras. Antigamente utilizávamos esse sinal e chamávamos de irmãs, e com elas a gente treinava a oralização. Elas também davam aulas de assuntos cristãos, missa...

P – Então era um treinamento de oralização mesmo, né?

M – Era. Eu não me sentia muito bem... Com o tempo acabei me acostumando.

P – Você disse que mudou do INES para o INOSEL em 68, certo?

M – Sim, no INES estudei até 68, e no INOSEL eu saí em 75 quando me formei no ensino fundamental.

P – Certo, entendi.

M – Mas na sala de aula era todo mundo ouvinte, só tinha quatro surdos.

P – Quatro surdos?

M – É, era uma turma mista lá. Não tinha só surdos como no INES, só tinha quatro surdos na minha turma.

P – Você acha que no INOSEL eles utilizavam comunicação total?

M – Exatamente. Isso, isso mesmo.

P – Entendi. E na escola de ensino médio?

M – Ah no ensino médio, na Escola Piedade, nada. Nada mesmo. Era só oralização e muito trabalho pra mim. Eu lembro que eu até tentei começar a oralizar lá, pelo pouco que aprendi no INOSEL.

P – Então no ensino médio foi nada.

M – Foi a pior época da minha vida. Horrível! Péssimo! Não aprendi nada. Só decorava.

P – Nossa... Bom, vamos para a próxima pergunta. Em alguma dessas escolas você teve aula de Libras? Não é se o professor usava Libras, é se você teve aulas da língua mesmo. Teve?

M – Não, só fora com os amigos. Porque no INES eu sinalizava com todos os surdos. No INOSEL que tinha três ou quatro surdos na minha turma, muitos aprenderam comigo que aprendi no INES. Acabei levando a Libras pra escola e todos sinalizavam.

P – Então você nunca teve aula de Libras, ensinando sinais...

M – Não. Só fora da sala de aula, batendo papo. Na sala não teve, não utilizavam sinais. A gente era obrigada a oralizar.

P – Mas dentro da escola havia algum tipo de proibição do uso de sinais?

M – Não. As freiras diziam que era melhor não, nos chamava a atenção e diziam pra gente tentar falar. Ninguém batia na mão, ou agia com violência, isso não aconteceu. Do lado de fora da sala de aula as irmãs, as inspetoras, viam que a gente sinalizava, mas... Fazer o que? Dentro da sala de aula eles incentivavam a gente a oralizar, “tenta falar com ele, não sinaliza...” Mas nunca de forma ríspida, elas só chamavam a nossa atenção. Como você falou antes, era comunicação total.

P – Entendi. Vamos para pergunta 14. Nas suas escolas, você já disse que foram três, os professores utilizavam que língua para dar aula?

M – No INES eu era muito criança, só lembro todo mundo sinalizando. Não lembro muito das aulas, eu era muito pequena, tinha só 11 anos. E também eu comecei com certo atraso. Já no INOSEL... Desculpa qual é a pergunta mesmo?

P – Se os professores davam aula em Libras ou português.

M – Ah sim. Lá no INOSEL os professores não sinalizavam, não tinha intérprete, nada disso. Era só oralização e escrita no quadro, só isso. A turma ficava meio dividida entre surdos e ouvintes. Mas Libras não tinha.

P – E na terceira escola então...?

M – Lá foi zero. No ensino médio foi zero, nada.

P – Certo, entendi. Fiquei curioso, no INOSEL quantos alunos tinha na turma? Fico pensando em como o professor responsável pela turma mista de surdos e ouvintes tinha que fazer pra dar conta. Eram quantos?

M – Surdos eram quatro. Na turma acho que era no máximo 20. 4 surdos e 16 ouvintes.

P – Certo. Próxima pergunta, 15: Na sua escola como você se comunicava com os professores? Fale um pouquinho sobre as três.

M – No INES eu só mostrava. Escrevia alguma coisa, mostrava para o professor, ele dizia que não ou que sim, fazia alguns gestos. Só isso. Eu me lembro que estava sempre animada, parecia que estava sempre brincando. No INOSEL eu conseguia fazer algumas perguntas para os professores porque os amigos surdos me ajudavam. Eu tinha um amigo surdo muito inteligente que sabia português muito bem, sabia oralizar, e me ajudava. Ele sinalizava pra mim e eu podia perguntar para a professora. Às vezes nem era a professora que me ensinava era mesmo esse amigo surdo. Os professores não eram ríspidos, sempre falavam devagar, tentavam ser compreendidos, tentavam falar com calma. Eu sei que a minha voz não é boa, então eu tentava falar com calma até que eles entendessem e assim a gente conseguia se comunicar.

P – Você falava um pouquinho, também sabia ler lábios...

M – Sim, dava trabalho. Às vezes eu não entendi, o amigo surdo me ajudava. Os surdos se ajudavam muito.

P – E a outra escola? Do ensino médio?

M – No ensino médio nada. Nada. Eu tinha uma amiga ouvinte que me ajudava com datas de prova, me mostrava no livro o conteúdo, eu tentava estudar pra prova em casa... Se fosse avisada que um determinado dia não iria ter aula ela me avisava, eu ficava dependendo dela. Só me comunicava com ela.

P – Certo. E com os funcionários? Como você se comunicava? Era a mesma coisa? Estou falando de inspetor, secretaria, lanchonete...

M – No INES todo mundo sinalizava desde pequenos.

P – Até o inspetor?

M – Sim, sabia. O inspetor sabia Libras. As irmãs também sabiam, e a gente conseguia se comunicar. Eu dizia o que queria, o que não queria, que queria ir ao banheiro, contava da briga do colega... Tudo isso em Libras e era compreendida, era bom. A mesma coisa no refeitório do INES as pessoas sabiam Libras. Libras básico, a gente não conversava, mas eu podia dizer o que queria, o que não queria... Era bom. No INOSEL era um pouco menos, era mais gestos e apontamentos. Mas eu também conseguia me comunicar com o inspetor, eu usava um pouco da minha voz... No INES não, mas no INOSEL eu usava um pouco da minha voz porque a maioria das pessoas eram ouvintes. Eles brincavam comigo, diziam que eu estava fazendo bagunça... E a gente conseguia se comunicar assim, com bom humor. No ensino médio eu ficava sozinha, só tinha essa minha colega, que também brincava comigo sobre namoradinhos, uma dizia pra outra que estava de olho num rapaz bonito... No ensino médio foi só com essa colega, com os professores nada.

P – E com os funcionários nada também?

M – Não, nada. Eu sempre pedia ajuda para minha colega, às vezes precisava pagar alguma coisa, colocar meu nome em alguma lista, ela me ajudava com essas coisas. Só com a ajuda dela que eu conseguia me comunicar na escola.

P – Isso tem a ver com a próxima pergunta. Como você se comunicava com os colegas?

M – No INES era ótimo, no INOSEL também era ótimo, eu interagia com todo mundo até mesmo com os ouvintes, era legal. Os ouvintes sabiam um pouco de Libras, a gente era bem unido. Claro que eu andava mais com os surdos, mas a gente conversava também com os ouvintes, fazíamos fofoca, conversávamos sobre a prova... Era bom, eu me sentia muito bem. No começo foi um pouco difícil, mas depois eu me acostumei e gostei, foi ótimo, muito legal.

P – Foi a mesma coisa no ensino médio?

M – Na verdade era só eu e uma amiga.

P – Só vocês duas?

M – Sim, pros outros eu dizia oi e tchau. Ela me provocava dizendo que eu tava de olho em um rapaz, eu dizia que não, aquelas brincadeiras de adolescente... Mas era muito pouco. Na hora da chamada ela me ajudava, dizia para o professor que eu estava presente. Só isso. Não tinha muita interação, era pouca. Eu me sentia mal, era ruim.

P – Verdade, imagino como você deve ter se sentido sozinha...

M – É, eu quase abandonei a escola. Minha madrinha que não deixou, eu era aluna bolsista lá, estudava de graça. Então eu tive que aturar isso por três anos.

P – E no final foi um alívio...

M – Sim. A minha madrinha dizia que eu poderia estudar na própria Gama Filho, da qual a escola fazia parte, mas eu pedi por favor para não fazer isso. Ela queria que eu estudasse Educação Física, eu disse que não porque já tinha aguentado o português durante muito tempo, preferia trabalhar logo... Procurar logo um emprego. Ela aceitou e me ajudou com isso também.

P – É, verdade... É ruim se sentir sozinho.

M – É muito, muito ruim.

P – Que pena... Ok, já falamos sobre comunicação com os colegas, agora a próxima pergunta, número 18: Como você avalia a sua leitura e escrita de língua portuguesa hoje?

M – Bom... Eu mesma, na minha opinião, eu digo que é ruim. O meu português é ruim, eu tenho dificuldade com leitura. Até mesmo com a família... Minha família era muito pobre, não tinha como me ensinar ou me estimular. Vivi sempre apontando.

P – Sim, você não teve treino.

M – No INOSEL eu tive treino e pude melhorar um pouco. Era difícil pra mim. A frase “eu gosto de você”, por exemplo, eu tinha dificuldade mas conseguia ler. Frases curtas...

P – Entendi, não é perfeito.

M – É, nunca fica perfeito. Eu me sinto atrasada. E também eu acho que meu cérebro ficou um pouco atrasado.

P – O português faz falta...

M – Às vezes alguém escreve alguma coisa, eu fico com vergonha... Eu tenho dificuldade mesmo. Alguns surdos me ajudam, eu vou aprendendo um pouco... Melhorei, mas meu português não é perfeito não.

P – Certo, entendi. Vamos para próxima pergunta. Na sua opinião, as escolas em que você estudou te ajudaram a lidar com a sociedade de maioria ouvinte? Se elas te treinaram a lidar com pessoas em bancos, restaurantes... Suas escolas te treinaram nesse sentido?

M – (Reflete um pouco) No INES eu era muito criança, não me lembro bem. Não precisava me comunicar tanto como ouvintes, eu só via as coisas na vitrine e apontava, dizia pra minha mãe o que queria só apontando mesmo. No INOSEL sim, no INOSEL a gente treinou. Eu fui ensinada a ler letreiros e vitrines, principalmente nas aulas de matemática onde o professor apresentava problemas... Como comprar pão, como fazer contas de troco, de divisão. Eu sabia o quanto dar de dinheiro e o quanto deveria receber de volta. Isso eu aprendi no INOSEL.

P – E na escola de ensino médio?

M – Não, não... Nada.

P – Certo, acho que não vou perguntar mais sobre essa escola.

M – O que aprendi no ensino médio, na verdade eu já tinha aprendido no INOSEL. Aquela escola não me ensinou nada. Não aprendi nada. Foi horrível.

P – Que ruim...

M – No ensino médio eu só fiquei até o fim por causa do certificado. Eu queria me formar para poder trabalhar, fiquei lá só por isso. Minha madrinha queria que eu estudasse, e eu ficava lá pensando no diploma e nada mais.

P – Já pensou se não tivesse o certificado de ensino médio como ficaria mais difícil?

M – Sim, eu agradeço à minha madrinha. Porque depois eu pude fazer faculdade apresentando esse diploma de ensino médio.

P – É um sacrifício necessário... Ok, encerramos as perguntas sobre escola. Agora vamos falar sobre socialização e tecnologia. Pergunta 21: Durante a infância e adolescência você utilizava algum aparelho tecnológico para se comunicar à distância?

M – Sim. Eu usava principalmente cartas. Tinha uma amiga minha que era muito boa em português, diferentemente de mim ela teve incentivo da família para leitura, ganhou livros de presente e ela adora ler, gosta muito. E ela me ajudava, me ensinava um pouco de português. Quando ela se mudou para Salvador, não lembro se por causa de um namorado ou por causa da faculdade, nós sentíamos falta uma da outra e trocávamos muitas cartas. Eu escrevia em português pra ela, ela recebia as cartas e corrigia meus erros com uma caneta vermelha. Quando eu recebia a resposta dela, chegava na minha casa uma correspondência enorme, com várias páginas, cheias de correções feitas por ela pra me ensinar português. Mesmo que eu escrevesse de maneira simples, ela me entendia. A gente trocava muita carta, então aprendi muito, foi muito legal.

P – Que legal! Mas você utilizou algum aparelho eletrônico?

M – Você tá falando dos anos 1990? Por que o que eu utilizava mesmo eram cartas.

P – Certo, mas o que quero saber é se você utilizou algum aparelho eletrônico mesmo. Por exemplo: TDD ou mensagem de texto ou algo do tipo.

M – A primeira coisa que eu usei foi um bipe, eu tive um bipe. Me ajudava por um lado, mas por outro eu tinha que pedir pra alguém pra ligar. Quando a pessoa falava comigo no bipe eu via e pedia pra alguém mandar o recado. Se era alguém me chamando para uma festa, por exemplo, eu tinha que pedir pra alguém ligar e dar o recado dizendo se eu poderia ou não poderia ir. Mas sempre precisava pedir para um ouvinte telefonar. Não podia ficar a vontade, falar de assuntos particulares. Só servia pra essas coisas pontuais, simples. Mas serviu.

P – Isso ocorreu em que época mais ou menos?

M – (reflete tentando lembrar) Acho que foi em 1997 ou 1998, por aí. Não... Entre 95 e 97. Em 97 eu tinha um celular grande, aqueles com botões grandes, nele eu podia escrever em português.

P – Ah então nele você usava SMS?

M – Isso, isso. Era um celular grande, com botões grandes. Ali dava pra eu digitar em português e trocar mensagens. Mesmo com meu português imperfeito eu trocava mensagens, foi quando eu comecei a utilizar mais ainda o português no dia-a-dia e aprendendo mais.

P – Então na infância você usava cartas pra se comunicar.

M – Sim, quando adolescente eu mandava cartas. Era bom porque eu aprendia muito português, me ajudava muito. Principalmente quando minha amiga se mudou para Salvador.

P – Legal. Vamos para a próxima pergunta: Durante sua infância e adolescência você tinha contato com surdos fora da escola? Você tinha esse contato? Quando isso começou?

M – Nossa... (reflete, tentando lembrar). Eu comecei mais ou menos com 11 ou 12 anos quando os surdos me convidavam para festas de aniversário. Quando eu chegava lá sempre tinha muitos surdos, todo mundo sinalizava. Sempre com minha mãe, claro, eu tinha hora pra voltar pra casa isso me incomodava um pouco. Mas quando eu era maior, mais ou menos com 15 ou 16, eu comecei a frequentar festas e associações de surdos. Meus amigos diziam que era legal, que tinham muitos surdos, quando chegava lá era exatamente isso e eu não parei de frequentar. Então foram nas associações onde eu comecei a encontrar com muitos surdos.

P – E quantos anos você tinha nessa época?

M – Eu tinha entre 15 e 17, durante a adolescência eu frequentava bastante.

P – Então o principal lugar onde você encontrava outros surdos era na associação.

M – É. Na associação eu encontrava surdos, e lá eles me chamavam para outras festas em outros lugares, nas casas deles. Mas a associação mesmo era o lugar, todo sábado eu estava lá.

P – Mas qual associação?

M – Alvorada. Primeiro eu frequentava a ASURJ, depois passei a frequentar mais a Alvorada onde eu tinha mais amigos.

P – Então vamos para a próxima pergunta, 23: Você já falou, mas só pra ficar claro. Você tinha contato com surdos em outras cidades? Quando isso começou? Você já falou da amiga na Bahia...

M – Quando eu comecei a trabalhar, a ter meu dinheiro, em 1979, eu tinha entre 23 e 24 anos. Foi quando eu comecei a combinar com os amigos surdos de irmos em festas em outros estados. Eu conhecia surdos que estudaram no INES ou no INOSEL e que nós mantínhamos contatos através de cartas – olha carta como era importante – e eles me convidavam para ir nas casas deles e eu ia lá passear. Eu mantinha contato com muitos surdos. Já fui à Natal, à

Fortaleza... Na casa de surdos conhecidos que estudaram aqui no Rio, no INES. Lembro também de uma pessoa em Salvador que fui visitar... Encontrei surdos em vários lugares. Já fui à Argentina, já fui à Porto Alegre encontrar surdos. Já fui a muitos lugares, praticamente no Brasil inteiro.

P – Então você começou principalmente depois de começar a trabalhar.

M – Isso. Antes não. Antes eu não tinha dinheiro, minha família não tinha dinheiro. Por isso que eu queria logo trabalhar, pra ficar à vontade, ter meu próprio dinheiro.

P – Mas e antes de trabalhar? Você disse que trocava cartas...

M – Isso, eu trocava cartas.

P – Mas com uma amiga só? Com que idade você começou a trocar cartas?

M – [Tenta lembrar coçando a cabeça] Eu acho que ela estava na faculdade de biblioteconomia, não lembro... foi mais ou menos com 22 anos, porque foi perto de eu começar a trabalhar.

P – Certo. 22. A pergunta 24 você já me respondeu...

M – Rapidinho... Eu viajava também para São Paulo. Às vezes acontecia festa da associação de surdos de lá e eu frequentava.

P – Era só nas férias?

M – Sim, nas férias e às vezes tinha uma festa especial e eu ia para passar o fim de semana lá, feriados... Ia muita gente junto, era muito bom.

P – Bom, a pergunta 24 você já me respondeu, era sobre como você se comunicava à distância e você me disse que era por cartas.

M – É, isso mesmo.

P – Próxima pergunta, 25: Na verdade essa também já foi, é sobre o primeiro aparelho eletrônico. Você já falou que foi o bipe, e que foi entre 97 e 98.

M – Isso, também aquele celular grande e o TDD. Só não lembro quando.

P – Mais ou menos 2000?

M – É, talvez... TDD era aquele aparelho que encaixa o telefone no teclado.

P – Você tinha em casa um TDD?

M – Sim, tinha em casa. Eu encaixava o telefone no aparelho, teclava, e a pessoa ouvia o que eu digitava. E o que a pessoa falava no telefone aparecia escrito no TDD pra mim. Eu tinha esse aparelho, e servia. Mas também era tudo em português, dava muito trabalho, às vezes eu

não entendia... Às vezes eu não entendia a frase. Era uma comunicação simples, mas era uma melhora.

P – Era um avanço mesmo. Eu mesmo nunca vi, nunca usei TDD, legal. Pergunta 26: Como você buscava notícias e informações há 30 anos atrás? Mais ou menos nos anos 90.

M – (reflete) Eu usava mais cartas nessa época... Há 30 anos atrás. É, eu trocava cartas... deixa eu ver... Acho que só, só cartas mesmo.

P – Mas e notícias? Sobre os acontecimentos do Brasil, do mundo, política, etc... Como você se informava?

M – Não... Só jornal. Eu tentava ler os jornais, entendia pouca coisa. Perguntava pros amigos o que estava no jornal, meus amigos surdos me explicavam o que tinha acontecido porque eles sabiam português melhor do que eu. E também via as manchetes grandes sobre acidentes, incêndios em Copacabana... Com isso somada às explicações dos amigos eu me informava. Na escola também o pessoal me contava, a própria professora de História explicava alguns acontecimentos, dizia pra gente trazer recortes de jornais, isso me ajudava a me informar também.

P – E depois? Nos anos 2000 era a mesma coisa, continuava no jornal?

M – Mais ou menos... Ah lembrei, eu tinha um canal com janela de Libras. A televisão era mais visual ainda, eu via de manhã cedo e me informava sobre o que estava acontecendo, isso somava com o jornal pra eu entender o que estava acontecendo.

P – Já tinha legenda na TV? Do tipo closed caption.

M – Não lembro... Acho que sim... Sim, tinha sim. Há 20 anos tinha, há 30 anos não. Lembro que tinha uma TV da marca Sony, porque só essa que tinha legenda, eu fui procurar pra comprar aquela grande de tubo. Tinha uma dessa.

P – A partir daí você tinha mais informações.

M – Isso. Tinha mais informação aí nessa época.

P – E depois? Nos anos 2010, como era?

M – Eu já tinha TV com legenda, também continuava a ler jornal porque é bastante visual. Nessa época começou a ter aquela janelinha na TV com intérprete de Libras.

P – Ah então foi nessa época que começou?

M – Sim! Nessa época começou a ter intérprete. Eu não via muito na TV, deixa eu lembrar... Na Globo não tinha, acho que foi no SBT, não lembro... Lembro que não era na Globo, não sei ao certo. Mas eu comecei a ver gente sinalizando na TV nessa época, e também comecei a usar celular. Não tava perfeito ainda, era um pouco simples como você falou, não dava pra fazer vídeo-chamada e sinalizar com a pessoa nem gravar vídeos. Era só troca de mensagens curtas.

P – Sim, o SMS.

M – Exato.

P – Aí eu lembro.

M – Sim, era um celular pequenininho que a gente guardava no bolso, aquele de abrir. Não dava pra sinalizar nem fazer vídeo-chamada, era digitando. Mas a TV já tinha legenda, SMS, várias coisas, juntando as coisas eu conseguia me comunicar bem.

P – Isso tem a ver com a pergunta sobre hoje. E hoje, já está tudo pronto?

M – Hoje é maravilhoso. Maravilhoso. Eu aprendo muita coisa que eu poderia ter aprendido há muitos anos. Meu marido sabe mais português do que eu, às vezes eu não entendo alguma palavra que ele me manda eu peço pra ele gravar um vídeo sinalizando, ele sinaliza e eu entendo perfeitamente o que ele queria dizer. É maravilhoso. Hoje eu até consigo melhorar minha leitura do português. Se eu tivesse isso há mais tempo provavelmente meu português teria se desenvolvido muito mais. Eu vejo os jovens de hoje utilizando tanta tecnologia, principalmente no celular, isso é muito bom pra eles aprenderem. Eles vão aprender muito mais rápido. É ótimo.

P – Hoje quando você começa a digitar uma palavra no celular ele completa a palavra, a pessoa nem precisa digitar até o final...

M – É isso me ajuda muito. Também se eu estou em dúvida na escrita de alguma frase eu coloco no Google pra saber se está certo. Um exemplo: em Libras eu diria “eu gostar você”, quando eu coloco no Google ele me diz que preciso colocar a palavra “de”, aí eu corrijo e escrevo “eu gosto de você”. O Google me ajuda muito, é ótimo, maravilhoso.

P – Que legal.

M – E hoje tem Libras na TV, em todo lugar. Quando eu vou em alguma loja de roupa, digo pra vendedora que sou surda, que estou só olhando, a vendedora me pergunta meu tamanho fazendo os sinais das letras P, M e G. Das primeiras vezes achei até estranho, fiquei surpresa com a vendedora tão simpática e ainda sabendo sinais. Isso me deixa muito animada e feliz por ser recebida assim. Às vezes até converso com a vendedora, digo que tá caro, que tá barato... Ensino alguns sinais. É muito bom. Principalmente por causa da televisão, e também por causa da lei. A lei... Como é o número da lei mesmo?

P – 5.626?

M – Isso, essa é a lei de 24 de abril. Ela foi fundamental, todo mundo passou a enxergar o surdo.

P – Sim, o surdo começou a aparecer.

M – Isso foi muito importante. O surdo passou a ser tratado como diferente, que tem a sua própria língua.

P – Legal. Pergunta 30: Existe algum personagem ou pessoa surda que marcou a sua vida? Algum surdo que fez alguma coisa, um vídeo, ou um professor que fez algo que te marcou. Não precisa ser famoso, só precisa ser surdo.

M – Ah tanta gente...

P – Tanta assim? Fale sobre alguns.

M – (reflete sorrindo tentando lembrar) Eu gostava dos livros feitos para instrutores de Libras, para ensinar Libras. Nelson Pimenta me ensinava muito através desses livros. Ele dizia que a língua de sinais tinha que ser produzida de forma natural. Um exemplo era o sinal para “cunhado”. Eu perguntava se o sinal de cunhado é feito assim (faz um sinal complexo)? Nelson perguntava pras pessoas como elas faziam o sinal, eu ficava um pouco sem graça de responder, os surdos respondiam que faziam o sinal assim (faz um sinal menos complexo), e ele dizia que essa segunda forma é mais natural. Ele explicava essas coisas, era maravilhoso. Então Nelson Pimenta que tinha uma empresa, chamada LSB, me ensinava muito. Eu percebia que o que eu sinalizava estava registrado, e aprendi que a língua não era rígida, cheia de regras, ela podia ser natural, feita para se relacionar com as pessoas, da mesma forma que os ouvintes utilizam a língua portuguesa. Eu aprendi muito com Nelson Pimenta e a empresa LSB, foi maravilhoso.

P – E como você entrou em contato com esse material?

M – A gente se encontrava muito em palestras que eu ia assistir, eu frequentava a loja da LSB, gostava dos produtos.

P – E você comprar as fitas?

M – Sim, comprava. Também comprava livros, livros infantis. Livros que ensinavam Libras... Isso já faz muito tempo. Então se teve alguém me marcou foi Nelson e a empresa LSB.

P – Se tiver outra pessoa que você queira falar também...

M – Não lembro, mas teve outros sim. Mas Nelson é o que mais marcou.

P – E você o encontrava bastante também né?

M – Isso. A gente conversava, ele me fazia perguntas que me fazia pensar... Eu admitia alguns erros, tentava melhorar.

P – Ele gosta de fazer esse tipo de provocação, de ajudar a refletir.

M – Exatamente. Eu aprendi muito com ele. E também com Ana Regina que me incentivava bastante a desenvolver a língua portuguesa. Eu aprendo muito com os surdos. Eu aprendo com todos os surdos.

P – Isso tem a ver com a outra pergunta. Existe algum material produzido por surdos, pode ser do próprio Nelson Pimenta, que te marcou? Pode ser vídeos, palestra, obra de arte, desenho...

M – Sim, as fitas VHS. Eram gravadas em Libras, e eu aprendia muito com elas. Mostrava pras pessoas, ensinava Libras, todo mundo gostava. Esse foi o material que eu mais gostei. E também os livros que ensinavam Libras para crianças, com fotos. A gente mostrava e ensinava para crianças como fazer seu nome, tinha imagem das letras em Libras.

P – Essas fitas são de mais ou menos quando?

M – Não lembro bem... Faz muito tempo! Mais ou menos entre 1996 e 1998.

P – Então ele gravava os vídeos e vendia as fitas.

M – Isso, ele fazia tudo. Ele que vendia também, pela LSB.

P – Legal. Eu não coloquei nenhuma pergunta sobre essas fitas VHS que foram muito importantes. Você usava muito?

M – Sim, usava muito. Aprendia muito com as fitas.

P – LSB era a única empresa que produzia esse tipo de material?

M – Não tinha outras. Tinha de poesia, que era da Fernanda, também muito legal. Também tinha vídeos de teatro surdo. Eu fui atriz, eu sou atriz. Eu, Silas, Nelson, e outros surdos que sinalizavam. Fazíamos vídeo-aulas de Libras, por exemplo, sobre cores. Nós encenávamos uma situação em que os atores utilizavam os sinais das cores. No fim da encenação o apresentador voltava mostrando os sinais das cores que foram utilizados. Tudo isso em fita VHS.

P – Que legal! Então você participava das gravações desses vídeos?

M – Participava! Eu atuei em vídeos sobre outros temas como prevenção a AIDS, por que não existia muita divulgação na época, então a gente falava sobre o uso de camisinha, prevenção... Eu participava das gravações, interpretei uma pessoa doente que se arrependia de ter agido sem pensar e não ter usado camisinha... Todo mundo era surdo e fazia em Libras. Quando ficava pronto a gente divulgava para os surdos do Brasil. Fizemos vídeos também sobre uso de drogas, gravamos uma encenação sobre o assunto em VHS.

P – Que legal... Quando foi isso?

M – O primeiro que a gente fez foi sobre uso de drogas e depois sobre DST... Não, na verdade o que fizemos primeiro foi um curso básico de Libras. Depois fizemos sobre DST e depois sobre drogas. Os que eu participei foram sobre esses três assuntos. Foi bem bacana.

P – Isso foi mais ou menos em 98, por aí?

M – É, por aí, 98. Hoje eu vejo os vídeos, eu era bem jovem. Acho que era 98.

P – Você tem guardado?

M – Acho que eu tenho alguns guardados. Acho que tem até no youtube, os da LSB talvez não, mas esse sobre DST da pra achar.

P – Talvez Nelson tenha guardado lá. Muito legal que você participou. Vamos para a próxima pergunta, 32: Você acha que a tecnologia ajudou aos surdos a se comunicarem com ouvintes? Como foi?

M – (reflete) Sim, eu aprendi com ouvintes, me ajudou a aprender com os ouvintes.

P – Então você acha que a tecnologia ajuda você a se relacionar, a aprender?

M – Sim, porque todos os ouvintes mandam áudio fácil no Whatsapp, e eu precisava ter que digitar, eu via que todo mundo digitava, mandava áudio, e eu falei “poxa eu posso me comunicar com os ouvintes também, através de mensagens no celular”, e assim eu faço. Eu aproveito para corrigir a minha língua portuguesa, para que os ouvintes possam entender quando eu escrever. Eu mostro pro meu marido e ele fala “olha, não é assim, é de outro jeito”. Então me ajuda a aprender português. Isso é ótimo, me ajuda a comunicar com todos. É ótimo.

P – Então à medida que a tecnologia vai avançando, você acha que os surdos foram avançando também?

M - Sim, os surdos avançaram muito. Porque, por exemplo, se for um ouvinte com quem eu tenho pouco contato, não conheço muito, eu mando mensagens. Mas se for alguém com quem eu tenho mais proximidade, como, por exemplo, a minha amiga Carla²⁰, eu peço pra ela mandar vídeo se eu não entender o que ela escreveu, e assim a gente vai se comunicando. Foi maravilhoso, a tecnologia foi maravilhosa.

P - Certo, agora a mesma pergunta, só que com relação aos surdos. Você acha que a tecnologia ajudou os surdos a terem contato com outros surdos?

M – Muito, muito. Foi maravilhoso, muito mesmo. Nós nos desenvolvemos bastante, eu não tenho nem como explicar o quão maravilhoso foi, porque a gente se comunica em Libras, a gente digita em português, a gente faz vídeo-chamada ao vivo, a gente pode se comunicar ao vivo! E isso é maravilhoso. Por exemplo, pra encontrar onde o amigo está, a pessoa faz uma vídeo-chamada, porque às vezes é difícil de explicar em português. É simples, a pessoa faz um vídeo, eu olho pro celular e vejo onde a pessoa está, sei onde que é, muito mais fácil, a gente se encontra com muito mais facilidade. É muito maravilhoso, para os surdos foi fundamental.

P – Então, você que ainda tem uma experiência de dificuldade antes, e agora menos dificuldade, é diferente né?

M – Nossa, muito diferente! Muito melhor! Eu comparo com o passado e é muito diferente. Às vezes eu fico até brincando com os amigos surdos. Eu falo “poxa, se fosse antigamente eu podia ter até um amante”, mas antes não tinha como, porque se comunicar dependia de alguém, um contava pro outro, hoje dava pra ter. Se a gente pudesse apagar as mensagens, seria muito mais fácil (risos). Eu fico brincando com os amigos, mas antigamente era muito difícil, talvez, eu vejo muita gente separando por causa do celular, hoje né. Eu fico brincando

²⁰ Nome fictício

com o pessoal, hoje muita gente descobre chifre por causa do celular, fico brincando, e também eu aprendo muita coisa, é maravilhoso, maravilhoso!

P – Legal, então o celular e a internet foram importantes.

M - Pois é, hoje eu não tenho mais dependência nenhuma, zero, não dependo mais de ninguém. Eu posso ter minha vida particular, ter minha vida privada, que é minha.

P - Antes muitos surdos dependiam muito dos ouvintes, pra telefonar...

M - Muito! Eu também, eu tinha que pedir ajuda, pedir alguém pra ligar, pra saber o que o outro falou... Às vezes eu queria dizer alguma coisa e o ouvinte perguntava “por que você está dizendo isso?”, e eu tinha que explicar coisas particulares da minha vida, era muito ruim.

P - E hoje isso acabou?

M - Acabou, acabou. Ninguém sabe da minha vida. Não precisa saber. É maravilhoso.

P - Se você tiver vontade de contar, você conta, se não tiver vontade de contar, é da sua vida particular, você não é obrigada a contar nada para ninguém.

M – Isso, isso é ótimo, ótimo. Ninguém sabe da minha vida. Eu sei o que eu sinto, eu sei o que eu preciso me corrigir. Eu conheço meus erros, então o celular me ajuda muito, coisa que eu preciso melhorar... Olha é muita coisa, é muita coisa. Se for comparar, é muita coisa. Eu sinalizo, aprendi muito com os vídeos. Aprendo, é maravilhoso. Também no Facebook, que divulga muita informação... Eu vejo no Facebook que vai ter alguma palestra, eu posso ir, seja onde for o lugar, ou então vejo no próprio Facebook, o horário é ruim pra mim, não vou. Então eu tenho informação para ir para qualquer lugar, é maravilhoso.

P – E antes, como é que você pegava informações de palestras? Não tinha?

M - Muito difícil. Era difícil encontrar, às vezes mandava carta, demorava. Hoje com e-mail acabou, não precisa nem de papel. O papel acabou, a gente só troca e-mail. Maravilhoso.

P – E é na hora. Não demora...

M – Pois é, maravilha, maravilha. Eu comparando com o passado o tanto que mudou. É maravilhoso. Mas é engraçado que, antigamente, eu morava na casa da minha mãe, uma bagunça. Hoje eu chego na casa da minha mãe, e eu vejo a casa está vazia, tem muito pouca coisa. Eu falo “poxa, por que tem pouca coisa?”. Minha mãe tem medo por causa de assalto. Eu fico pensando nas pessoas, eu acho que estão todas bitoladas no seu celular. Todo mundo olhando pra telinha. Eu acho que isso não é positivo. As crianças também vivem penduradas no celular. Isso não é legal. É importante se relacionar, o contato humano é importante. O celular eu gosto, por exemplo, para aprender português, para me informar, mas em casa não, em casa não, eu prefiro ficar mais à vontade.

P – É, a tecnologia tem pontos positivos e pontos negativos...

M – Exatamente, perfeito, exatamente.

P – Eu vejo muitos jovens que parecem que dependem do celular.

M - Muito. As pessoas vivem sempre no celular, como é que vai estudar? E aí não se desenvolve.

P – É, vivem jogando joguinhos no celular.

M - Sim. A mãe precisa dizer “olha, agora é hora de estudar, já chega!”. Precisa dar esse limite. Nos fins de semana brinca. Enfim, mas só com as crianças, né, esse vício eu acho negativo, mas eu entendo que é difícil.

P - A tecnologia em geral é boa, né.

M – Sim, é bom, é bom.

P – O problema é ficar apenas no celular e não fazer nenhuma outra coisa, porque tem que fazer outras coisas também, é bom fazer outras coisas também.

M – É, isso. A tecnologia, eu aprendo muita coisa. Eu aprendo muita coisa de português, no Google, como, por exemplo, quando vou ao médico, eu vou no Google vejo imagem dos órgãos, vejo o que o médico mandou eu fazer. No Google mesmo, facilmente eu consigo encontrar um dicionário.

P – É, já é um dicionário pronto, não precisa nem comprar o livro, né.

M – É, e eu uso muito. Uso muito, aprendo muito, é maravilhoso, muito bom.

P – É isso. Você quer complementar mais alguma coisa sobre sua experiência como surda e usuária de tecnologia?

M - Sim. É bom compartilhar mensagens, mostrar para os amigos, se informar, coisas que eu não sabia passar a ficar sabendo, aprender, se relacionar... É muito bom. Eu encontro um amigo e falo “você tem celular? vamos trocar o número? Me dá o seu número que a gente conversa?”. Acho isso muito legal, mesmo que seja para conversar bobeira, para conversar coisa séria, me relacionar com os amigos, isso é maravilhoso! É a mesma coisa com os ouvintes, como você. A gente conversa, você sabe língua de sinais, você grava o vídeo, manda para mim, eu vejo o vídeo, você fala comigo. A tecnologia possibilitou que os surdos e os ouvintes se conectassem, e isso eu acho muito importante. Então, o celular foi fundamental para isso, para essa conexão entre surdos e ouvintes. Isso é muito bom.

P – É, e o ouvinte pode aprender Libras, e o surdo aprender português. Essa troca acontece.

M – É mesmo, até mesmo com o médico, por exemplo. Eu quero marcar um médico, eu tinha que pedir pro intérprete para ligar. Eu usava um aparelho chamado VIABEL, e assim eu marcava. Hoje eu percebo que já está aumentando o número de consultórios que não precisa ligar, já dá para marcar pelo celular. E isso pra mim é um alívio enorme, porque eu não preciso pedir para ninguém. Eu, pelo WhatsApp, mando para um médico ginecologista, por exemplo, “ah, eu quero segunda-feira”, “segunda-feira não tem”. Ali eu vou trocando mensagens, marco a hora, confirmo o dia e vou. Pronto. Tudo certo. Maravilhoso. Os médicos

estão fazendo isso, marcando por mensagem. Eu tenho que, um dia antes do marcado, confirmar. Confirma, tudo certo, só no celular. Celular pro surdo foi maravilhoso. Eu cada vez dependendo menos de ajuda, dependendo menos de intérprete. Não preciso, acabou.

P – É, e essa entrevista, como eu te disse, eu estou fazendo com três pessoas. Tem pessoas com idade em torno dos 20 anos, em torno dos 40 anos e em torno de 60 anos. É interessante que você é a pessoa que eu vou entrevistar que tem mais experiência, que participou de todas essas mudanças tecnológicas, isso é muito legal. Você sentiu na pele todas essas mudanças.

M – É, eu senti, eu senti e digo que hoje é muito melhor. As crianças de hoje com certeza vão se desenvolver muito, vão saber muito bem português, os surdos vão, com certeza. Acho que vai ser ótimo.

P – É, legal. Tomara. Bom, chegamos aqui então ao fim da entrevista. Mais uma vez eu agradeço muito a você pela entrevista. E quando tiver pronta a monografia, eu vou te entregar pra que você sinta como é ser entrevistada. Não vai tá o seu nome lá, mas você vai perceber que é você lendo a entrevista.

M – É, eu vou ver o geral e vou saber que é a minha história que está sendo contada.

P - Muito obrigado, Maria. Encerramos.

Entrevista 02, realizada em junho de 2019 – Walter, 38 anos

P – Vamos começar. Primeiramente gostaria de agradecer a você, Walter, por você aceitar a entrevista. De verdade. Muito obrigado. Primeira pergunta é sobre sua identificação: Qual é o seu nome?

W – Walter Correa²¹.

P – Qual a sua idade?

W – 38 eu vou fazer 39.

P – Qual mês você faz 39?

W – No mês de novembro.

P – Em. Novembro ok. E onde você nasceu?

W – Nasci no Rio de Janeiro.

P – No Rio, certo, na capital mesmo?

W – Isso na capital.

P – Qual sua formação?

W – Minha formação é em Letras Libras, sou formado em Letras Libras pela UFSC, no polo do INES. Estudei ali quatro anos. Comecei em 2006, encerrei em 2010.

P – Bom. Qual sua profissão?

W – Eu sou professor universitário de Libras na UFRRJ.

P – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

W – Isso. No campus Seropédica.

P – Em Seropédica. Ok. Certo, finalizamos a identificação. Agora falar sobre a aquisição de linguagem e escolarização. Pergunta 6: Quando a sua família descobriu que você é surdo? Você tinha quantos anos?

W – A minha família, os meus pais, quando eu nasci, não sabiam que eu era surdo não pensavam que eu era surdo. À medida que eu fui crescendo eles conversando comigo falando comigo, eu não ouvia. Meu pai achou estranho, suspeitou que eu fosse surdo. Pegou duas panelas e bateu perto de mim e eu não esbocei nenhuma reação. Não escutei. Bateu panelas grandes perto de mim e eu não ouvi. Foi aí que meu pai descobriu que eu era surdo. Não precisou nem me levar ao médico. Já sabia. Por quê? Porque a minha mãe cresceu perto de uma associação de surdos, ASURJ. Ela viu a construção, ela viu a formação da associação então ela conhece os surdos. Ela foi vizinha da associação durante muito tempo. E o meu pai

²¹ Nome fictício.

trabalhava como motorista, ele passava sempre em frente ao INES de ônibus. Ele via surdos entrando no ônibus a todo tempo, as pessoas pegavam o 497 entre outros que passavam por lá. Meu pai já conhecia como é o surdo então ele já aceitou que eu era surdo. Depois entrei no INES, como a gente vai falar sobre isso.

P – Legal, e como você se comunicava com sua família?

W – Os meus pais não sabem Libras. A minha irmã sabe Libras. Ensinei um pouco pra ela, a gente se comunica melhor, e ela acabava interpretando pros meus pais e assim a gente se comunicava. Os meus pais oralizavam comigo e eu tentava oralizar um pouco também por causa da influência do INES.

P – Gestos também né...

W – Isso. Alguns gestos grosseiros, algumas palavras que eu dizia... A interação não era cem por cento. Havia falhas de comunicação.

P – Entendo, falta de comunicação, entendo. Certo. Próxima pergunta número 8: Você aprendeu Libras com que idade?

W – Eu cresci gesticulando e tentando oralizar. Até que eu entrei no INES com três anos. Mas a metodologia era oralista, os professores gesticulavam um pouco e oralizavam muito. Até que o tempo foi passando e eu aprendi Libras já um pouco maior. No começo, com sete anos, comecei a andar com surdos um pouco maiores que se comunicavam entre si, que se comunicavam com inspetores, que sinalizavam. Então eu comecei a aprender Libras com sete ou oito anos.

P – Certo, entendi. Essa pergunta não está no roteiro: os professores te ensinaram Libras ou você aprendeu no contato com os colegas?

W – Eu aprendi no contato com os colegas, com os alunos surdos. Lá no INES eu via eles sinalizando, fazendo alguns sinais e fui adquirindo.

P – Entendi. Então foi mais ou menos com oito anos. Entendi. Então a família não sinalizava?

W – Não, zero.

P – Só sua irmã, que você falou...

W – Os sinais que eu aprendia logo depois eu ensinava pra ela. Interagia com ela. A partir dos oito anos, antes disso nada. É como no filme... eu vi esse filme e me emocionei muito. Porque a minha vida é exatamente a mesma história. Jonas. É exatamente igual. Igualzinho, igualzinho. Eu vi que ele não se comunicava com a família, não aprendia nada, não entendia nada do que estava acontecendo. A minha vida foi exatamente igual.

P – Engraçado que muitos surdos têm nesse filme uma identificação muito forte.

W – É muito igual, muito igual.

P – É verdade.

W – Até então eu não conhecia o filme do Jonas. Quando eu entrei no Letras Libras, comecei a estudar... Um dia um professor passou esse filme. O filme sobre Jonas era novidade pra mim. Sentamos no auditório do Letras Libras, uma pessoa interpretava as falas do filme. Eu fui vendo o filme e chorando muito. Sem perceber. Me senti muito aflito porque a história é exatamente igual à minha. Fiquei até envergonhado porque todo mundo olhava para mim de tanto que eu chorava.

P – Mas é normal sentir emoção.

W – Eu senti muito, fiquei impactado.

P – Engraçado porque na monografia, na parte que já está pronta, eu já falei sobre o filme. Esse mesmo filme, como que o surdo se identifica com a história. Engraçado, exatamente como você falou.

W – Pois é... Eu senti. Eu me sentia atrasado exatamente como Jonas. Isso me deixou muito nervoso. Esse atraso de aquisição de linguagem e atraso na comunicação que eu sofri, não se comunicar com ninguém, com os meus tios, com meus primos com ninguém! Só a oralização, oralização... Todo mundo me obrigando a oralizar, o que dá muito trabalho.

P – Ruim. Entendo. Você já falou sobre a família que não sabe Libras. E no INES? Você entrou na educação infantil e ficou até o fim da escolarização?

W – Isso. Sempre no INES.

P – E com que idade você entrou?

W – Foi com três anos, com três anos até me formar.

P – Na educação infantil, isso?

W – Isso, com três anos, mas comecei a sinalizar com oito. Com oito anos. Tudo no INES.

P – Entendi. E antes você não tinha contato com surdos? Como era?

W – Sim, antes eu tinha contato na escola com surdos como eu, que gesticulavam. Não sinalizavam, só gesticulavam. Não era uma sinalização, eram gestos. Todos eram como eu. Os professores não ensinavam Libras só oralizavam. E faziam um ou outro gesto. Apenas gesticulavam. Não tinha diálogo, não tinha conversa, a comunicação era feita de forma truncada. Não tinha Libras. Não tinha nada de Libras. Dos três até os sete anos eu estava aguardando entrar em outra série para ter contato com os maiores. Até ter contato eles eu não os via muito, para mim eles eram adultos. Eu não tinha nenhum modelo adulto de verdade. Tudo o que eu tinha era o visual. Com oito anos eu abri os olhos para um novo mundo quando comecei a sinalizar com um inspetor, o sinal dele era assim, era um sinal preconceituoso. Eles chamavam ele de macaco (sinal do animal macaco), mas era como ele era chamado. E ele

disse que o meu número no INES era esse. Eu lembro perfeitamente dele sinalizando isso para mim: 746. Ok. E eu fiquei com isso, 746. Gravei esse número. O tempo foi passando, eu brincava com os colegas, e um deles me perguntou "qual o seu número?" e eu: "número (fazendo o sinal de número)???" não entendi no começo. Eu via que todo mundo tinha um número. Lembrei do que o inspetor me falou, e aí eu entendi. Então quando ele me perguntou qual era o meu número eu disse: "746" e os surdos diziam "Ah então é esse o número dele." A partir daí comecei a interagir. Eu lembro que esses sinais do número 7, do número 4, e do número 6 eu gravei. Porque todo mundo se perguntava... Eles não perguntavam o nome, perguntavam o número. E aí eu comecei esse contato. O número de um, número de outro, e de outro... através do contato. E aí eu comecei, com oito anos, a abrir os olhos para me comunicar em Libras. Não era uma Libras perfeita mas foi um começo de comunicação. Foi um princípio. Saí do nada para um começo.

P – Antigamente os surdos do INES todos tinham números. Interessante. Hoje eu vejo os surdos de maior idade, o sinal deles é um número. Como, por exemplo, Nelson Pimenta que seu sinal é o número seis, e é um surdo mudo famoso.

W – Sim. Também um outro amigo de nome Vagner, o sinal dele é o número dois, são vários... Alguns ainda me conhecem como 746, mas o meu número era muito longo. O Nelson é só o número 6, é um número pequeno, o meu são três dígitos. Mas alguns surdos mais antigos me conhecem assim, 746.

P – Ah é, alguns te conhecem assim?

W – Sim. Alguns me conhecem, lembram de mim por causa desse número. Principalmente os surdos do INES dessa época.

P – Interessante... Próxima pergunta, sobre a família. Você já falou sobre onde você estudou, no INES, você já respondeu na pergunta anterior.

W – É, a pergunta 11.

P – Na verdade 12 agora: Na sua escola, você teve aula de oralização?

W – Tive. No INES, na época em que estudei, o oralismo era muito forte e Libras era menos, pouca gente utilizava. Com oito anos, quando eu entrei e comecei a sinalizar, não era na aula era no momento do intervalo. Na aula a gente tinha que treinar, oralizar. Era isso o que nos ensinava. Tapando o nariz, mão na garganta... Para poder aprender a oralizar. Me incomodava um pouco mas acabei aprendendo um pouco a oralizar por causa da minha família... Eu precisava conversar com eles, e eles oralizavam. Eu podia simplesmente sinalizar e deixar eles sem entender nada, de qualquer jeito. Podia. Mas eu oralizava ainda assim. Porque à medida que fui crescendo eu ia vendo crianças sinalizando e os ouvintes sem

entender nada, os pais sem entender nada... Falei "poxa os pais não sabem Libras, a criança poderia continuar sinalizando e os pais aprenderem de alguma forma." Essa talvez seria uma possibilidade, mas eu acabei acostumando a oralizar com a família, não oralizava de maneira perfeita. Mas conseguia.

P – Também a leitura labial se treinava. Oralização e leitura labial.

W – Isso. Os dois. Também por causa dos vizinhos. Eu precisava me comunicar com as crianças, eu soltava pipa, jogava bolinha de gude, jogava bola... Então eu percebia as pessoas conversando e precisava oralizar com elas. Mas acabou que aprendi muito palavrão nessa época. "ah, seu veado!", "porra!", "sua mãe!", algumas palavras curtas, alguns palavrões. Porque eu os via falando e aprendia. O palavrão eu falava perfeitamente, outras palavras eu falava mais ou menos, mas os palavrões eu falava perfeitamente (risos). Engraçado... Porque todo dia eu falava palavrão, acabei me acostumando e falando bem essas palavras.

P – Então você treinava mais na rua do que na escola. (risos)

W – É. É isso. Eu treinava falando com eles, mas só palavrão (risos).

P – Engraçado, engraçado... Então na escola tinha treino de oralização e leitura labial. E Libras? Você teve aulas de Libras, treinos de Libras?

W – Um pouco. Aprendi alguns sinais, oralizava mais. Por que a maioria dos professores era ouvinte. Não tinha surdo. Poucos professores sinalizavam, e usavam Libras básico. Ninguém era fluente em Libras.

P – Mas a minha pergunta é sobre a disciplina de Libras. Você teve isso?

W – Ah... Não, não. Não tive. Isso eu não tive. A disciplina de Libras não tive. As disciplinas eram só matemática, física, história, ciências e outras. Do primeiro ano até a formatura não tive aulas de Libras.

P – Entendi. Você não teve a disciplina de Libras. Então vamos para próxima pergunta. E os professores, que davam aula ministravam as disciplinas em português, oralizando? Não tinha intérprete de Libras, nada?

W – Zero. Zero mesmo.

P – Difícil...

W – Só alguns professores que sabiam alguns sinais simples, nenhum era fluente.

P – Então na aula oralizavam e só?

W – Não exatamente. Eles apontavam, seguiam o que estava escrito. Escreviam muito no quadro. Por exemplo, na aula de história, o professor dizia: "Há muito tempo era isso aqui", apontava, fazia um sinal e mostrava. Faziam um ou outro sinal. Eu olhava aquilo, mas não me sentia aprendendo, não entendia nada. Entendia nada. Até me formar no ensino médio eu

sentia que não estava aprendendo nada, só Libras. Libras sim. Aí eu aprendia, me sentia inteligente na Libras. Porque o aprendizado mesmo não tinha.

P – Então só serviu para você aprender Libras né.

W – Depois que eu entrei no Letras Libras em 2006... Me formei em 2001 na escola eu me sentia sem saber nada até 2006. Quando entrei na faculdade eu fiquei impactado com tanto o que eu podia aprender, com muitos surdos, com muito contato. Mas o que eu tinha de antes, até 2001, meu conhecimento de mundo era muito diferente. Eu fui instrutor de Libras nesse meio tempo, comecei a ter um pouco de informação depois de me formar no ensino médio. Quando apareceu o Letras Libras eu sentia abrindo a minha cabeça para o mundo, abrindo meus olhos para o mundo. Antes não.

P – Legal, como foi importante o Letras Libras né...

W – Abriu minha cabeça, abriu os meus olhos.

P – Vamos para a próxima, número 15: na sua escola, como você se comunicava com os professores?

W – Eu já falei né. Era uma comunicação muito simples. Por exemplo, se eu chegasse atrasado ou desobedecesse, ou fizesse algo desse tipo na escola, os professores faziam o sinal de castigo. "Vou mandar recado para sua mãe!", eles diziam... E só isso. Uma conversa, uma explicação mais detalhada, não tinha. Eram frases simples, palavras curtas.

P – Então eles usavam Libras mais para dar bronca.

W – Isso para dar bronca, pra chamar atenção. Só isso. Para conversar, para ensinar, não. Eu não aprendi nada, não aprendi nada.

P – Entendi, certo. Falamos sobre os professores. E os funcionários? Como inspetor, secretária... Você se comunicava?

W – Me comunicava com os inspetores porque eles sabiam Libras. Eles sabiam Libras, tinham muito contato com muito surdos, os inspetores sabiam Libras. Eram ouvintes, mas já trabalhavam nisso há muitos anos. Tinha alguns que eram filhos de pais surdos, sabiam Libras. A maioria dos inspetores sabiam Libras. Os professores não. Os inspetores sim. Porque todo dia estava em contato, viam o surdo sinalizando. Eles tinham que olhar os surdos, vigiar os surdos todo dia. Todos eles sabiam.

P – Então eles sabiam. E os outros funcionários do INES? Se comunicavam em Libras também?

W – Secretária, pessoal administrativo?

P – É. Lanchonete, essas coisas...

W – (reflete balançando a cabeça negativamente). Só inspetor. Só inspetor mesmo.

P – Então comunicação com os professores não tinha, mas com o inspetor tinha.

W – É. Com o professor era nada. Era zero.

P – E com os colegas? Como era a comunicação?

W – Com os surdos? Era ótimo. A gente sinalizava muito, falava muito. Muito.

P – Batia papo sinalizando à vontade...

W – Nossa. Muito, muito mesmo.

P – Que legal. Próxima pergunta, número 18: Na sua opinião, você acha que a sua leitura e escrita de Língua Portuguesa... Como é? Qual a sua avaliação sobre a sua produção e leitura em língua portuguesa?

W – Antes quando era jovem?

P – Não. Hoje mesmo, hoje mesmo.

W – Hoje... (reflete) Olha, há muito tempo eu copiava do quadro o que tava escrito em português, mas eu não conhecia as palavras, não sabia o significado. Eu sabia escrever. Sabia botar as palavras no papel, copiar. Mas saber o significado, eu não sabia. Eu brincava de desafio com os colegas. Quem escrevia mais rápido, quem copiava mais rápido. Sabe como é... Hoje meu filho também faz a mesma coisa. Quer tentar escrever mais rápido que os outros. Eu acho engraçado porque é exatamente como eu fazia quando eu era criança, fazia da mesma forma. Escrevia muito rápido, mas decorando. Só decorando. Só. Fiquei nisso durante muitos anos. Comecei com uns treze, catorze... Convivendo com surdos que tentavam soletrar muito rápido, fazer datilologia muito rápido. Rindo do outro que fazia mais devagar... Eu fui treinando assim, pegando o nome dos colegas, soletrando rápido. Fazendo esse tipo de desafio que adolescente gosta de fazer. E aí eu fui tentando aprender as palavras. Não com os professores, com os colegas surdos que soletravam com as mãos muito rápido eu fui aprendendo, ficando com vontade de aprender mais. Pedia para os colegas que sabiam mais do que eu, muito inteligente pedia: "Me ensina, por favor! Eu quero saber soletrar rápido." Então o amigo me ensinava, eu fazia a datilologia, ele me dizia o sinal das coisas... E aí eu fui decorando. Comecei mais ou menos com catorze ou quinze anos. Aprendendo algumas palavras, alguns sinais. Gostando muito de aprender, mas só palavras simples, palavras soltas. Frases, não. Eu decorava algumas palavras, e assim fui aprendendo. Depois, quando eu entrei na igreja, eu aprendi algumas palavras bíblicas. Muitas palavras, muitas mesmo. Eu aprendi muitas palavras, mas a mesma coisa, só palavras. Sabia muitas palavras e me desenvolvi nisso. Depois eu saí da igreja, parece que eu esqueci muito do que eu sabia. Porquê? Por que eu parei de ter contato de soletração com os colegas, de leitura na igreja. Parei. Eu me senti ficando desinteligente. Depois, quando me formei, o tempo passou e eu

entrei no Letras Libras. Foi quando tudo o que eu me senti perdendo, de inteligência, eu me esforcei, trabalhei, e as palavras que eu ia conhecendo, eu comecei a buscar o significado. Não só o que cada letra formava na palavra. Não só decorar. Depois de um ano estudando eu lembrava de alguns termos acadêmicos e seus significados. Demorou muito tempo pra eu abrir minha cabeça. Foi um esforço muito grande, até que eu consegui entender os conceitos. Esse é o sinal em Libras para a palavra "conceito". E eu fui vendo novos sinais... Fui vendo palavras e os sinais correspondentes. Relacionava apenas a palavra ao sinal. Eu via muitas vezes, muitas palavras relacionadas aos sinais, e até mesmo o sinal da palavra "conceito" eu via várias vezes. Mas ficava tentando entender o que é essa palavra, o que significa essa palavra. Demorei muito tempo estudando, sinalizando e refletindo. Até que um dia, num estalo, eu comecei a entender o que significava a palavra "conceito". A partir daí se abriu um novo mundo para mim porque eu não entendia o sinal "conceito". E quando eu entendi o conceito de "conceito" foi um choque. E comecei a discutir sobre o próprio sinal, achava que o sinal não é tão apropriado. Não remete à ideia de "conceito". Para mim o sinal de "conceito" deveria ser "o que a palavra tem dentro dela", um sinal ou algo parecido. Esse sinal usado para a palavra "conceito", eu acho que não é adequado mas acabou se convencionalizando, e todos utilizam esse sinal. Eu discutia muito sobre isso. A partir daí eu fui aprendendo o significado das palavras, e me desenvolvi. Foi por causa do Letras Libras que eu comecei a aprender muito mais português. Antes quando eu me formei no ensino médio, fui perdendo a inteligência, ficando desinteligente. Isso é muito perigoso. No Letras Libras eu voltei a ficar inteligente.

P – Entendi. Então parece que você entendeu exatamente o que significa o sinal "conceito" que é explicar o que está por trás dos termos, chegando a debater com os colegas o conceito.

W – É. Eu comecei a entender e comecei a procurar o significado das palavras, discutir o significado das palavras, e me acostumei. Porque não adianta nada se eu apenas saber como se escreve a palavra. Eu preciso conhecer a palavra e também saber o significado. Hoje eu percebo que eu estou muito melhor na escrita por causa do significado das palavras. Eu consigo ler, eu leio todo dia. Por exemplo, eu amo muito... Antes não, hoje, eu amo plantas. Vegetação. Eu aprendo muito, busco saber. Leio muito sobre plantas eu quero saber mais, eu pesquiso na internet. Eu leio, vejo vídeo no Youtube com legenda, acabei me acostumando com leitura. Adquirindo informações por causa dessa minha paixão por plantas. Antes de me formar no Letras Libras eu tinha dificuldade na escrita, dificuldade na leitura. Depois de me formar em Letras Libras eu comecei a gostar de ler. Quis estudar no mestrado, entrei... Mas lá, eu achava que não estava aprendendo bem, não estava entendendo bem. Achei melhor

parar. Mas quando comecei a estudar sobre plantas por conta própria eu percebi que eu podia me desenvolver até na língua portuguesa, e comecei a me comunicar melhor em português. Algumas pessoas até notaram, falavam "Nossa você melhorou no português". Muita gente tem falado isso comigo, eu percebi que melhorei no português.

P – É porque você treinou. Isso é importantíssimo para leitura e escrita. É o treino. Você pôde perceber isso.

W – Sim. Depois das plantas, outra coisa que comecei a me interessar muito foi política. Pessoas mandando textos umas para as outras. Eu fui lendo esses textos na internet, me interessando, percebendo como as pessoas ligam as palavras, as frases, para formar um texto. Entendendo os textos. Isso foi ficando claro para mim por causa de discussões políticas. Eu comecei a entender as bases políticas. Eu não entendia porque é que uns falam uma coisa outros falam outras coisas... Por causa das eleições e das discussões políticas, que depois continuaram principalmente no Facebook... Eu tenho um grupo no Facebook, um grupo secreto, que as pessoas discutem sobre isso. Colocam vídeos e textos e aí eu fui me acostumando com o assunto.

P – Vamos para a próxima pergunta, 19: Na sua escola, você teve algum tipo de treinamento para lidar com a maioria ouvinte? Algo do tipo “a sociedade ouvinte age dessa e dessa forma...”, você teve treinamento nesse sentido?

W – Sim. Antigamente, a oralização era obrigatória desde 1880, era o que mais se ensinava. Treinar oralização, a escrever, a oralização ligada à escrita. Eu não entendo, não conheço muito bem a história, mas eu acredito que esse tipo de treinamento é para lidar com a sociedade ouvinte, é influência dos ouvintes. A necessidade de escrever, a escola ensinando a oralizar, a língua portuguesa, agora o motivo eu não sei... Mas, sim.

P – Certo, treinando a escrever para lidar com a sociedade ouvinte, você precisava aprender esse tipo de coisa.

W – Oralizar e também escrever. Acho que é a mesma coisa, oralizar e escrever acabou sendo a mesma coisa.

P – Entendi. Encerramos o assunto escola. Agora vamos falar sobre socialização e tecnologia. Pergunta número 21: Quando você era criança, durante sua infância e adolescência, você usou ou usava algum aparelho tecnológico? Não só a internet, pode ser fax ou telefone, ou TDD, ou bipe. Você utilizou algum aparelho tecnológico para se comunicar à distância?

W – Há muito tempo não tinha tecnologia nenhuma. Os surdos começaram a utilizar um aparelho pendurado na cintura, o mobi. É como conseguiam se comunicar. Só a pessoa que mandava algo, não tinha como responder. Mandava para esse mobi.

P – Desculpa, não entendi, como é o nome?

W – M-O-B-I. Que as pessoas utilizavam pendurados na cintura, um aparelho que vibrava. E aparecia quem ligou, o número de quem ligou. Eu via alguns surdos utilizando, eu falava "poxa, queria ter também". Mas essa foi a primeira tecnologia que eu vi as pessoas utilizarem para se comunicar à distância, porque os ouvintes utilizavam o telefone, ligavam uns para aos outros, eu falava "poxa, sorte dos ouvintes, os surdos não podem utilizar, não podem sair falando..." eu queria também me comunicar dessa forma, mas não sabia, não conhecia nenhum aparelho tecnológico pra isso. A novidade que eu vi na época os surdos utilizando foi isso. Depois veio o celular com mensagens de texto, e eu queria utilizar, queria me comunicar dessa forma. Queria muito. Porque através de mensagem de texto dava para se comunicar com palavras, e eu queria muito, e também precisaria aprender português pra poder me comunicar à distância através de mensagens de texto. Tinha que me esforçar, treinar o português para me comunicar. Hoje é muito mais fácil, já existe vídeo-chamada, a tecnologia se desenvolveu bastante.

P – Esse mobi foi mais ou menos em que época? Em que ano?

W – Poxa, não me lembro. Deixa eu pensar... (reflete com a mão no queixo. Uma pausa longa para pensar). Eu acho que em 2000 e... Acho que foi em 1995, porque eu tinha mais ou menos 15 anos. Ou 96, que eu tinha entre 15 e 16 anos, não me lembro.

P – Então entre 95 e 96...

W – É, eu lembro que esse mobi foi a primeira coisa que eu tive contato. Depois começou a se popularizar, mas não lembro muito bem. Foi mais ou menos por aí.

P – Entendi, ok. E durante a sua infância e adolescência, você tinha contato com surdos fora da escola?

W – No INES mesmo. Eu tinha contato com os amigos do INES que moravam... Não, só no INES, na verdade. Eu tinha alguns que encontrava fora, mas eram todos alunos do INES. Encontrava principalmente pessoas do INES. E também eu ia na ASURJ, e eu via muita gente se comunicando em Libras lá, eu ficava muito curioso. Eu estudava no INES, com oito anos comecei a sinalizar, e também me associei na ASURJ, na Associação de Surdos que era pertinho da minha casa. Eu frequentei muito a ASURJ. Ali eu comecei a ter contato com os surdos mais velhos.

P – Então você começou a frequentar a ASURJ com oito anos de idade?

W – Eu me associei! Com quatro, cinco anos, eu visitava, olhava, mas com oito anos eu me associei mesmo. Eu comecei a ter contato com os surdos mais velhos nessa época.

P – Então você encontrava surdos na escola e também na ASURJ. Era um outro lugar que você encontrava pessoas surdas. Entendi. Ok, com oito anos de idade. Ok. Vamos para a pergunta 23. Você tinha contato com surdos em outras cidades? Quando começou isso mais ou menos?

W – Em outra cidade... Acho que não... (faz negativo com a cabeça). Não, não.

P – Não tinha... E hoje? Hoje continua não tendo? Hoje acho que você tem.

W – Claro, hoje sim, sim. Tenho contato. Por causa da associação de competições esportivas, a gente viajava para competir futebol de salão. Tinha contato e fui conhecendo muita gente diferente, pessoas diferentes. Era muito legal bater papo, conversar com as pessoas de outros lugares, "de onde você é?", "nasceu aonde?", "qual seu nome?", "qual é o seu sinal?", "onde você estuda?", "eu estudo no INES". Essa conversa era muito legal. Alguns estudavam em escola oralista e me contavam suas histórias de que estudavam junto com ouvintes, ainda não se utilizava o termo inclusão naquela época. Então a gente trocava sinais, batia papo. Era legal.

P – Isso foi mais ou menos em que época, esses campeonatos?

W – De vôlei, de futsal, eu era novo. Eu tinha entre quinze e dezesseis anos. Eu era jovem. Foi atrasado né?

P – Não, normal. Você viajava pra isso?

W – Sim. Antes, no INES, a gente já fazia excursões e passeios. Íamos a museus, feiras. E era muito legal. Era muito legal. Eu frequentava esses lugares, museus, exposições, feiras, lugares históricos. Fomos ao Cristo, fizemos um passeio no Cristo, íamos à praia. Acho que eles tinham pena de nós e levavam a gente para passear, eu sentia isso. Isso ajudou a abrir um pouco minha mente. Depois, na ASURJ, eu participava de campeonatos de futsal, viajava. Na ASURJ eu via prêmios, troféus de campeonatos, quis participar e fui selecionado. A partir dos 15, 16 anos, mais ou menos, eu comecei a viajar.

P – Legal, viajando e tendo contato. Entendi.

W – A primeira vez que eu viajei pra outro país, para a Surdolimpíada... Isso me marcou muito, marcou a minha história. Nossa, foi muito legal. Eu viajei por causa da ASURJ. A ASURJ é filiada à Federação Mundial de Surdos. Acho que a CBDS²² teve algum problema, não sei... Mas a ASURJ tomou a frente, conseguiu verba pra fazer essa viagem, fez a seleção, só de natação, futsal e tênis... E a gente conseguiu verba para o avião, pra gente ir. Eu já sinalizava aqui, mas eu não conhecia absolutamente nada. História dos países, política, eu não

²² Confederação Brasileira de Desportos de Surdos.

sabia de nada disso. Eu só sinalizava com os colegas, e é como se eu tivesse a mente vazia. Conhecía muito pouca coisa. Quando cheguei lá, fiquei impressionado. Eu não sabia que a Olimpíada de Surdos, acontecia de quatro em quatro anos. Teve a primeira, teve a segunda, aquela já era 19ª, a que eu participei. Eu falei "já existe há muito tempo?", e todos diziam "há muito tempo". Eu passei um pouco de vergonha, me senti sem graça. Porque eu falei "poxa, no Brasil a gente não tem informação de nada". Eu me senti muito atrasado, não sabia de nada. Nenhum tipo de informação. E o pessoal me falava "olha, o futebol já tem liberação de verba para viajar. O pessoal tem liberação do trabalho para viajar". Isso era muito legal. Quando cheguei lá, isso abriu os meus olhos, abriu o meu mundo. No campeonato a gente conhecia muita gente diferente, de muitos lugares, muitos lugares mesmo! Eu não conhecia, não entendia de língua de sinais internacional, aprendi muito nessa época. E tentava sinalizar, não entendia muito... Eu me sentia um verdadeiro idiota com 21 anos, sem saber de nada. Aqui no Brasil, eu sinalizava bem, todo mundo dizia "nossa, você sabe muito, você é muito inteligente", mas quando eu cheguei lá, eu era visto, eu me sentia como um verdadeiro idiota, de verdade, porque eu não sabia nem me comunicar. Eu não conhecia a língua de sinais internacional. Passei vergonha. Aos catorze, quinze anos eu sinalizava muito, sabia muito, conhecia um pouco de política, sabia dos acontecimentos, sabia sobre Libras. Mas cheguei lá, eu tive que abrir os olhos, porque eu precisava saber mais. Comecei a estudar por causa disso, e foi por isso que me tornei instrutor.

P – Então você viajou para outro país, foi com quantos anos mesmo?

W – Eu viajei para a Itália, para a Surdolimpíada, em 2001. Eu tinha 20, 21 anos.

P – Então você foi duas vezes, é isso?

W – Não, não. Uma vez só. Uma vez só.

P – Ah, então foi para a Itália uma vez só. Legal. Eu nunca viajei internacionalmente, não viajei para outro país ainda.

W – É, eu fui dessa vez e foi muito bom. Eu tinha 20 anos. E isso marcou a minha história.

P – Muito legal. Vamos continuando. Você falou sobre viagem, sobre comunicação. Você já falou sobre o mobi também que foi o primeiro aparelho tecnológico que você utilizou.

W – Na verdade eu não usei. Eu só vi as pessoas utilizando. Eu não tive. Depois de muito tempo, depois de muito querer eu consegui trabalhar e comprar um celular pra me comunicar. Mas o mobi eu nunca tive não, tive que comprar do meu bolso. Não foi minha família que me deu.

P – Então quando você tinha dinheiro, o mobi já tinha passado e comprou direto um celular.

W – É, exatamente isso.

P – Você usou aquele celular grande já, não?

W – Não. Eu usei outro, de teclado alfanumérico. Consegui utilizar esse. Não sei se conhece. Eu só mandava mensagens.

P – Sim, SMS né. Certo, conheço. Ok agora vamos falar sobre como você se informa. Há trinta anos, mais ou menos nos anos noventa, como você se informava sobre os acontecimentos do mundo?

W – Sobre tecnologia?

P – Não, sobre qualquer assunto. Você via no jornal, um amigo te contava, você via na TV... Como era? Ou nada também...

W – Eu tenho 38. Há trinta anos atrás eu tinha oito anos. Não tinha informação. Não tinha nada, Zero, zero. Eu tinha a cabeça vazia e toda informação que chegava passava direto. Não ouvia nada, não entendia nada. Depois...

P – E há vinte anos atrás?

W – Foi quando comecei a abrir os olhos. Eu comecei a conversar, saber das coisas, antes disso eu não sabia de nada. Tinha a mente vazia. Eu confesso que eu tinha até vergonha. Quando eu comecei a aprender Libras, eu comecei a entender, comecei a me informar e ter alguma informação, há 20 anos atrás. Há 30 anos atrás zero, há 20 anos atrás que começou.

P – E como que as informações chegavam até você? Era pela televisão, jornal... Como?

W – Há vinte anos atrás eu trabalhava na Petrobrás, na área de computação. Um surdo muito amigo meu, tinha um computador e eu não tinha computador em casa. Eu tinha muita vontade de mexer no computador de mexer na internet, ainda era internet discada, achava muito legal. Comecei a mexer com computador e aprender a usar, abrir programas, baixar vídeos, impressionado com aquilo tudo. Com vontade de comprar, mas não podia ainda. Até que eu fui chamado para trabalhar no estágio, pelo INES eu consegui um estágio na Petrobrás. Lá eu comecei a trabalhar e já sabia mexer por causa desse meu amigo surdo que me ensinou, eu ia muito na casa dele, ele me ensinava muito. E aí quando comecei a trabalhar, comecei a mexer e receber muita informação, de todo tipo. A partir daí começou, principalmente quando eu tinha mais ou menos dezoito anos na Petrobrás. E também lá tinha internet. Então eu mexia no computador com acesso à internet. Foi nessa época aí... Eu não lembro exatamente o ano. Mas ali eu conseguia informação.

P – Então você se informava principalmente pelo computador não muito por televisão, ou jornais.

W – Jornais, um pouco, mas eu não lia. Eu via as imagens principalmente sobre futebol, fotos de futebol, os gols... Porque a gente gosta muito de conversar sobre futebol. Eu não tinha

muito interesse nos jornais, na leitura do jornal. Só nas imagens dos gols, dos cartões, nas faltas... E os amigos me sinalizavam as informações. Mas não na leitura. Eu não me informava pela leitura. Eu me informava através dos amigos.

P – Certo então os amigos sinalizavam pra te dizer o que estava no jornal.

W – É, principalmente esportes, sobre esportes. Outros assuntos não muito.

P – Falamos de trinta anos atrás, de vinte anos atrás. Agora dez anos atrás, mais ou menos nos anos 2010. Como você se informava?

W – (reflete) Eu entrei no Letras Libras com vinte e seis, há dez anos eu tinha vinte e oito. Nessa época eu já tinha mais informações, mais acesso à tecnologia e ao computador. Eu não lembro se eu tinha muito interesse em buscar informação, não lembro, em buscar notícias. Porque a minha vontade de aprender, meu crescimento intelectual foi inconstante. Como disse antes. Eu não continuei estudando e desenvolvendo minha inteligência. Isso foi inconstante, tinha uma inteligência seletiva, vamos dizer assim, não queria saber de tudo. Dependia do meu interesse, então eu não lembro eu acho que não tinha interesse por notícias. Eu comecei a leitura por causa das plantas. Antes não tinha interesse em nada. Aprendia coisas simples, como mexer nos programas, como editar vídeos, coisas básicas simples... Os sinais das coisas, só isso. Há trinta anos eu tinha oito anos de idade. Depois, dezoito há vinte anos atrás. Me informava com os amigos que me contavam as coisas que aconteciam, porque eu não lia, não buscava informação. Eu usava o computador só pra mexer em coisas de informática mesmo, aprender a mexer no computador. Depois, quando eu tinha vinte e oito... Aí eu já estava no curso de Letras Libras à distância. E aí eu comecei a abrir os olhos, abrir minha mente para informação. Eu me sinto atrasado. Eu vejo que muitos ouvintes têm informação muito rápido, é como se eu tivesse a mente fechada. Continuou fechada durante muitos anos. Abri com muito esforço, e eu acho que demorou muito.

P – Você acha que o Letras Libras foi importante para abrir sua mente, para acesso à informação? Até mesmo contato com um computador...

W – Isso. Eu discutia em grupo, buscava informação. Porque a gente precisava apresentar seminários, apresentar trabalhos.

P – Então é por causa do Letras Libras, há dez anos atrás que você começou a procurar se informar então...

W – E foi aí que eu abri meus olhos. Porque antes, eu era muito fraco. Eu não tinha muita informação. Então foi a partir daí que comecei a guardar coisas na memória. O que aprendia antes se perdia.

P – E hoje? Como você se informa hoje?

W – Poxa, muito. Hoje eu leio muita coisa, várias coisas. Me informo, pesquiso. Se eu tiver dúvida sobre qualquer assunto eu me viro e pesquiso. Busco principalmente em ferramentas tecnológicas mesmo. Por exemplo, o tema do meu mestrado, que era nessa área. Tento buscar informações sobre isso, sobre o que eu quero pesquisar, busco em vários lugares. O problema era um professor, que eu não sentia muita firmeza. Gostava das estratégias, dava algumas boas dicas, mas só falava de teoria... A interpretação para Libras não era muito boa, deixava a desejar. Eu queria saber do que está sendo falado, curioso querendo entender. Mas o intérprete não sabia explicar, não conseguia dar exemplos. Isso me chateou. Quando eu corro por conta própria, estudando por conta própria é ok, mas naquela aula eu não estava aprendendo. Eu pensei em aguentar até o fim pelo diploma, pelo certificado do mestrado, fazer de qualquer jeito mesmo sem aprender. Mas depois eu pensei bem... Achei melhor não. Achei melhor me informar de verdade. Aprender de verdade. E aí sim eu vou merecer o diploma, vou ter aprendido e vou ter entendido bem. Receber o diploma sem aprender nada eu não acho legal. Alguns até conseguem sem informação nenhuma, sem conhecimento nenhum, se formam e recebem certificado. Eu não consigo. Eu quero me informar, eu quero conhecer, eu quero pesquisar. Aprender sobre as coisas com firmeza, aí sim. Aí me formo de maneira correta.

P – Entendi. Hoje tem mais. Tem internet, tem computador tem um celular onde a gente busca informação principalmente na internet.

W – Principalmente na internet!

P – Entendi, ok. Vamos para a próxima. Número trinta: Existe algum surdo que durante a sua história te marcou?

W – Como assim?

P – Um surdo, uma pessoa surda que você viu que fez alguma coisa. Pode ter sido um professor, pode ter sido um colega, pode ser um esportista, mas que seja surdo. Que você admira, que essa pessoa foi um exemplo, um modelo para você. Tem alguém?

W – (reflete) Tem. Tem sim. Quando eu comecei a ser instrutor de Libras, comecei a ver um instrutor surdo dando aula e fiquei boquiaberto. Quis ser igual a ele, no começo. Antes não. Antes eu não pensava em nada disso. Principalmente por causa dessa viagem internacional que eu fiz. Se eu não tivesse feito essa viagem eu acho que eu não ia me interessar em fazer coisas diferentes. Talvez eu iria estar trabalhando como pedreiro, gari, pintor de parede, ou fazendo algo simples, sem nenhum sonho, sem perspectiva. Essa viagem me fez pensar no que eu queria para o futuro. Se eu não tivesse feito isso eu não teria sonho nenhum. Essa viagem me mobilizou, parece que me fez pensar no que eu gosto. Então eu comecei a pensar em querer ser instrutor, que era algo que eu gostava. Então um instrutor foi alguém que

marcou. Eram surdos que davam aulas. Isso me marcou porque eu passei durante muitos anos em contato com professores ouvintes. E quando eu o vi pela primeira vez, pensei: "Um surdo pode ser professor! Eu também quero!".

P – Legal. A pergunta seguinte tem a ver com isso. Existe alguma pessoa surda que fez algo que pode ter sido um vídeo ou uma obra de arte que te marcou?

W – (Respira fundo).

P – Pode ser literatura... Pode ser qualquer coisa. Só que tenha sido feito por surdos.

W – Eu vi muito Nelson Pimenta. O professor Nelson Pimenta e suas obras de arte, as peças que ele encenava me ensinaram muito. Me ensinaram muito. No teatro ele mandava fazer, e eu fazia. No começo eu vestia roupas, ia para lá ia para cá. Formava a peça, só decorava as posições de acordo com as instruções dele até fechar as cortinas e encerrar a encenação. Mas não me sentia fazendo parte. Não me sentia aprendendo. A peça era sobre poluição, esse era o tema. Então a gente falava sobre poluição, cidade suja. Mas eu confesso que eu não entendia muita coisa, eu não entendia nada... Não me sentia entendendo. Depois Nelson passou uns anos nos Estados Unidos estudando teatro. Quando ele voltou a trabalhar no INES. Ele começou a utilizar estratégias diferenciadas de apresentações teatrais, apresentações em Libras. Teatro ensinando Libras, treinando a gente sobre... Como que se diz... Esqueci agora o termo. Mas eu acho que é enquadramento. Eu me encantei com isso. Foi aí que eu comecei a me interessar por arte, por arte. Foi nesse momento que eu comecei.

P – Isso foi quando mais ou menos?

W – Ah, faz muito tempo. É importante isso do tempo para você que de história, é importante saber a época. Deixa eu lembrar... (reflete) Eu não lembro exatamente mas eu tinha treze, catorze, ou quinze anos mais ou menos.

P – Era uma fita de vídeo VHS?

W – É. É isso mesmo.

P – Legal que a empresa do Nelson, LSB, era muito conhecida você costumava comprar os vídeos dele?

W – Comprava, não. Antes eu tinha contato nas aulas de teatro. Depois quando comecei a ser instrutor ele já tinha criado esses produtos da LSB com metodologia própria. E também tinha produtos da Feneis que tinha materiais em vídeo. Aí eu comecei a assistir. Eu botava o vídeo para poder dar aula de Libras. Os vídeos da Feneis e os vídeos a LSB, do Nelson. Isso foi durante muito tempo. Demorou muito tempo.

P – Então você mais ou menos com treze, catorze anos foi quando começou a ter contato com isso.

W – Com teatro. Com a Libras no teatro, com Nelson Pimenta.

P – Também a Feneis foi importante não é?

W – É, a Feneis abriu as portas para cursos de capacitação de instrutores surdos. Eu comecei estudando lá. Foi importantíssimo.

P – Fizemos a pergunta 31, agora vamos para pergunta 32: Na sua opinião a tecnologia ajudou os surdos a se relacionarem, primeiramente, com os ouvintes. Você acha que a tecnologia ajudou?

W – A tecnologia ajudou muito. Por exemplo há muito tempo atrás, sem essas tecnologias como a gente iria se comunicar? A tecnologia ajudou muito como, por exemplo, o MSN Messenger lembra? Hoje já não existe mais... Mas antigamente tinha outro também o Camfrog, que eram vários vídeos, várias telas, comunicação com o mundo inteiro, todo mundo sinalizando. O MSN o Orkut... Muitas imagens. Ali começou a me ajudar a me comunicar através de palavras em português. Há muito tempo.

P – Mais ajudou a ter contato com ouvintes também?

W – Não, não... Os contatos eram mais com surdos. Com ouvintes eu não tinha muito contato não. Com surdos sim, com surdos eu mantinha mais contato, os meus contatos eram com surdos. Com ouvintes foi depois porque eu tinha um pouco de receio. Você sabe como é, o surdo escreve mal. Eu tinha receio de que as pessoas não me entendessem e eu passasse vergonha, não conseguisse explicar tentando digitar. Se eu escrever da mesma forma o surdo entende. Mesmo se eu escrever um português torto o surdo me entende. Nós somos iguais, somos semelhantes a gente consegue se comunicar. Com o ouvinte não dá. Porque ele escreve perfeitamente, e eu não consigo responder. Eu tenho que pensar muito pra responder... É diferente.

P – Entendi então o principal contato foi com os surdos. A tecnologia ajudou a ter contato com surdos. Entendi.

W – E é mais fácil também né.

P – A última pergunta é na verdade se você quiser acrescentar alguma coisa sobre sua experiência enquanto surdo usuário de tecnologia, fazer algum comentário sobre sua história e a importância da tecnologia.

W – (reflete coçando a barba). Bom, a tecnologia foi importantíssima para a comunicação. Porque a gente começou a aprender a mexer nas coisas, por exemplo no Word. Me ajudou muito para eu conseguir trabalhar em muitas empresas. Tinha um amigo que sabia editar. Eu fiquei interessadíssimo em editar, eu não sabia, tinha vontade de aprender. Meu amigo começou a editar e ele começou a se profissionalizar. Ele queria trabalhar com isso, como

editor e eu queria que ele me ensinasse. Eu aprendi há muito tempo atrás no Movie Maker que já é antigo esse programa. Hoje já está muito mais desenvolvido. Meu amigo continua trabalhando com isso. Hoje já existem muitos tipos de programas. E isso me ajuda muito. Eu gosto muito, eu sinto muito prazer. Por exemplo, hoje eu sei como traduzir automaticamente a voz para texto. Muitas pessoas não conseguem, eu consigo. Outras coisas eu também consigo fazer com a tecnologia.

P – Então parece que a tecnologia ajudou os surdos a não depender mais dos ouvintes. É isso?

W – Eu não preciso mais de ninguém eu consigo fazer as coisas sozinho. É verdade, isso mesmo.

P – Bom era isso. A gente encerra. Mais uma vez eu agradeço muito pela entrevista.

W – Por nada. Qualquer coisa pode falar comigo.

P – Muito obrigado por sua ajuda foi muito importante. Vou fazer a transcrição e depois vou te passar para você verificar como sua história vai ser contada. Beleza?

W – Beleza, ok.

Entrevista 03, realizada em junho de 2019 – Marcelo, 22 anos

Pesquisador – Vamos começar. Primeiramente gostaria de agradecer a você por ter aceitado participar da entrevista.

Marcelo – Por nada.

P – A primeira pergunta é: qual é o seu nome?

M – Meu nome é Marcelo²³, meu sinal é este.

P – Ok. Qual a sua idade?

M – Tenho 22 anos.

P – Certo. E onde você nasceu?

M – Aqui mesmo no Rio de Janeiro.

P – Aqui no Rio, ok. Qual a sua formação?

M – Ensino médio.

P – Certo. E qual é a sua profissão?

M – Sou auxiliar administrativo.

P – Ok. Pergunta seis: Qual era a sua idade quando seus familiares descobriram que você ficou surdo?

M – Bom, na verdade, foi na primeira gravidez da minha mãe. Minha irmã era surda. Minha mãe achava estranho por que chamava e ela não escutava, sabia que tinha algo de diferente acontecendo. Ela chegou a levar minha irmã ao médico pensando que ela estava doente e só então descobriu, ficou sabendo que ela era surda. Foi um momento difícil, mas ok. Quando ela engravidou do segundo filho, que era eu, também era surdo. E o terceiro, meu irmão, também é surdo.

P – Três? Nossa.

M – Sim, é genético. Depois de investigar minha família o médico disse que 90% dos genes da minha mãe, e 10% do meu pai produzem a surdez nos filhos. Foi uma coincidência, sem combinar nada. Então é por isso, é genético.

P – Existem outras pessoas surdas na sua família?

²³ Nome fictício.

M – Sim. Meu bisavô por parte de mãe é surdo. Tenho também um tio e um primo que são deficientes auditivos. Então meus pais já tinham esses genes e quando se juntaram tiveram três filhos surdos.

P – Ah, então na sua família são três surdos. Entendi, legal. A sua família se comunica em Libras?

M – Bom, na verdade meu pai e minha mãe sabem Libras por que quando eu tinha quatro anos entrei no INES, eles me colocaram lá e eu comecei a fazer curso de Libras. Minha mãe também, e acabou ensinando para meu pai. Nós temos muito contato, muita intimidade, principalmente com minha mãe. Também com meu pai, mas ele tem menos tempo, trabalha como motorista. Mas os outros membros da família conseguem sinalizar apenas um pouco comigo, usam um pouco de Libras básico junto com oralização. Mas com meus pais, que me acompanham mais, me levavam pra escola, para igreja, para passear... Eles estão mais acostumados a utilizar sinais.

P – Ah entendi então você sinaliza desde sempre?

M – Não, com quatro anos, quando entrei no INES. Antes disso, minha mãe utilizava sinais caseiros comigo como “água” e outros sinais simples junto com oralização. Só com quatro anos comecei a aprender mesmo e uso Libras até hoje.

P – E a sua irmã mais velha? Usava Libras?

M – A minha irmã mais velha usava gestos caseiros, não sabia Libras. Ela usava oralização, gestos. Quem aprendeu Libras fui eu e meu irmão mais novo. Ela não, só utilizava gestos mesmo.

P – Ah entendi. E qual idade ela tinha?

M – Ela tinha 9 anos.

P – Então ela hoje ela tem...?

M – 28 ou 29 anos, por aí...

P – Entendi. Estou tentando imaginar como seria a comunicação da família.

M – Na verdade a minha família é desse jeito que falei, mas minha irmã faleceu há muito tempo. E só seguimos dois irmãos.

P – Hum entendi. Então na sua família você começou a aprender e se comunicar em Libras com quatro anos que foi quando seus pais aprenderam.

M – Isso.

P – Então seus pais e irmãos se comunicavam por sinais em casa.

M – Bom meu irmão quando tinha 2 anos ele começou a aprender Libras junto com todo mundo e utiliza até hoje.

P – Ok, legal. Você falou que entrou na escola com 4 anos. E antes disso? Como era?

M – Antes disso eu estudava no jardim de infância numa escola com ouvintes. Tentava aprender a ler, mas a professora só oralizava, todo mundo era ouvinte e eu não aprendia nada. Tentava escrever alguma coisa como as outras as crianças. Quando entrei no INES aí sim, aí foi direto sinalizando. Antes disso nunca estive em nenhuma escola pública ou particular que utilizasse Libras.

P – Essa escola que você falou antes da prefeitura ou particular...

M – Particular

P – Certo, particular. E depois com 4 anos você entrou no INES. E seu irmão mais novo também?

M – Não, ele foi direto pro INES até agora. A minha irmã antes só em escola particular. Eu em escola particular e o INES, e meu irmão direto no INES, só lá.

P – E seu irmão tem quantos anos?

M – Agora ele tem 19 anos, já se formou no ensino médio.

P – Legal. Você estudou no INES, já respondeu. Na sua escola, você teve aulas de oralização e/ou de leitura labial? Como eram?

M – Sim. Alguns com alguns professores, a maioria deles sinalizava, mas alguns oralizavam e eu conseguia acompanhar por que eu estava acostumado, já praticava em casa então conseguia me desenvolver bem.

P – Na verdade quero saber sobre aulas e treinos de oralização.

M – Ah não isso eu nunca tive.

P – Certo. E na sua escola você tinha aula de Libras?

M – Sim no INES tinha aula em Libras. Na particular não. No INES tinha, é uma escola bilíngue. Não é um bilinguismo perfeito, mas é bilíngue.

P – Certo, mas no INES você teve aula de Libras? Que ensinam sinais?

M – Só de Libras, que um professor surdo dava. Que era uma aula sobre a língua, com as regras, os sinais...

P – Entendi. Era uma disciplina.

M – Isso, uma disciplina.

P – No INES, as disciplinas eram ministradas em que língua? Português ou Libras?

M – Hum, boa pergunta.

P – Por quê? Variava?

M – Sim, variava. Alguns faziam português sinalizado, outros sinalizavam muito bem, outros estavam começando. Tinha esses três tipos, dependia da pessoa.

P – E como você se comunicava com a maioria dos professores?

M – Bom, tinha professores surdos, professores que sabiam Libras há muito tempo, outros eu tentava me comunicar por que a gente fazia troca, eles me ensinavam português e ensinava Libras. Via que eles eram capazes de aprender, eram novatos. Outros já estavam acostumados, se comunicavam bem.

P – E com os funcionários? Na secretaria, na lanchonete, com o inspetor... Como você se comunicava?

M – Na verdade eu percebi que um dos inspetores da minha época era novato, não sabia Libras, a gente não se comunicava muito bem. O outro sabia Libras, e podia nos atender. Já a secretária sabia um pouquinho de Libras, acho que eles estavam fazendo curso. Também tinha uma pessoa na fonoaudiologia que não sabia Libras a gente tentava se comunicar escrevendo. Era assim que funcionava.

P – Ah então era como os professores, variava. Entendi. E com seus colegas? Como você se comunicava?

M – Os surdos?

P – Com todos.

M – Em Libras com os colegas, mas em casa com os vizinhos, ou quando entrei no cursinho eles perceberam que eu era surdo e se impressionavam comigo, e com minha dificuldade de comunicação, eu tinha que usar a voz, percebia que minha voz era diferente. Então comecei a ter que escrever. Usava um pouco de Libras, explicava que é uma língua... Foi um pouco difícil no começo. As pessoas tem pouca informação.

P – Ah certo, mas dentro da escola era só em Libras?

M – Sim, dentro da escola era só em Libras. Fora eu tinha um pouco de dificuldade, tinha que oralizar ou escrever.

P – Então você levava uma vida dividida, dentro do INES você usava Libras e fora não.

M – Isso.

P – Ok. Próxima pergunta: como você avalia sua capacidade de leitura e escrita em língua portuguesa?

M – Bom eu acho que português é importante pra mim, eu preciso me comunicar com a sociedade que não sabe Libras, preciso ler, conhecer, é importante ler e entender filmes, propagandas, livros de história, poesia... É importante, o português me ajuda nesse aspecto.

P – Certo, então você consegue ler bem...

M – Sim, eu tenho pouco de dificuldade. Algumas palavras que não conheço, eu marco pra depois procurar no dicionário, ou peço ajuda para minha mãe, ou eu busco me informar, peço para um colega, um intérprete... Algumas palavras básicas eu consigo entender bem, mas tem umas que eu não conheço, são mais antigas, não se usa muito, essas eu preciso procurar.

P – E você procura onde? Dicionário, internet...

M – Primeiro vejo no dicionário, se não conseguir procuro na internet ou peço pra minha mãe adaptar pra mim, mas ela não sabe muito de Libras aí eu peço para um colega, um intérprete...

P – Como você avalia a formação que recebeu na escola para lidar com a sociedade de maioria ouvinte? O INES te preparou bem?

M – Bom, o INES me ajudou a me desenvolver o português. Mas quem me ensinou a lidar com a sociedade foi minha família.

P – No INES você tinha aulas de coisas como ir ao banco, ou ir ao supermercado, ou como resolver problemas que um surdo poderia ter?

M – Não, nada.

P – Então você aprendeu essas coisas com a família

M – Sim, com a família. Também com alguns amigos surdos que me ajudavam. Se eu tiver dificuldade eu me comunico escrevendo. Se a pessoa sabe um pouco de Libras eu tento sinalizar e escrever. Ainda posso usar minha voz. Tenho essas três opções.

P – Entendi, legal. Encerramos as perguntas sobre escola, vamos falar sobre outro assunto agora. Durante sua infância e adolescência você utilizava algum aparelho tecnológico para se comunicar à distância?

M – Sim, no começo eu utilizava o computador. MSN, Orkut, comecei a ter contato com pessoas que falavam sobre Orkut, os familiares falavam sobre Orkut... E eu comecei a utilizar primeiro o Orkut, depois MSN, depois tive contato com o Oovoo. Foram meus primeiros contatos com tecnologia.

P – Legal! Você já falou, mas vou perguntar outra vez. Quando você começou a ter contato com pessoas surdas fora da escola? Como foi?

M – Sim, eu tinha contato no Oovoo, também no MSN. Antes na verdade era no Orkut, os surdos se encontravam e marcavam se falar no MSN, mas para conversar com muita gente interagindo em grupo utilizávamos mais o Oovoo. Eu via alguns sinais diferentes, tentava entender, tinha contato com surdos não só do Rio, mas também de outros lugares que eu nem sabia que existia! Lá a gente conversava, batia papo, contava piadas... Com surdos do Brasil inteiro então a tecnologia despertou meu interesse.

P – Isso foi quando mais ou menos?

M – Ah eu acho que foi entre 2007, 2008, 2009... Que foi quando surgiu o Orkut e o Oovoo. Mas depende da rede social, talvez tenha surgido antes. Mas eu comecei a ter contato com os surdos nessa época.

P – E você tinha quantos anos?

M – Mais ou menos 10 ou 11.

P – Certo. E fora da escola? Você se encontrava com surdos?

M – Sim, a gente marcava festa junina, eu ia conhecer, bater papo. Nesses lugares eu comecei a fazer amizades com surdos de outras escolas. Ou outro tipo de festa, de encontro de surdos para interação. Isso se somava com a tecnologia, que a gente já batia papo.

P – Os seus amigos do INES marcavam alguma coisa fora da escola?

M – Sim, a gente marcava com amigos que estudavam em escolas da prefeitura, no INOSEL, alguns poucos em escolas particulares... A gente combinava de se encontrar para conversar, bater papo. Outros usavam mais a internet. Alguns usavam a internet para combinar os encontros. Hoje todos usam mais o Facebook e esses encontros acabaram acontecendo menos.

P – Legal. Você tem contato com surdos de outras cidades? Desde quando?

M – Sim, eu tenho amigos em Porto Alegre, Natal, Bahia, São Paulo, Minas Gerais eu tenho um só... São Paulo tenho mais. Essa pessoa de Porto Alegre veio estudar no INES, não gostou, voltou pra lá e a gente continua mantendo contato. Uma amiga de infância se mudou para a Inglaterra. A gente continua conversando até hoje. A mãe dela casou com o padrasto dela e levou a família toda pra lá. A gente conversa de vez em quando, mesmo ela tendo esquecido um pouco dos sinais do Brasil, lá ela usa BSL*. Tentando conversar ela percebeu que estava esquecendo um pouco de Libras, a gente tentava adaptar à língua de sinais de lá e a continua conversando. Ela tem a mesma idade que eu, acho que foi embora com uns 10 ou 11 anos, mas continuou estudando lá.

P – Essa você já respondeu, só para conferir, pergunta número 24: Qual foi o primeiro meio de comunicação eletrônico que você teve contato? Não só internet, qualquer meio para se comunicar a distância.

M – Hum (pausa). Acho que foi o Oovoo,

P – Não chegou a usar celular?

M – Não, comecei mesmo com a internet. Só depois de um tempo usei celular, depois de uns anos um smartphone principalmente por causa dos jogos que minha mãe me deixava jogando. Depois minha mãe me deu um celular para eu aprender a mandar mensagens simples pra dizer se chegou, ou se já saiu, hora de almoçar, etc... Mas primeiro mesmo foi no computador, que aprendi com minha mãe a utilizar. Primeiro pra aprender a brincar com os jogos, depois para mandar mensagem para os amigos, depois para o Facebook, mesmo com dificuldade com o português, mas a partir daí comecei a usar mais a internet.

P – Então primeiro você utilizou o computador, com Orkut.

M – Isso. Orkut, MSN, Oovoo. Depois eu comecei a usar o celular, inicialmente eu tinha só computador, mas depois comecei a usar o smartphone e não parei mais.

P – Certo. Pergunta 25: Como você imagina que os surdos se comunicavam com quem não estava próximo antes da internet?

M – É verdade... Eu penso que se não tivesse tecnologia, como eu iria encontrar outro surdo? Outra pessoa? Imagino a dificuldade para se comunicar. Eu acho que eu ia viver sozinho ou não iria conhecer nada, ia viver só com o que eu tinha contato local. E agora com internet é bem melhor. Imagino que eu não iria encontrar ninguém.

P – Imagina como seria com sua amiga da Inglaterra?

M – É mesmo. Ela iria mudar e não ia ter jeito. Não ia saber se ela está bem, se está estudando, o que está fazendo, não ia saber nada. A tecnologia me ajuda a saber como está a vida dela lá e isso é importante. A gente mantém contato e quem sabe podemos até nos encontrar.

P – Os surdos certamente deviam dar um jeito de se comunicar, mas como? Você imagina?

M – Não sei... Talvez os amigos combinassem de se encontrar em associações... Não sei. É difícil imaginar.

P – Então vamos para a pergunta 26: Como você busca informações/notícias hoje?

M – Notícias em busco em jornais. Quando era criança eu via jornais com minha mãe, tentava entender, depois os amigos surdos conversavam sobre o que estavam no jornal e assim eu me informava. Um amigo que lia e explicava. Depois eu via na internet, jornal.

P – Entendi. Então você usava jornal.

M – Isso, meu pai que lia. Eu via as imagens, pedia pra ele me explicar. Na maioria das vezes eu não entendia nada, não sabia ler. Digitava na internet, mas não entendia muita coisa. Depois que entrei no INES, durante o ensino fundamental, tive aulas sobre como funciona a estrutura de um jornal, e eu já conhecia um pouco por que meu pai lia. Se eu não tivesse esse contato anterior, acho que não entenderia as aulas.

P – Ah então no INES tinha aulas de como funciona um jornal?

M – Sim, aprendemos sobre título, parágrafo, legenda, resumo da notícia... Algumas palavras importantes, legenda de filme, poesia... Isso tudo aprendi lá.

P – Pergunta 27: Existe algum sujeito surdo que você considera uma referência?

M – (Reflete balançando a cabeça negativamente)

P – Pode ser alguém que tenha feito algo como um vídeo ou arte...

M – Não...

P – Algum contador de história, ou professor...

M – Não, não mesmo.

P – Beleza, não tem problema. Vamos para a pergunta seguinte. 29: Você acredita que a tecnologia da comunicação alterou a forma do surdo se relacionar com ouvintes?

M – Eu acredito que foi muito importante, me ajudou a me comunicar com a sociedade ouvinte para ter contato, conhecer coisas... Foi muito importante. Por que se eu não consigo sozinho eu posso aprender com alguém que não está próximo, ou procuro sozinho e consigo aprender rápido.

P – E você acha que a tecnologia ajudou os surdos a terem contato com outros surdos?

M – Sim! Comunicação a distância, vídeo chamada, bate papo, jogos... Tudo visual, em Libras. Sim, ajudou muito. O surdo pode usar conversar em Libras, pode conversar por escrito também, a gente se entende. Mas é mais fácil com a vídeo chamada por que fazia chat em grupo, com várias câmeras ao mesmo tempo, era muito divertido.

P – Que legal. Você gostaria de comentar alguma coisa sobre sua experiência enquanto surdo e usuário de tecnologia?

M – Olha, eu acho que a tecnologia é muito importante para nós surdos. Não só para os surdos, mas para a sociedade em geral. Para se comunicar a distância, da pra bater papo com pessoas que estão longe como essa minha amiga que mora na Inglaterra. A tecnologia nos ajuda a interagir, é muito importante. Me ajuda no meu desenvolvimento, me deixa muito feliz.

P – Bom, é isso. Gostaria de te agradecer mais uma vez pela entrevista. Obrigado!

M – Por nada.

APÊNDICES

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM PARA FINS DE PESQUISA

Eu, _____, inscrito(a) no o CPF de número _____ autorizo a utilização da minha imagem, na qualidade de participante/entrevistado(a) voluntário(a) no projeto de pesquisa intitulado **“Ensaio crítico sobre as experiências de indivíduos surdos: do uso das línguas de sinais ao das linguagens visuais das novas tecnologias da comunicação”** sob responsabilidade de Felipe Teles Sampaio, inscrito no CPF de número 118.714.497-58, vinculado ao Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Minha imagem pode ser utilizada apenas para análise por parte do pesquisador, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas e atividades educacionais.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem por qualquer meio de comunicação, sejam televisão ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação à minha imagem é de responsabilidade do pesquisador responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Felipe Teles Sampaio

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____

Perguntas para entrevistas 1 e 2

Identificação

1. Nome
2. Idade
3. Onde nasceu?
4. Formação
5. Profissão

Aquisição de Linguagem/formação escolar

6. Qual era a sua idade quando seus familiares descobriram que você é/ficou surdo(a)?
7. Como se comunicava com seus familiares?
8. Com que idade você aprendeu Libras?
9. Seus familiares sabiam Libras?
10. Com que idade você entrou na escola?
11. Onde você estudou?
12. Na sua escola, você teve aulas de oralização e/ou de leitura labial? Como eram?
13. Na sua escola, você teve aulas de Libras? Como eram?
14. Na sua escola, as disciplinas eram ministradas em que língua?
15. Na sua escola, como você se comunicava com os professores?
16. Na sua escola, como você se comunicava com funcionários (secretária, inspetor, merendeira, etc)?
17. Na sua escola, como você se comunicava com seus colegas?
18. Como você avalia sua capacidade de leitura e escrita em língua portuguesa?
19. Como você avalia a formação que recebeu na escola para lidar com a sociedade de maioria ouvinte?
20. Algo na sua trajetória escolar que queira comentar?

Socialização e tecnologia

21. Durante a infância e adolescência, você utilizava algum aparato tecnológico para se comunicar à distância?
22. Durante a infância e adolescência, você tinha contato com outros surdos fora da escola? Desde quando? Em que lugares?
23. Você tem contato com surdos de outras cidades? Se sim, como e desde quando?
24. Durante a infância e adolescência, como você se comunicava com quem não estava próximo?
25. Qual foi o primeiro meio de comunicação eletrônico que você teve contato? Quando isso ocorreu?
26. Como você buscava informações/notícias há 30 anos?
27. Como você buscava informações/notícias há 20 anos?
28. Como você buscava informações/notícias há 10 anos?
29. Como você busca informações/notícias hoje?
30. Existe(m) algum(a/uns) sujeito surdo que você considera uma referência? Quem? Como entrou em contato/conheceu?
31. Existem materiais produzidos por sujeitos surdos que marcaram sua trajetória de vida?
32. Você acredita que a tecnologia da comunicação alterou a forma do surdo se relacionar com ouvintes?
33. Você acredita que a tecnologia da comunicação alterou a forma do surdo se relacionar com outros surdos?
34. Gostaria de acrescentar algo sobre sua experiência enquanto surdo usuário de tecnologia?

Perguntas para entrevista 3

Identificação

1. Nome
2. Idade
3. Onde nasceu?
4. Formação
5. Profissão

Aquisição de linguagem/formação escolar

6. Qual era a sua idade quando seus familiares descobriram que você é/ficou surdo(a)?
7. Como se comunicava com seus familiares?
8. Com que idade você aprendeu Libras?
9. Seus familiares sabiam Libras?
10. Com que idade você entrou na escola?
11. Onde você estudou?
12. Na sua escola, você teve aulas de oralização e/ou de leitura labial? Como eram?
13. Na sua escola, você teve aulas de Libras? Como eram?
14. Na sua escola, as disciplinas eram ministradas em que língua?
15. Na sua escola, como você se comunicava com os professores?
16. Na sua escola, como você se comunicava com funcionários (secretária, inspetor, merendeira, etc)?
17. Na sua escola, como você se comunicava com seus colegas?
18. Como você avalia sua capacidade de leitura e escrita em língua portuguesa?
19. Como você avalia a formação que recebeu na escola para lidar com a sociedade de maioria ouvinte?
20. Algo na sua trajetória escolar que queira comentar?

Socialização e tecnologia

21. Durante a infância e adolescência, você utilizava algum aparato tecnológico para se comunicar à distância?
22. Durante a infância e adolescência, você tinha contato com outros surdos fora da escola? Desde quando? Em que lugares?
23. Você tem contato com surdos de outras cidades? Se sim, como e desde quando?
24. Qual foi o primeiro meio de comunicação eletrônico que você teve contato? Quando isso ocorreu?
25. Como você imagina que os surdos se comunicavam com quem não estava próximo antes da internet?
26. Como você busca informações/notícias hoje?
27. Existe(m) algum(a/uns) sujeito surdo que você considera uma referência? Quem? Como entrou em contato/conheceu?
28. Existem materiais produzidos por sujeitos surdos que marcaram sua trajetória de vida? Quais?
29. Você acredita que a tecnologia da comunicação alterou a forma do surdo se relacionar com ouvintes?
30. Você acredita que a tecnologia da comunicação alterou a forma do surdo se relacionar com outros surdos?
31. Gostaria de acrescentar algo sobre sua experiência enquanto surdo usuário de tecnologia?